

359



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Proc: 164

LIV.-	01
PAG.-	04
REG.-	105

TÍTULO DA PEÇA: " O SEGUNDO TIRO "

AUTOR DA PEÇA: " ROBERT THOMAS "

DISTRIBUIÇÃO

REQ: ROMANO DOMINGUES

PROT: 03298/16-966

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

TEATRO

158-GB

XXXXX DA PEÇA - O SEGUNDO TIRO

XXXXXX AUTOR - ROBERT THOMAS

PROIBIDO PARA

13 NOVEMBRO 68

MENORES ATÉ 16

13 NOVEMBRO 67

ANOS E PARA TE

LEVISÃO

A. ROMERO LAGO



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DELEGACIA REGIONAL - GUANABARA
SEÇÃO DE CENSURA FEDERAL

Título da Peça : **O SEGUNDO TIRO**
 Autor : **Robert Thomas**
 Tradutor : **Luiz de Lima**
 Adaptador :
 Diretor :
 Produtor : **Cia. Teatral Afif Fiani Empresário**
 Teatro : **Ginástico**
 Exame Requerido em : **07 de novembro de 1967**
 Data do Ensaio Geral : **12 de novembro de 1967**

*Eu fiz o parecer
 dos Censores, apesar de
 o conteúdo offi-
 bitar pt menores de
 16 anos e pt televisivo
 Em 13.11.67
 Afif Fiani*

Parecer Sobre O Texto .. Um policial ciumento desconfiado da infidelidade da esposa simula uma viagem. Após a sua partida entra em cena Patrik, antigo amante de sua mulher, sendo a conversa entre os dois gravada num aparelho colocado dentro de um relógio na sala. Ao regressar da fictícia viagem o policial ouve a gravação e para sua satisfação a mulher havia brigado com o amante pois não o queria mais ver, e que só amava o marido, conversa esta preparada para iludir o policial. Patrik tenta extorquir dinheiro do marido, pois que não satisfeita sua exigência iria denunciar a mulher como assassina do seu primeiro marido. O policial resolve pagar ao amante a quantia pedida e deixa com a mulher o dinheiro para entregá-lo, convencendo-a porém, a matar o amante deixando em suas mãos um revólver. Ao chegar o amante para receber o dinheiro os dois gozam a inocência do marido que acreditara na reabilitação da esposa sujeitando-se a pagar aquela grande quantia. A mulher, porém, pessoa de má índole e ambiciosa resolve matar o amante dando-lhe o primeiro tiro. Chega o marido e após travarem uma conversa, a mulher resolvendo livrar-se do marido também para ficar com toda a fortuna dá-lhe o segundo tiro caindo ao solo o esposo. Neste momento chega um colega de policial que tinha conhecimento dos dois pretendidos assassinatos, e após a tentativa da mulher em mandá-lo embora, e que não consegue, descarrega todas as balas da arma no camarada. Para surpresa de ambos nada acontece, levantando-se então o marido e explicando que havia colocado somente uma bala verdadeira, pois tinha certeza da infidelidade da esposa, que iria agora para a prisão.

Não contém o texto palavras consideradas pornográficas.

Brasília, 21 de fevereiro de 1968

AO EGRÉGIO CONSELHO DELIBERATIVO
DA FUNDAÇÃO CULTURAL DO DF

A abaixo assinada MÁRCIA COUTO BARRETO proprietária da Cia Teatral MÁRCIA DE WINDSOR Ltda. vem proferir aos Senhores Membros do Egrégio Conselho Deliberativo da Fundação Cultural do Distrito Federal que reexaminem a proposta para apresentação em Brasília, no Teatro Martins Penna da peça de Robert Thomas "O SEGUNDO TIRO".

O pedido de reexame se prende aos seguintes fatores:

- a) nova direção de consagrada nome de teatro brasileiro Sérgio Vietti e cenários de Fernando Pamplona.
- b) novo elenco constituído de Ítalo Rossi (Patrice), Hélio Ary (Olivier Leneir), Márcia de Windsor - (Susane Leneir) e José de Freitas (detetive), o que dará ao texto uma melhor perspectiva de interpretação, graças aos inegáveis méritos dos artistas recém-contratados.
- c) figurines de Hugo Rocha
- d) reestruturação geral da direção e montagem, uma vez que a original, dirigida por Benedito Corsi, não atendia as necessidades da produção.

Per estes motivos vem solicitar do Conselho Deliberativo que reexamine a referida proposta contida no processo 61/68-FCDF que leve em conta a intenção, já obtida pela Empresa, de apresentar em Brasília um espetáculo de alto nível. Para tanto gostaríamos de acrescentar que viajamos sob auspícios de Serviço Nacional de Teatro (SNT) dentro do Plano de Popularização de Teatro Brasileiro.

Para a apresentação em Brasília no período de 13 a 17 de abril, no Teatro Martins Penna seriam necessários:

- a) 8 passagens Belo Horizonte-Brasília-Manaus
- b) estadia no Hotel Nacional de Brasília ou no Brasília Palace Hotel, no período de 12 a 18 para 7 pessoas e de 7 a 18 para o Administrador da Empresa.

- e) diárias de alimentação para 8 pessoas a 6 dias a preço unitário de N \$ 15,00 (quinze cruzeiros novos)
- d) cessão de Teatre Martins Penna
- e) publicidade
- f) transporte em Brasília, para elenco e técnicos
- g) transporte de cenário de Belo Horizonte-Brasília
- h) Renda líquida da bilheteria

Ficando com a Companhia MÁRCIA DE WINDSOR Ltda. os

engargos de:

- a) realizar um espetáculo gratuito para a Fundação Cultural de DF, no dia 13 às 21 horas, e que seria para convidados de Exmo. Senhor Prefeito do Distrito Federal.
- b) cartazes e faixas para publicidade em rua
- c) programas para distribuição e venda ao público
- d) montagem de cenário e parte elétrica
- e) realizar 6 espetáculos
- f) 10% da taxa de aluguel de Teatre
- g) 50 convites por sessão para convidados da FCDF

Para a presente proposta junta um texto original já censurado e a ficha técnica da Empresa para a apresentação de Segundo Tiro em Brasília.

Aproveita a oportunidade para agradecer a colaboração que vem prestando o Egrégio Conselho Deliberativo do Teatre brasileiro.

Respeitosamente.

MÁRCIA COUTO BARRETO

"O SEGUNDO TIRO"
de Robert Thomas

tradução de Luis de Lima
de original "Le Deuxième coup de Feu"

direção: Sérgio Vietti
cenários: Fernando Pamplona
figurinos: Hugo Rocha

elenco

MÁRCIA DE WINDSOR Susane Lenseir
ÍTALO ROSSI Patrice
HÉLIO ARY Olivier Lenseir
JOSÉ DE FREITAS Detetive

técnicos

diretor de cena Nanele
maquinista chefe Elias Centursi
eletricista Adelar Elias

diretor de Produção Lúcio Flávio

PRODUÇÃO DA CIA TEATRAL MÁRCIA DE WINDSOR LTDA



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0103, p. 8

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

N.º DE REGISTRO **105/68**

TÍTULO ~~EXIBIÇÃO DA PEÇA:~~ **O SEGUNDO TIRO**

PRODUTOR ~~EXIBIÇÃO~~ AUTOR: **ROBERT THOMAS**

Aprovado pelo S. C. D. P. (§ 1.º do art.º 7.º do Decreto 20.493, de 24/1/46,
e Decreto 1.134, de 4-6-62)

Válido até **1º** de **MARÇO** de 19 **69**

Brasília, **1º** de **MARÇO** de 19 **68**

**IMPRÓPRIO
ATÉ 10 ANOS**

Manoel Felipe de Souza Leão Neto
MANOEL FELIPE DE SOUZA LEÃO NETO

Chefe do S. C. D. P.



ILMO. SR. CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA E DIVERSÕES PÚBLICAS DO
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

R. 105/68

A abaixo assinada MÁRCIA COUTO BARRETO proprietária da CIA. TEATRAL MÁRCIA DE WINDSOR, ven mui respeitosa-mente solicitar de V.S. que se digne a examinar para fins de re-censura o texto de Robert Thomas, em tradução de Luis de Lima, - "O SEGUNDO TIRO", e que seja emitido o respectivo certificado de recensura, ou confirmado o atual.

Anexo ao presente encontram-se dois textos autênticos da peça.

Atenciosamente

Marcia Couto Barreto
MÁRCIA COUTO BARRETO

*Pro Censor A.F. de Syllos
para examinar
Em 22/2/68
Goulet*

M. J. D. P. F.
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
Protocolo N.º 1193
Em 21 / 02 / 1968

RECEBI O PROGRAMA ANEXO
Em 01 de Março de 1968

Parer

Proibido para
menores de 10
(dez) anos, por
não ser propi-
eia ao publico
infantil.

Bran'lia 1/3/68





BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0103, p-12

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

TEATRO

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

N.º DE REGISTRO..... 158-GB

TÍTULO DO FILME ~~XXXXXX~~ DA PEÇA - O SEGUNDO TIRO

PRODUTOR ~~XXXXXX~~ AUTOR - ROBERT THOMAS

Aprovado pelo S. C. D. P. (§ 1.º do art.º 7.º do Decreto 20.493, de 24/1/46, e Decreto 1.134, de 4-6-62)

PROIBIDO PARA

Válido até 13 de NOVEMBRO de 19 68

MENORES ATÉ 16

Brasília 13 de NOVEMBRO de 19 67

ANOS E PARA
LEVISAR



[Assinatura]
Chefe do S. C. D. P.
A. ROMERO LAGO

CERTIFICADO N.º 158/GB

PEÇAS TEATRAIS

Certifico que, revendo os livros de registro de ~~filmes cinematográficos~~
encontrei sob o n.º....., livro....., o registro da ~~obra~~ PEÇA
denominada..... " O SEGUNDO TIRO "

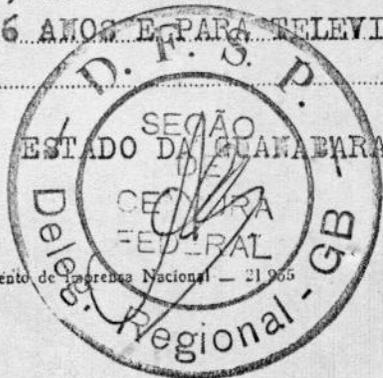
~~proprietário~~ ANTOR: ROBERT THOMAS

domiciliado à.....

~~proprietário~~ PRODUTOR: CIA. TEATRAL AFIF FIANI EMPRESÁRIO

com..... ~~metros~~ 1..... cópias, censurado em 13 de NOVEMBRO..... de 19 67..

O Serviço de Censura de Diversões Públicas resolveu que o referido filme,
de acôrdo com o ~~Decreto nº 20.493 de 24/1/46~~ ~~Decreto nº 20.493 de 24/1/46~~ ~~Decreto nº 20.493 de 24/1/46~~
~~Decreto nº 20.493 de 24/1/46~~ ITEM 7, PARÁGRAFO 1º DA PORTARIA SCDP -
11/67, FOSSE LIBERADA PARA REPRESENTAÇÃO, COM PROIBIÇÃO PARA MEMORES
ATÉ 16 ANOS E PARA TELEVISÃO.



Departamento de Imprensa Nacional - 21.965

..... 13..... de..... NOVEMBRO..... de 19 67.....
Joseleite Otati
SECRETÁRIO
JOSE LEITE OTATI
CHEFE DA SCF/DR/GB/DPF

Cell Time

AP

R-105/68

"O SEGUNDO TIRO"

COMEDIA POLICIAL

EM 2 ATOS

E 4 CUADROS

DE ROBERT THOMAS

TRADUZIDA POR

LUIS DE LIMA

Lima

*Revisada por mim em 10 de dezembro de 1961
su propriedade para
publico infantil
BR 11-13/61*

[Signature]

PERSONAGENS:

O ENTREGADOR

OLIVIER

SUZY

GABRIEL

PATRIK

"O SEGUNDO TIRO"PRIMEIRO ATOI QUADROCENÁRIO ÚNICOINTERIOR DE UMA VILA EM ESTILO BRETÃO.

DO LADO DIREITO: UMA IMENSA JANELA DE VIDROS (COM GRANDES CORTINAS) NOS MOSTRA UM LARGO TERRAÇO RODEADO POR UMA CÉRCA. CADEIRAS DE JARDIM E GUARDA-SOL. DEPOIS, ARBUSTOS, PLANTAS, ETC E A PAISAGEM: O GOLFO DE MORBIHAN. À DIREITA? PERCEBE-SE UM CAMINHO QUE TRAZ ATÉ A CASA. É A ENTRADA.

AO CENTRO: UMA ESCADA DE MADEIRA ENCERADA QUE CONDUZ AO PRIMEIRO ANDAR. ESTÁ FECHADA A UMA CERTA ALTURA POR UMA PORTA. É O CORREDOR QUE CONDUZ AO QUARTO.

DO LADO ESQUERDO: PORTA QUE LEVA À COZINHA. LAREIRA EM PEDRA; GRANDE ESCRIVANINHA SOBRECARRREGADA DE LIVROS, ETC. MOBILIÁRIO RÚSTICO, UM POUCO BARRÓCO: CANAPÉ, POLTRONAS, ABAJURS, ESTANTES DE LIVROS, PEQUENO BAR PORTÁTIL, DOIS BIOMBOS, ETC.

PRIMEIRO ATO: UM FIM DE TARDE. HORIZONTE ROSADO. SOL OBLÍQUO. A CENA PERMANECE VAZIA DURANTE ALGUNS SEGUNDOS DEPOIS OUVE-SE O TOQUE DA CAMPAINHA DO PORTÃO DO JARDIM, FORA DE NOSSA VISTA E UMA VOZ QUE GRITA:

A VOZ

Olá! Não tem ninguém? Olá! (SURGE UM RAPAGÃO, COM UM AVENTAL DE TRABALHO E QUE CARREGA UM VOLUMOSO PACOTE AMARRADO)

O ENTREGADOR

Como é? Não tem ninguém aqui?

OLIVIER

(DE FORA) Quem está aí?

ENTREGADOR

Trabuco-Transportes! Uma encomenda expressa!

OLIVIER

(DE FORA) Uma encomenda?

ENTREGADOR

(LENDO NO PAPEL) "Senhor Olivier Lenoir, vila do Cap des Mou

des Mouettes.

OLIVIER

(ENTRA PELA PORTA DO QUARTO) Sim, sou eu. É aqui mesmo.

ENTREGADOR

Fiquei com medo que não tivesse ninguém.

OLIVIER

Quando se está no quarto, não se ouve nada!

ENTREGADOR

Gracinha! Não andei êste caminho todo a pé para nada! Meu caminhão não passava pelo caminho! Fiz cento e cinquenta metros no pedestre mesmo!

OLIVIER

(QUE OLHOU A ETIQUÊTA, SORRINDO) Assh! Já sei o que é! Vocês foram rápidos, hein!?

ENTREGADOR

(RINDO) Trabuco-Transportes! Expresso!

OLIVIER

É um presente para minha mulher!

ENTREGADOR

Tem que assinar aqui... (OLIVIER ASSINA) Eu não conhecia o senhor. O senhor é novo na região, não é?

OLIVIER

Sim, nós alugamos esta casa para passar as férias.

ENTREGADOR

O ar da Bretanha é muito bom, hein?! Parece... Eu não sei muito bem. Nunca saí daqui, da Bretanha!

OLIVIER

(DANDO-LHE UMA BOA NOTA) Tome... para você!

ENTREGADOR

(SATISFEITO) Oooh! Obrigado, viu! Obrigado... Se o senhor quiser, eu posso abrir a caixa...

OLIVIER

Ótimo! deve ser frágil...

ENTREGADOR

(PISCANDO O ÔLHO) Nunca se sabe! Em caso de quebrar...

~~Trabalho~~Transportes reembolsa... (CORTA OS CORDÕES) O senhor é de Paris?

OLIVIER

Sim, de Paris.

ENTREGADOR

Ah! Paris, hein? Paris, ah, lá, lá! Pigalle!

OLIVIER

(SORRINDO) Sim. Como você diz! Pigalle!

ENTREGADOR

Infelizmente, não tenho tempo, no meu serviço, de ir a Pigalle.

OLIVIER

Então, mude de serviço!

ENTREGADOR

(RINDO ÍNTIMO) E o senhor que é que faz, gordinho?

OLIVIER

(HESITANTE, SORRI E LHE DIZ) Sou comissário de divisão na Polícia Judicial.

ENTREGADOR

Ah? Tanto pior! (TOMA UM AR COMPUNGIDO E TERMINA DE ABRIR O PACOTE) Toc'. Pronto! (DESFAZ O EMBRULHO E AFASTA A PALHA) Oh! um carrilhão! Que beleza!

OLIVIER

Cuidadinho, cuidadinho! (TIRAM UM RELÓGIO GRANDE E BARRÔCO, ESTILO ANTIGO, ROCOCÓ) Tome, ponha-o ali...

(COLOCAM O OBJETO SOBRE UM MÓVEL NO CENTRO DA CENA.)

ENTREGADOR

Que beleza.

OLIVIER

... meio fora de moda! Minha mulher viu numa loja em Brest e ficou morrendo de vontade... Mandei que viesse em segredo para lhe fazer uma surpresa!

ENTREGADOR

As mulheres gostam bem de surpresas! Principalmente quando

Isto não veio de Brest, senhor, mas de Paris... (LÊ: "Atelier de Mecânica da Prefeitura de Polícia").

OLIVIER

(SEM GRAÇA) Eu sei... eu sei... (RETIRA RÁPIDAMENTE A ETIQUETA) Se o senhor quer ser gentil, carregue com a caixa, depressa! (DÁ-LHE OUTRA NOTA)

ENTREGADOR

Com prazer, senhor... muito obrigado! (TELEFONE TOCA)

OLIVIER

Adeus, meu caro, adeus.

ENTREGADOR

Sou eu que... (O MESMO TEMPO QUE OLIVIER ATENDE E FALA, O ENTREGADOR CARREGA A CAIXA)

OLIVIER

Aiô? Sim, sou eu... Ah? É você? Fernando, meu velho! Como vai? Eu, muito bem. Em três de maio esplêndido, repousei completo. Passeio de barco pelo golfo de Morbihan. Sim, aluguei uma casa maravilhosa, calma, muito isolada, a beira-mar... Minha mulher vai muito bem, somos muito felizes... Ela foi até Vannes fazer compras. Eu darei as suas lembranças. (OLIVIER DÁ ADEUS COM A MÃO AO CARREGADOR QUE SE AFASTA, SATISFEITO COM A GORGETA E QUE DESAPARECE) Sim, meu caro, eu pedi a você que me chamasse da Polícia Judiciária porque queria fazer presente a você de um dossier que me enviaram... O caso... "Gondry". Olhe: pergunte ao secretário do Procurador. Eu lhe telefonei ontem. Ele está de acordo... Não, não, é muito natural... Oh! eu, meu caro, estou gozando a vida... Para mim Polícia acabou! E as investigações, idem! ...Pedi férias de um ano. Na porta do meu gabinete coloquei um aviso: "Fechado por motivo de felicidade". Sim, você tem razão... Mudei, sim! Isso dá vontade de rir? Você e os nossos colegas da Polícia Judiciária, sempre me viram agarrado ao trabalho... Mas é assim mesmo... Também tenho direito de ser feliz,,, (PELA JANELA DE VIDRO, VÊ-SE APARECER SUZY, QUE SEU MARIDO NÃO VIU CHEGAR. BELO CASACO, CHAMÉU CHIC, MUITOS EMBRULHOS, ELA ESCUTA COM UM SORRISO O FINAL DA CON-

...noite 6'. Na minha idade... Quisse quarenta e seis anos!... aprendo a viver, eu que nunca vivi. "É uma adorável cadelinha", como você diz... O leão se transformou em ermitão!... Adeus, Fernando... Lembranças aos colegas... Não, ao menos isso... Sim, não faltarei. Adeus.
 (DESLIGA. ELA O ABRAÇA E O BEIJA) Oh! Você me assustou!

SUZY

Então quer dizer que sou uma "adorável cadelinha" pra os seus colegas e para você, e você é um leão que se faz ermitão? Encantador!

OLIVIER

É muito feio escutar a conversa dos outros. É um abuso de confiança, minha senhora!

SUZY

Qual é a penalidade no Código Civil, senhor comissário de polícia?

OLIVIER

De quatorze a vinte e cinco dias de prisão.

SUZY

Já estou.

OLIVIER

Com seu marido?

SUZY

(COMICAMENTE) Ah! Não! Não é uma prisão! É uma penitenciária!

OLIVIER

(RINDO) Nada de suspensão de pena: um beijo!

SUZY

(ABRAÇANDO-O COM NUITA TERNURA) Pronto... (COLOCA O CASACO E OS EMBRULHOS DE LADO, FICA DE TAILLEUR ESPORTE) Que é que êle queria com você, êsse sujeito do telefone? (UM SILÊNCIO) ...Hein?

OLIVIER

(SE EMPERTIGANDO E TOMANDO UMA ATITUDE PARA MENTIR) Suzy... eu... bem... pronto: sou obrigado a viajar esta noite para Paris.

SUZY

Esta noite? Para Paris?

OLIVIER

Sim. Eles me chamaram para uma consulta importante sobre um processo...

SUZY

Oh! que chatura!

OLIVIER

Viu no que deu casar com um policial célebre?

SUZY

Você parte esta noite?

OLIVIER

Sim. É preciso. É urgente. Eu já tinha falado mais ou menos de manhã... Infelizmente! Não posso recusar!

SUZY

Vai amanhã, Olivier!

OLIVIER

(ESQUIVANDO) Impossível!... Eh! o advogado só tem um dia pra apresentar certos documentos. É preciso que eu dê uma olhadela no processo do camarada, ainda esta noite na Polícia Judiciária, mas estarei de volta amanhã.

SUZY

A única coisa que sei é que você me abandona e com a maior calma! Você que é tão ciumento! O rei dos tigres!

OLIVIER

Tenho razão ou não de ter ciúmes?

SUZY

Tem razão porque isso agrada às mulheres - obrigada! - e não tem, porque eu sou a mais fiel das mulheres - infelizmente! De qual quer modo, volta logo!

OLIVIER

Oh! nem uma voltinha, sequer! Você pode pedir à madame Robec para vir ficar aqui.

SUZY

Oh! Não! Deixe essa boa senhora tranquila. Já custei tanto a

convencô-la a vir aqui algumas horas para fazer o nosso serviço...
E depois, ter que aturar aquela carcassa velha... Obrigada...

OLIVIER

Você, sòzinha aqui! Não vai ter medo?

SUZY

Claro que não!

OLIVIER

Quer que deixe o revólver carregado?

SUZY

Oh! Isso ainda menos! Que idéia! Tenho pavor de revólveres!

OLIVIER

Sabe que é a primeira vez que vamos nos separar, depois de nos
so casamento, Suzy?

SUZY

É verdade! Você me telefonará logo?

OLIVIER

De hora em hora.

SUZY

E se eu fôsse com você?

OLIVIER

(REAGINDO DEPRESSA) Oh! não. Quatrocentos quilômetros pra ir,
quatrocentos para voltar! E depois, está um tempo horrível em Paris.

SUZY

Está bem.

OLIVIER

Já que está com o iate lá no embarcadouro, porque não dá uma
volta? Você que adora nadar horas seguidas em alto mar, aproveita,
amanhã de manhã.

SUZY

Como nos amolam êsses seus colegas da polícia de Paris... Você
está de férias! Tirou licença! Porque querem seus conselhos?

OLIVIER

Porque eu sou uma raposa astuta... e um velho policial...

SUZY

Oh! Velho, não! Olivier!

OLIVIER

Com você spu jovem outra vez... mas não posso lhe explicar isso... Ah! se eu tivesse vinte anos menos!

SUZY

Bela solução! Você teria vinte e seis anos e eu... cinco! Corrupção de menores! Qual é a pena?

OLIVIER

Cinco anos de prisão.

SUZY

Vê? Então é melhor ficarmos como estamos! De qualquer jeito, você tem trinta anos de coração e eu trinta anos de razão. Assim conseguimos um belo equilíbrio!

OLIVIER

Depois do nosso casamento, parece que cada dia rejuvenesço um ano!

SUZY

Pare de rejuvenescer, querido! Ou então, em breve vou segurar você nos braços, como um bebê!

OLIVIER

Oh! Vou lhes dar uma lição em Paris: direi cinquenta imbecilidades. Eles vão me achar idiota e... me deixarão em paz, definitivamente.

SUZY

(IRÔNICA) Oh! sim. E diga - também, que casou com uma mulher ciumenta que o amarra de noite ao pé da cama,,, (RIEM. NESTE MOMENTO ELA VÊ O RELÓGIO. PULA DE ALEGRIA) O relógio de Brest! Você comprou?

OLIVIER

Mandaram entregar há um quarto de hora.

SUZY

Adorei! É maravilhosQ!

OLIVIER

Não toque, olha que é muito frágil... (RINDO) Está faltando um ponteiro! Mandaremos consertar isso mais tarde!

SUZI

Obrigada, Olivier! Eu desejei tanto este relógio!

OLIVIER

Ah, sim? Porque então não me pediu com mais insistência?

SUZY

Você já tinha me dado tantos presentes! Você se casou comigo sem eu ter um centavo.

OLIVIER

Quer fazer o favor de calar a boca? Código civil: casamento sob o regime de comunhão de bens: tudo que é meu é seu!

SUZY

(UM POUCO EMOCIONADA) Vou dizer porque gostei tanto deste relógio, Olivier. Porque ele se parece com um relógio que havia lá em casa quando eu era pequena... Eu passava o tempo todo olhando para ele. Um dia, eu tinha oito anos, meu pai e minha mãe se divorciaram. Mamãe ficou comigo. E papai ficou com o relógio.

OLIVIER

(UM POUCO AMARGO) Muito bem! Você reencontrou o relógio... e um papai!

SUZY

(ZANGADA) Não é gentil dizer isso. Nem gentil para você, nem para mim.

OLIVIER

Desculpe. Eu sou um terrível pessimista. Estou sempre duvidando da minha felicidade. Ah! eu me acreditava um homem acabado!

SUZY

Você acha que iria me casar com um homem acabado? Claro que não! Nós temos o mesmo coração e a mesma idade, garanto! E vamos

cavalhecer Juntos.

OLIVIER

(COM UM ELA DE TERNURA) E dizer que eu sou ciumento deste anjo!

SUZY

Sim! Seu bobo! Olha, você me atrapalha! Ainda estou de chapéu!
(ELA TIRA O CHAPÉU)

OLIVIER

Ao som da música. (PÓS UM DISCO NA VITROLA. VALSA LENTA UM POUCO ANTIQUADA)

SUZY

Oh! A nossa valsa! Ainda! Você a toca todos os dias!

OLIVIER

Relembro o nosso encontro...no navio. (ELE ENCHEU DOIS COPOS DE PORTO E SE APROXIMA DELA. BRINDAM PARA SE DIVERTIR) Senhorita, quer tomar um drinque no bar?

SUZY

Com prazer, cavalheiro.

OLIVIER

Este cruzeiro é muito agradável, não acha?

SUZY

Muito.

OLIVIER

(APONTANDO NA DISTANCIA) Palma de Mallorca!

SUZY

Aaah! (BEBEM) Que é que o senhor faz, cavalheiro?

OLIVIER

Eh...bem...sou comissário na Polícia Judicial...Em férias!

SUZY

O senhor é famoso?

OLIVIER

No meio da ralé. Já é alguma coisa! Tenho grandes relações.

(RIEM)

SUZY

Para um policial, o senhor é muito engraçado... Como é que explica isso?

OLIVIER

Sou solteiro!

SUZY

Ah! É isso!

OLIVIER

Para uma bonita mulher eu acho - sim, porque eu a estou observando há três dias - eu acho que a senhora é muito séria. Como é que explica isso?

SUZY

Eu sou... viúva...

OLIVIER

(CONTENTE) Ah! viúva!... (RECOMPONDO-SE) Oh! desculpe. Viúva? Tão jovem?

SUZY

(RECORDANDO O PASSADO COM NOSTALGIA) Casada com dezenove anos. Marido insuportável. Iamos nos separar quando ele morreu acidentalmente. Há um ano. Estou ainda um pouco atordoada...

OLIVIER

Desnorteada?

SUZY

Desiludida.

OLIVIER

(SEGURANDO-A PELA CINTURA) Solitária?

SUZY

(RINDO) Seu tira safado! Oh! eu me entreguei a você na primeira noite. Como uma vagabunda. Como uma louca. O mal vem todo daí, Olivier.

OLIVIER

Não!

SUZY

Sim! Foi por isso que o ciúme apareceu!

OLIVIER

Eu nunca mais terei ciúmes, nunca mais! Está decidido!

SUZY

Você diz isso com o ar de um homem que vai tomar um purgante.

OLIVIER

Jurado sobre o Código Civil! (OLHANDO SEU RELÓGIO) Oh! é preciso preparar meus papéis! Senão acabarei me atrasando! (PARA O DISCO)

SUZY

Quanto a mim, vou cuidar do que é meu, tomar um banho e depois arrumo sua valise! (SOBE A ESCADA) De qualquer modo, se você continuar a me perseguir com suspeitas, saberei me vingar: beijarei na boca o primeiro desconhecido!

OLIVIER

(SHAKESPEARIANO) Ah! Ah! Ah! Não se esqueça que Otelo, louco de ciúmes, matou sua mulher!

SUZY

(IMITANDO-O) Ah! Ah! Ah! Não se esqueça também de um terrível detalhe! - que a mulher dêle estava inocente! (MUITO DEPRESSA, ELA SUBIU A ESCADA E DESAPARECEU PELA PORTA QUE SE FECHA, FICANDO SÓ, OLIVIER DÁ UM SHOW DE CIUMEIRA: TORCE AS MÃOS, DEPOIS REMEXE NA BOLSA DE SUA MULHER, DEPOIS VAI ESCUTAR ATRÁS DA PORTA, ETC. OLHA O INTERIOR DO RELÓGIO E PARECE CONTENTE. ENFIM, VAI ATÉ O TERRAÇO. ABRE UM GUARDA-SOL, FECHA, ABRE, FECHA, VÁRIAS VÊZES: NATURALMENTE QUE É UM SINAL. ESPERA APOIADO À BALAUSTRADA. LOGO, UM RUÍDO NA FOLHAGEM. SURGINDO DO JARDIM, O SENHOR GABRIEL APARECE NA BEIRA DO TERRAÇO. OS DOIS HOMENS SE APERTAM AS MÃOS, FALANDO EM VOZ BAIXA)

OLIVIER

Obrigado por ter atendido ao meu chamado, meu caro Gabriel.

GABRIEL

Estou sempre ao seu dispor! Tudo calmo?

OLIVIER

(INDO ESCUTAR NO CORREDOR DO QUARTO DO PRIMEIRO ANDAR E

VOLTANDO PARA GABRIEL) Sim. Minha mulher está trancada no banheiro e depois vai arrumar a minha valise... Ela está longe de supor o que eu estava preparando...

GABRIEL

Oh! não acho isso direito! Esta viagem fingida que o senhor inventou para surpreendê-la... Para surpreender Deus sabe o que. Nada! Não é digno de um homem como o senhor, Comissário... E o ciúme... Ora! Ora!

OLIVIER

(SÉRIO) Gabriel, o conheço profissionalmente e como amigo, há mais de doze anos. Pedi-lhe que viesse de Paris, onde você exercia suas funções de detetive particular, instalei-o no Hotel da Floresta, pago seus honorários sem discutir, encarrego-o de seguir minha mulher quando ela sai. Dispensio suas lições de moral.

GABRIEL

(BAIXANDO A CABEÇA) Não se zangue... Comissário.

OLIVIER

(GRITANDO) Não me chame o tempo todo de "Comissário"! (GABRIEL LHE FAZ "PSIU") Eu aqui sou o senhor Lenoir! E depois, se você toma sempre o partido de minha mulher contra mim, isto quer dizer que você está do lado dela! Ai está!

GABRIEL

Oh! Comissário! Estou um pouco aborrecido com as suas suspeitas! Há vinte e cinco anos que faço êsse trabalho de seguir pessoas e nunca... Oh! essa agora! (ELE ESTÁ TREMENDO)

OLIVIER

Acalme-se! Basta! Sente-se! Venham os fatos. Estou escutando!

GABRIEL

Bom. (TIRA SUA CADERNETA DO BOLSO E LÊ) Onze horas: sua esposa saiu daqui. Onze e vinte | comprou uma máquina fotográfica. Onze e meia: chegou ao Super-mercado onde fêz compras. Treze horas: almoça sòzinha, rapidamente, numa lanchonete. N.A.A. Na-

Nada a assinalar, é o que quer dizer: mais tarde foi ao horticultor.

OLIVIER

Que tipo?

GABRIEL

Velho. Fora de forma! Não há perigo. Impraticável. Eu tenho olho clínico.

OLIVIER

Ah? Bem. E depois?

GABRIEL

Entrou em várias lojas... Sempre N.A.A. Nada a assinalar!... Em seguida foi...

OLIVIER

(CORTANDO) Perfeito. Obrigado. Isto basta... Muito bem!

GABRIEL

Foi... Foi o que ela lhe contou?

OLIVIER

(SEM JEITO) ... Foi;

GABRIEL

(CONTENTE) Bom! O senhor vê?! (OLIVIER SUSPIRA) O senhor parece que ficou decepcionado...

OLIVIER

Não. Estou contente, Gabriel. Desculpe meu nervosismo de ainda há pouco...

GABRIEL

Ah! eu sei o que é isso, Comissário... Quero dizer, senhor Lenoir! É o costume! O mau humor dos ciumentos está sempre incluído no preço das diligências. Eu desculpo, é claro!

OLIVIER

(CORDIAL) Sempre solteiro, meu caro Gabriel?

GABRIEL

Oh! Não! Sempre em disponibilidade, isto sim... noivo de vez em quando, aqui e ali... Sou um eterno noivo. E depois, eu não encontrei ainda, como o senhor, a pérola rara. O senhor continua... apaixonado?

OLIVIER

Sim... Estou entre o céu e o inferno. O ciúme... não o desejo ao meu pior inimigo.

GABRIEL

Lá isso é!

OLIVIER

Espero que minha mulher não tenha desconfiado que estava sendo seguida.

GABRIEL

(ATINGIDO EM SEU RIGOR PROFFISIONAL) Oh! Comissário! Olhe bem para mim! Será que alguém nota a minha presença? Não! Eu sou anônimo. Sou sempre anônimo, impessoal... tanto que, quando me vejo num espelho nem me reconheço! Isto é uma espécie de dom da invisibilidade.

OLIVIER

Esse dom é precioso!

GABRIEL

Para o meu trabalho, é ótimo!... mas para a vida particular, é meio chato.

OLIVIER

(PARANDO DE SORRIR) Tome lá a sua semana. (ENTREGA-LHE UM ENVELOPE)

GABRIEL

Muito obrigado. Acho que posso voltar para Paris agora, não é?

OLIVIER

Não! Ainda não! Continuo decidido a fazer minha mulher cair numa armadilha. Daqui a uma hora, finjo que vou viajar. Você fica vigiando minha casa na minha ausência.

GABRIEL

(FILOSOFO) Bom! Vou me disfarçar em pescador de caniço! Ah! sua atitude ainda vai dar dor de cabeça!

OLIVIER

(SÉCO) Por que?

GABRIEL

Ora! Porque sua mulher é honesta. O senhor vê, não é meu interesse dizer isso, uma vez que quanto mais eu vigio, mais o senhor me paga, mas assim mesmo eu digo: ela não merece suas suspeitas. Está se vendo...

OLIVIER

Está se vendo o que?

GABRIEL

Ora! Nada! Ela não faz nada! Sua mulher não fala com ninguém nem põe cartas no correio, nem telefona de cabines públicas...

OLIVIER

Justamente. Quando eu estiver fora de casa ela vai poder telefonar, tranquilamente, daqui mesmo... Você não pode ficar atento às ligações dela?

GABRIEL

Oh! Não! Não é direito! só a polícia oficial pode fazer estas coisas que não são legais!

OLIVIER

Bem, não posso apelar para as minhas relações... E não quero... Foi por isso que tomei minhas providências. (DEPOIS DE TER TOR-NADO A OLHAR NO QUARTO DA MULHER, VAI ATÉ O RELÓGIO E O ABRE, MOSTRANDO UM SISTEMA DE GRAVADOR NO INTERIOR DO RELÓGIO. MOSTRA O MECANISMO A GABRIEL)

GABRIEL

Bem... é um gravador!

OLIVIER

... Sim. Comprei este relógio para minha mulher porque ela tinha vontade de possuí-lo e depois mandei instalar no interior um gravador muito sensível que funciona com pilhas. Para fazê-lo funcio-

nar, basta apoiar-se ali... Já usei este sistema com Lady Maxwell no caso do colar de ...

GABRIEL

Ah! eu me lembro! Me lembro também que a companhia de seguros de Londres lhe deu um belo presente que... Mas com a própria mulher... não se admite!

OLIVIER

É o que vamos ver! Tudo o que se disser nesta sala será integralmente gravado. Algumas horas depois de minha partida, virei escutar o testemunho fiel. Pronto! (ESFREGA AS MÃOS)

GABRIEL

Isto já não é mais ciúme, é masoquismo! Palavra. Eu seria capaz de dizer que lhe dá prazer ter notícias desagradáveis!

OLIVIER

Prefiro qualquer coisa desagradável à dúvida que me rói as entranhas, Gabriel. Se eu conseguisse apenas ouvir deste aparelho mágico uma verdadeira monstruosidade... eu estaria satisfeito, livre de minhas angústias... Meu cérebro funcionaria de maneira mais normal. É ridículo dizer... mas...

GABRIEL

Ora! Ora! Vamos! Sua gravação não dirá nada e o senhor ficará curado, seguro,

OLIVIER

Ah! Deus o ouça e me perdôe. Eu ficaria tranquilo e o futuro seria um mar de rosas. Não teria mais medo de um chamado telefônico, de um homem que falasse um segundo com minha mulher, na rua... (GABRIEL FAZ UMA EXPRESSÃO DE ESTALO)... de uma carta, e etc. Ah! a medicina devia ter inventado injeções contra o ciúme. Bom. Vá! Reassuma seu posto de observação, Gabriel.

GABRIEL

Escute, a vista do preço que o senhor me paga... é preciso que eu não esqueça os mínimos detalhes, não é?

OLIVIER

Sim... por que?

GABRIEL

Bem... é isso... O senhor acabou de dizer que um detalhezinho aqui, outro lá... Espere, agora me lembro: quando sua mulher pegou o carro na rua, um homem se aproximou e lhe disse algumas palavras... (OLIVIER FICA VERMELHO... VAI VER SE A MULHER CONTINUA NO BANHEIRO DEPOIS LEVA GABRIEL PARA UM CANTO)

OLIVIER

(TREMENDO DE RAIVA) Que homem?

GABRIEL

Oh! trinta anos, boa aparência. Gênero... sem gênero!

OLIVIER

Que espécie de conversa tiveram?

GABRIEL

Oh! meia dúzia de frases! Ele tinha o tipo do sujeito que pergunta as horas a uma mulher para iniciar a conversa!... Partiu logo depois, tenho certeza...

OLIVIER

Tempo suficiente para que ela lhe tenha dito: "Meu marido parte esta noite. Estarei só. Venha."

GABRIEL

Ela sabia que o senhor ia partir?

OLIVIER

(EXALTANDO-SE NERVOSO) Suspeitava! Eu lhe havia dito qualquer coisa hoje de manhã!... É isto! Este sujeito vai aparecer aqui... durante a noite!

GABRIEL

(RINDO) O senhor, hein?! não há como o senhor para imaginar... Até parece Alexandre Dumas com todos os seus truques.

OLIVIER

Tudo isto confirma, Gabriel, que minha falsa viagem e o gravador são necessários. Nada mais?

GABRIEL

Não...

OLIVIER

Eu o felicito por sua vigilância.

GABRIEL

A seu dispor.

OLIVIER

Separremo-nos. Até amanhã. Espere pelo mesmo sinal.

GABRIEL

Até amanhã, mas o senhor sabe...

OLIVIER

O que é?

GABRIEL

Tenho certeza que está procurando sarna pra se coçar...

OLIVIER

Para ser feliz eu aceitaria ser torturado! (ELE O DEIXA E VAI ESCUTAR NA ESCADA. NO TERRAÇO, GABRIEL RI DOCEMENTE.)

GABRIEL

Que profissão vigiar a mulher de um tira! É engraçado! (PASSOU A PERNA PELA BALAUSTRADA E DESAPARECEU NO JARDIM)
(OLIVIER ESCUTA RUÍDO E VOLTA A ARRUMAR SEUS PAPÉIS NA ESCRIVANINHA. LOGO EM SEGUIDA, SUZY DESCE A ESCADA, VESTIDA COM UM BELO PIJAMA DE CASA.)

SUZY

Você não se chateou sem a minha companhia?

OLIVIER

Um pouco! Aproveitava para arrumar as minhas pastas.

SUZY

Já fiz a valise.

OLIVIER

Obrigado. (ELA O BEIJA DE LEVE) Pronto, vais ficar sòzinha esta noite.

SUZY

O relógio que você me deu me fará companhia.

OLIVIER

(PRUDENTE) Não mexa nêle, é muito frágil.

SUZY

~Ficarei satisfeita de conversar com êle! (OLIVIER FAZ UMA EXPRESSÃO) Bom! Agora vou fazer umas fotografias do interior da casa... com meu flash! (ELA HAVIA, COM EFEITO, TIRADO DE SEUS PACOTES, O MATERIAL FOTOGRÁFICO)

OLIVIER

Formidável! Vamos, tire um retrato meu sentado na escrivaninha!

SUZY

(ARMANDO O APARELHO) Perfeitamente!

OLIVIER

(QUE POSA CÔMICAMENTE) E, enquanto poso, você vai me contando o que fez em Vannes...

SUZY

É mais um interrogatório, senhor Comissário?

OLIVIER

Conversação matrimonial e afetuosa.

SUZY

(FORÇANDO AS SOBRANCELHAS) Você não vai recomeçar aquela cena de há três dias, vai?

OLIVIER

Claro que não...

SUZY

Eu te disse: "passei pela confeitaria às três horas." E depois você teve a coragem de lhe telefonar! Êle disse - "quatro horas". E você rugiu durante a noite inteira!

OLIVIER

Eu sei... eu sei...

SUZY

Meu relógio estava... Fim!

OLIVIER

Eu acredito em você...

SUZY

Bem. Eu vou dar seu pratinho predileto! Atenção, minha querida, concentre-se! Os ouvidos inimigos te escutam!...

OLIVIER

Você tem razão de debochar de mim. (ELE SE LEVANTA MAS O FLASH JÁ PROJETARA SEU CLARÃO)

SUZY

Oh! Mexeu! Você mexeu e estragou a chapa! Não vai ter mais retrato! Tanto pior! (ARMA NOVAMENTE A MÁQUINA) Ah! Eu fui ao horticultor e lhe pedi que me mandasse um jardineiro para retirar as pedras do jardim.

OLIVIER

Bravo! Assim veremos melhor o golfo de Morbihan e teremos um caminho melhor para chegar ao barco.

SUZY

Quinze e trinta: fui ao açougueiro.

OLIVIER

Ah?

SUZY

... que tem setenta anos! Depois o farmacêutico.

OLIVIER

Ah?!

SUZY

... que tem uma perna de pau. Depois o leiteiro...

OLIVIER

Ah?

SUZY

... que é vêsgo. Viu?! Eu sei escolher meus fornecedores!

OLIVIER

(RINDO) Oh! Você é uma bola! (ELA SE PREPARA PARA UMA OUTRA FOTO. ELE A PERSEGUE) Continua sendo difícil estacionar na cidade?

SUZY

Sim.

OLIVIER

Você encontrou lugar para estacionar, na praça?

SUZY

...não! (FLASH)

OLIVIER ^

Onde foi que estacionou, então?

SUZY

(HESITA E DEPOIS) Atrás da igreja do mercado.

OLIVIER

Encontrou algum conhecido?

SUZY

(SEM JEITO) Nós não conhecemos ninguém aqui! Ah! Sim! um sujeito que me cobrou cem francos por ter tomado conta do carro!

(OLIVIER PARECE SATISFEITO COM A EXPLICAÇÃO)

OLIVIER

Bom. Depois você pegou o carro e...?

SUZY

Ooh! Voltei bem depressa! Olhei sempre à direita! Fiz "fon fon" nas esquinas! E cheguei, finalmente ao domicílio conjugal para enfrentar meu infernal marido. Ciumento! Desconfiado como um comissário! (ELA LHE DÁ UNS TAPINHAS, RI E ELE FOGE)

OLIVIER

Ai! O interrogatório está terminado! Madame, a senhora está livre!

SUZY

(ATIRANDO-SE NOS BRAÇOS DELE) Ah! até que enfim! (BEIJAM-SE)

OLIVIER

Eu sou um imbecil, Suzy...

SUZY

Porque é ciumento? Não compreendo você, querido.

OLIVIER

Oh! só um ciumento pode entender outro ciumento.

você.

SUZY

Quem é?

OLIVIER

(JÁ LOUCO DE CIÚMES) Sei lá quem é!

SUZY

(SORRINDO, INDULGENTE) Pegue o fone! (ELE NÃO SE FAZ DE ROGADO E ESCUTA) Alô? Sim, é ela!... Ah! o senhor está telefonando da parte do senhor Richard, o horticultor?... Sim, precisamos, sim, de alguém para acabar com as ervas daninhas do jardimzinho da frente de casa... Oh! um dia só... Sim, sem tempo marcado... Oh! é grande como... Hein?... Sim, boa idéia, o senhor pode vir amanhã. (PROTESTO DE OLIVIER QUE SACODE A CABEÇA) Escute, eu prefiro que o senhor venha logo... agora mesmo... (PORQUE OLIVIER COCHICOU "AGORA MESMO AGORA MESMO") porque meu marido deve se ausentar... (ELA LHE FAZ UMA CARETA) Verdade? Então estou à sua espera. Obrigada, senhor. (ELA DESLIGA)

OLIVIER

(CONTENTE) A vista vai ficar formidável.

SUZY

Quando você voltar de Paris, sabe o que devíamos fazer? Pegar o barco e dar uma volta até Biarritz.

OLIVIER

Sugestão aceita. Será a nossa segunda viagem de núpcias.

SUZY

E depois, os dois sòzinhos no mar, você ficará mais tranquilo, não é? (OLIVIER PARECE SATISFEITO) Não te enganarei senão nas escalas. Um marinheiro em cada pôrto.

OLIVIER

(SEM GRAÇA) Oh! não acho graça nenhuma!

SUZY

(MORRENDO DE RIR) Você é irresistível, meu querido. Eu digo uma bobagem e você fica verde, depois vermelho, depois branco.

Isto não é um marido, é um arco íris.

OLIVIER

O arco íris anuncia bom tempo.

SUZY

Aceito o augúrio. Não quero mais ser espionada por um gesto inocente ou uma palavra dita a qualquer pessoa...

OLIVIER

(SOMBRIO) Uma palavra? Espera, agora me lembro. Você disse uma palavra a noite passada, dormindo...

SUZY

Uma palavra? Que palavra?

OLIVIER

Um nome: Patrik.

SUZY

(EMPALIDECENDO SUBITAMENTE MAS NÃO SE TRAINDO E FAZENDO FALSA-
CE A OLIVIER) Ah? Patrik de que?

OLIVIER

Patrik. Só. Você disse Patrik...

SUZY

Com esta entonação langorosa? Claro que não! E depois eu podia ter dito capricho ou malícia ou fictício...

OLIVIER

Com um dicionário de rimas, você tem muito bem como se defender: Monique, etc

SUZY

(BRINCANDO) Patek Philip.

OLIVIER

(SECO) Sim, mas você disse Patrik!

SUZY

Bem. Eu disse Patr. Vá lá. Mas imagina que não conheço ninguém com este nome.

OLIVIER

Alguém que você possa ter conhecido antigamente? Que você te

na tornado a encontrar... há pouco tempo?,,, Não?

SUZY

...Não!

OLIVIER

Você não parece estar muito segura...

SUZY

(EXPLODINDO) Oh! Estou muito chateada, na verdade! Você é verdadeiramente delicado e agradável! Depois, minha raposa, eu sei onde você quer chegar. Não há nem Pedro, nem Paulo, nem Patrik. Você me armou uma armadilha, joga verde para colher maduro. Método policial!

OLIVIER

Dou minha palavra como você disse: Patrik.

SUZY

E eu a minha como não conheço nenhum Patrik. Estamos quites... Oh! Você é odioso, insuportável!... (DE REPENTE SEUS NERVOS EXPLODEM E ELA COMEÇA A CHORAR COMO UMA CRIANÇA)

(OLIVIER TEM O CORAÇÃO PARTIDO E NÃO SABE MAIS O QUE DIZER. APROXIMA-SE DELA)

OLIVIER

Desculpa. É a primeira vez na minha vida que amo alguém. Fiquei um pouco desequilibrado. Cancelo minha viagem a Paris, pronto!

SUZY

Ah! não! Vai a Paris... Eu ficaria com remorsos depois.

OLIVIER

Beija-me, vamos. (ELES SE BEIJAM. O SOM DA SINETA DO PORTÃO SE FAZ OUVIR)

SUZY

Quem pode ser a esta hora?

OLIVIER

Mas... deve ser teu jardineiro! (VAI OLHAR PELA JANELA ENVIDRAÇADA E GRITA PARA O EXTERIOR) Entre, meu senhor, entre!

SUZY

Oh!... Explica-lhe você mesmo o que nós queremos. Vou me refazer um pouco... Estou horrenda!

OLIVIER

(QUE ACOMPANHA SUZY À PORTA DA COZINHA) Eu me ocupo dele... Desculpe querida... Traga o gelo. Vamos nos oferecer um belo drink. (ELA SAI E OLIVIER LHE JOGA AINDA UM BEIJO PELA PORTA ABERTA. ENQUANTO ISSO UM JOVEM APARECE NO ENVIDRAÇADO. SIM, É PATRIK, VAMOS CHAMÁ-LO ASSIM, POR ENQUANTO. ELE OLHA O INTERIOR DA CASA COM VIVO INTERESSE. OLIVIER VOLTOU AO CENTRO DA CENA. PATRIK FAZ UM CUMPRIMENTO)

PATRIK

Boa tarde, senhor. É sobre o jardim...

OLIVIER

(LHE ESTENDENDO A MÃO) Sou o senhor Lenoir.

PATRIK

Encantado. Henri Dolac.

OLIVIER

Obrigado por ter vindo tão depressa.

PATRIK

Oh! eu trabalho na Escola de Agricultura e sua casa está no meu caminho de volta.

OLIVIER

(LEVANDO-O AO JARDIM) Venha ver. Aí está! Tudo é selvagem e maltratado. É preciso limpar, plantar, gramar, e fazer um caminho de pedra para se chegar mais facilmente ao pequeno embarcadouro lá em baixo.

PATRIK

Perfeito. Virei amanhã.

OLIVIER

Sim... Ah! Não... Estarei ausente... Quero dizer, nós estaremos ausentes... Domingo, talvez?

PATRIK ^

(CONTENTE) Sim? Neste caso não vamos dizer nada ao patrão e farei um biscate.

OLIVIER

Como o senhor achar melhor.

PATRIK

(OLHANDO PELA BALAUSTRADA) Obrigado. Oh! é seu aquêle lindo barco lá embaixo?

OLIVIER

Sim... é nosso...

PATRIK

Magnífico! (DURANTE ISTO; SUZY SAI DA COZINHA COM UM BALDE DE GELO. OLIVIER OS APRESENTA)

OLIVIER

Querida, apresento-lhe o senhor Dolac que vai arrancar as ervas daninhas no domingo...

SUZY

Ótimo!

OLIVIER

Minha mulher!

PATRIK

Boa tarde!

(ELE O VÊ. ESTUPEFACTA DIANTE DO RAPAZ, SUZY DEIXA CAIR O BALDE DE GELO. QUADRO. MAS LOGO SE RECOMPÕE)

SUZY

Oh! que desajeitada que eu sou! Desculpem... (PEGA TUDO COMO PODE O MAIS RÁPIDO POSSÍVEL) Eu... vou buscar outras pedras de gelo... (ELA SAI PARA A COZINHA)

(O SOL ESTÁ DESAPARECENDO E A SOMBRA COMEÇA A INVADIR O TERRAÇO. OLIVIER TEM UMA CARETA. ENQUANTO ISSO, PATRIK DÁ UM PASSO PARA A SAÍDA)

PATRIK

Boa tarde, senhor. Até domingo...

OLIVIER

oh!... Não quer tomar um uísque?

PATRIK

(PARANDO) Hein?... Com prazer. (SENTA-SE COM DESENVOLTURA)

OLIVIER

(QUE O OLHA COM INSISTÊNCIA) O senhor... o senhor já havia visto a minha mulher eu creio, não é mesmo? Em casa do horticultor?

PATRIK

Eu? Não. Nunca vi madame. Foi o senhor Richard que me mandou telefonar para marcar o dia.

OLIVIER

(DANDO-LHE UM COPO) Ah!? Pensei que já se haviam falado na cidade hoje à tarde.

PATRIK

(PARECENDO IDIOTA) Oh! não, senhor. Talvez madame tenha se encontrado com meu primo de Nantes?

OLIVIER

Talvez... O senhor tem família?

PATRIK

Sim... Eu sou casado. Tenho mulher e três filhos: seis anos, quatro anos e oito meses...

OLIVIER

(EUFÓRICO) Ah! Que bom! Parabéns!

SUZY

(VOLTANDO, MUITO CALMA) Ai está o gelo. A catástrofe já foi consertada. Querem que eu sirva?

PATRIK

Pois não.

OLIVIER

O senhor Dolac procurava lembrar-se mas não sabe onde já viu você. E você, querida?

SUZY

Eu? Nunca vi o senhor Dolac antes.

PATRIK

Foi o que eu também disse...

SUZY

Vamos querido: se este senhor nunca me viu, logicamente eu também nunca o vi. Não é? (PATRIK SORRI, LENTAMENTE)

OLIVIER

(CONVENCIDO) Tem razão. Em que telefone posso chamar o senhor, senhor Dolac, para confirmar o encontro de domingo?

PATRIK

(CORTANDO-O RÁPIDAMENTE) Oh! não precisa confirmar, eu estou de acordo.

OLIVIER

Bem. O senhor mora em Vannes?

PATRIK

Sim, senhor.

OLIVIER

Em que rua?

PATRIK

(HESITANTE) Na rua que...

SUZY

(CORTANDO-O DEPRESSA) Sabe o que podíamos fazer, querido? Era plantar gerânios. Estão sempre dando flores.

PATRIK

É uma excelente idéia, Posso trazê-los no domingo. Tenho a um preço bem camarada.

SUZY

Como o senhor achar melhor! Adeus, meu senhor! (ELA ESTENDE A MÃO PARA APRESSAR AS DESPEDIDAS E ACENDE UM ABAJUR)

PATRIK

Adeus, madame. Adeus, senhor... Não é preciso me acompanhar.

OLIVIER

Faço questão... Sim! Até o portão!

PATRIK

Vai fazer uma noite linda! Uma noite de jardineiro! Minha

fórmula é: "Amor e água fresca". (SINAIS DE CABEÇA DE OLIVIER E DE SUZY) Sim... O amor para mim e a água fresca para os gerânios! (ELE SAI)

(A NOITE, DENTRO DE ALGUNS SEGUNDOS TERÁ CAÍDO TOTALMENTE, DEIXANDO O CÉU ÀS ESCURAS. ENQUANTO OLIVIER ACOMPANHA PATRIK, SUZY ACENDE UM ABAJUR, DEPOIS BEBE, RÁPIDAMENTE, UMA DOSE DE ÁLCOOL PURO)

OLIVIER

(VOLTANDO, QUASE EXPLODINDO) Um encanto de rapaz!

SUZY

Um encanto!

OLIVIER

Ah? Você o acha um encanto?

SUZY

Sim. (ELA O ENCARA) Acho! O ciúme ainda te rói as entranhas? Vamos, vou dar uns bons conselhos. Primeiro: não tente descobrir se o primeiro, segundo ou terceiro nome desse pobre rapaz é Patrik. Segundo: tente se convencer de que nunca o vi mais gordo nem mais magro! Terceiro: pare de se agitar! Quarto: tome uma decisão firme: ou você parte para Paris ou fica comigo e sorri! Senão sou eu, desta vez, que arrumo as malas. Recuso-me a ser sua enfermeira ou sua vítima a vida toda.

OLIVIER

Você fala num tom! Como se fosse culpada! Sim. Você ataca para não ter que se defender. Golpe muito conhecido.

SUZY

(FURIOSA) Não conheço este golpe de que você fala. Guarde suas observações para os malandros e as prostitutas que você encontra nas delegacias de Polícia Judicial e que te deram, infelizmente, para mim, uma triste opinião da humanidade e da virtude das mulheres. Respeite-me. Tenho direito de ser respeitada por você. (UM SILÊNCIO) Oh! Não faça essa cara de cachorro magro!... Estamos nervosos, os dois... Vou buscar sua valise. (ELA TEM UM PEQUENO GESTO AFETUOSO

EM DIREÇÃO A ELE. ELA SOBE A ESCADA E DESAPARECE. OLIVIER FICA PARALISADO E TREMENDO DE RAIVA. VAI RAPIDAMENTE ATÉ O CARRILHÃO E PÕE A FUNCIONAR O MECANISMO DO GRAVADOR. GRUDA A ORELHA E ESCUTA A FITA QUE DEVE SE DESENROLAR. SORRI. DEPOIS VAI ATÉ A ESCRIVANINHA E FECHA SUA PASTA. ELA VOLTA COM A VALISE E A GABARDINE) Cuidado com o carro. A noite já caiu. Quer tomar qualquer coisa?

OLIVIER

Não... Tomarei um café no caminho.

SUZY

Um sanduíche?

OLIVIER

Não! Jantarei com meu... colega... assim que chegar a Paris.

SUZY

Muito bem. Eu vou ler um romance esperando seu telefonema.

OLIVIER

Meu telefonema?

SUZY

De Paris... Para me dizer que chegou bem.

OLIVIER

Ah! sim... sim...

SUZY

Eu não conseguiria dormir sem notícias suas.

OLIVIER

Peço desculpas de estar sempre mexendo com seus nervos. Tome. (VAI À GAVETA DA ESCRIVANINHA E TIRA UM VIDRINHO DE FARMÁCIA) Se não conseguir dormir, tome um comprimido. Mas só um, hein?! Isto adormece um touro!

SUZY

Obrigada... Vou com você até o carro...

OLIVIER

Oh! Não, a noite já caiu. Está muito frio lá fora... Acende o fogo daqui há pouco... (ELE VESTE A CAPA E A BEIJA)

SUZY

E não dê carona a ninguém, ouviu! Especialmente às mulheres!

OLIVIER

Como se fôsse meu hábito!

SUZY

Os homens ciumentos são sempre assanhados e suas mulheres são modelos de virtude! Verdade muito conhecida!

OLIVIER

Ah! eu gostaria muito que você gravasse esta verdade...

(RIEM E SE SEPARAM ENQUANTO SUZY DIZ ADEUS COM A MÃO. LOGO DEPOIS OUVI-SE O RUÍDO DO CARRO QUE SE AFASTA E SUZY VOLTA SÓZINHA À CENA. ELA ACENDE TÓDAS AS LUZES...VAI BEBER UM TRAGO, DEPOIS OLHA AS HORAS EM SEU RELÓGIO DE PULSO, DEPOIS NO CARRILHO...REPENTINAMENTE PATRIK IRROMPE NA SALA, ENTRANDO NUM SALTO FELINO PELA BALAUSTRADA DO JARDIM, ELE SORRI, UM CIGARRO NO CANTO DA BÓCA. ELE LHE BATE NO OMBRO. ELA DÁ UM GRITO)

PATRIK

Psiu! Calma, beleza!

SUZY

(LOUCA DE MEDO) Você me assustou! Que é que você vem ainda fazer aqui, Patrik?

PATRIK

Psiu! Eu me chamo Henri Dolac! Não cometa gaffes!

SUZY

Que quer você?

PATRIK

(FECHANDO AS CORTINAS E SE INSTALANDO NO CANAPÉ) Te fazer companhia! Eu pensei: "O marido vai embora, está na hora de bater um papinho com a minha Suzy" Não foi gentil?

SUZY

Dê o fora, seu malandro! Você não passa de um sujo! Eu pensei que estava livre de você. Você tem a coragem de me abordar na cidade! Já te dei cinquenta mil francos. Para não te ver mais. E você tem coragem de vir se apresentar na minha casa como um pacato jardineiro!

rol! Não te falta topete! Vamos! Dê o fora de minha vida!

PATRIK

Vamos parando com essas gracinhas ou eu te dou umas bolachas como antigamente. É uma boa maneira de fazer funcionar tua memória e acalmar os nervos. E depois, é preciso cuidado com tuas reações. Teu marido, vendo você deixar cair o balde de gelo começou a suspeitar. Felizmente eu fiz um ar de idiota e inventei logo um primo, uma mulher e três filhos bem pequenos...

SUZY

Oh! escute, Patrik...

PATRIK

(SECO) Eu me chamo Henri Dolac, entendeu?

SUZY

É preciso que você seja razoável. Com você eu tive uma vida bem agitada, antigamente, mas, depois, descobri um homem maravilhoso a quem amo! Compreende: a quem amo!

PATRIK

Não precisa gritar, que não sou surdo!

SUZY

E não quero perdê-lo.

PATRIK

Encontraste uma boa mamata, hein?

SUZY

Não é assim como você pensa. Ele é muito inteligente e sente que tive um passado meio duvidoso.

PATRIK

Naquele dia, em Buenos Aires, quando eu, por acaso, li teu nome nas colunas sociais do Figaro, tive a impressão de estar sonhando! Casada! E com um comissário de polícia! Inacreditável! Naquêle dia, decidi me ocupar com vocês dois. Eu adoro a polícia! E êle te adora, com certeza!

SUZY

Sim, mas é ciumento!

PATRIK

(INDO E VINDO, ABRINDO AS PORTAS, INSPECIONANDO TUDO) Ah!
Ciumento!

SUZY

Sofre um verdadeiro martírio! Tento acalmar suas dúvidas, para tranquilizá-lo. Tenho que sair vitoriosa... Peço-te: vai para longe daqui. Deixa-me viver em paz!

PATRIK

Bem... Amoleci! Vou me retirar para... para a Austrália, digamos! Eu gosto de viajar... mas as viagens custam caro, querida...

SUZY

Mas... eu não tenho dinheiro meu!

PATRIK

Muito embaraçoso!

SUZY

Escuta, se eu digo a meu marido que você está querendo fazer confusão, será pior!

PATRIK

Para quem?

SUZY

Imbecil!... Olivier pode ficar maluco! Nós damos um bom assunto, os três, para a crônica policial!

PATRIK

Concordo... O drama é ridículo. Mas a pobreza é pior...

SUZY

Mas onde quer você que eu encontre dinheiro?

PATRIK

Peça a seu marido! Fiz uma pequena sondagem sobre ele: o cara é cheio da gaita!

SUZY

A que pretexto vou lhe arrancar dinheiro?

PATRIK

O que você quiser. Invente!

SUZY

Impossível. Ele não me dará dinheiro sem razão

PATRIK

(GRITANDO-LHE NO NARIZ) Então sou eu quem vai lhe dar as razões.

SUZY

Que é que você vai dizer? E que é que você pensa que ele vai responder? Você pensa, só porque ele está em férias, que deixou sua inteligência na Polícia?

PATRIK

Eu sei falar com os tiras. Um velho hábito. Você não se lembra? Direi ao teu querido Sherlock umas coisinhas simples e verdadeiras: "Senhor Comissário, eu sou o antigo amante de sua esposa desde o tempo de seu primeiro marido. Venho pedir-lhe algum dinheirinho para me exilar e refazer minha vida honestamente. -"Dê o fora daqui!" -Muito bem". Ai, eu dou o serviço à polícia. "Eu tenho as provas de que sua esposa Suzy matou seu primeiro marido!"

(A ESTAS PALAVRAS, SUZY DÁ UM GRITO DE DESESPERO)

SUZY

Você não tem provas! É mentira!

PATRIK

Duvida?

SUZY

Ninguém vai acreditar num sujo como você.

PATRIK

Ah, sim? E você acredita que seu marido, com seus ciúmes mórbidos e sua deformação profissional, não vai subir até o teto? Dá licença que eu seja otimista sobre este assunto? Sherlock Holmes vai explodir! Uma revelação de arrasar! Uma rajada de fogos de artifícios! Um pratinho! (SUZY SOLUÇA, PATRIK APAGA O CHARUTO NA MESA E VEM A ELA) Escuta, para de gemer e de chorar, que tuas lágrimas não causam efeito algum. Vamos resumir as coisas! Você refez sua vida. Encontrou um bom marido. Você o ama... De acordo... Eu, quero também refazer a minha vida. Não é lógico? Vamos, ajuda-me um pouquinho!

SUZY

Mas te ajudar, como?

PATRIK

Escuta, Você vai fazer com que ele te compre um colar ou uma pulseira formidável e três dias depois... você perde... no jardim. Viu só a inteligência do papai? (BEM HUMOR DO) Usa a cabeça!

SUZY

E se ele se recusar a comprar o colar?

PATRIK

Ora! Vamos, você está me decepcionando,, minha bichinha! Eu pensei que você fôsse mais sabida!

SUZY

Pobre Olivier!

PATRIK

(OLHANDO-A SUBITAMENTE ENOJADO) Oh! como o amor pode estragar uma mulher! É desmoralizante!

SUZY

Ele não vai me comprar um colar tão caro... Então...

PATRIK

Oh! Ele é sovina? Que pena! Então, compre o colar você mesma! A crédito. Depois de alguns papagaios ele mesmo acertará as contas, não é?

SUZY

Escuta, Patrik...

PATRIK

Henri Dolac, já jalei! Você é surda? (ELE A AMEAÇA COM UM GESTO) Oh! e depois você está me fazendo perder tempo, hein? Encontre uma saída, belezinha! Preciso de muitos milhões até domingo. Do contrário não arrumo o jardim. Vou me sentar e conversar.

SUZY

(ESPANTADA) Não sei como... encontrar...

PATRIK

Você encontrará. Se tiver qualquer coisa para me dizer, procura-me no hotel do Golfo, sob o nome de Luis de Córdoba - passapor-

SUZY

Você me dá nojo!

PATRIK

Você, com êsses ares de donzela, me enoja muito mais.

SUZY

(INDO ATÉ O TERRAÇO) Agora, trate de dar o fora!

PATRIK

(FECHANDO AS CORTINAS E TRAZENDO-A DE VOLTA AO CENTRO) Não deixa que te vejam. Nunca se sabe. Me pareceu, hoje à tarde, em Vannes, que um carro te seguia

SUZY

A mim?

PATRIK

Sim. Um tipo bonachão, de gabardine. Teu Otelo não mandaria te seguirem, por acaso?

SUZY

Oh! Ele não chegaria a tanto!

PATRIK

Ora! É um tira! Bem, vamos embora! Saúde! Um beijinho! (QUER ABRAÇÁ-LA. ELA O AFASTA COM REPULSA) Você não era assim tão cheia de fricote antigamente, quando eu passava para trás o teu primeiro marido...

SUZY

Era uma boa bisca como você. Eu devia, depois que ele morreu, ter liquidado você...

PATRIK

Ora! Evidentemente! Você hoje teria menos aborrecimentos.

SUZY

Se você continuar a me perseguir, eu te matarei.

PATRIK

Não diga?! Você gosta tanto assim de teu amiguinho, até ao crime?

SUZY

Gosto!

PATRIK

(ASSOBIANDO) Mas isto não 'e amor, é gamação!

SUZY

..Você que nunca soube o que era amar de verdade, não pode dar opinião!

PATRIK

Para! Vou pegar meu lenço e começar a chorar!

SUZY

Vovê me deixa doida! Parece que na noite passada eu disse teu nome, durante o sono.

PATRIK

Mas quanta gentileza!

SUZY

De qualquer forma, se eu não te matar, eu me mato. Eu me enveneno! (ELA OLHA O VIDRO DE PÍLULAS DE OLIVIER)

PATRIK

Ah, que lindo! Muito bem, veja só, você e teu marido vão ter de passar por uma dupla prova: uma sensação artística: você vai roubar para proteger seu amor intacto e êle vai pagar para proteger sua mulher querida... Pelos dois lados, é sublime!

SUZY

Vou lhe dizer tudo. Você vai ver!

PATRIK

Eu te conheço. Você é covarde. Não vai dizer nada! (ÊLE APROXIMA-SE DA SAÍDA) Até domingo! E não se suicide! Seria um desperdício! Você está melhor do que nunca! Você ainda pode se casar uma terceira vez! Luis de Cordoba te besa-las manos señora! Saudinha! (DE UM SALTO ÊLE DESAPARECE NA ESCURIDÃO DO JARDIM)

SUZY

(GRITANDO FRACAMENTE, APOIADA NA ESCADA) Sujo! Imundo! (CHORA COM PEQUENOS SOLUÇOS) Eu quero morrer!... eu quero morrer... morrer... (VAI ATÉ A MESA DE OLIVIER, PEGA O FRASCO DE SONORÍFERO, DEPOIS CORRE PARA O QUARTO GRITANDO) morrer... morrer... (E DESAPARECE)

(A CENA FICA VAZIA ALGUNS INSTANTES. DEPOIS, OUVES-SE O RUÍDO DE UM CARRO QUE PARA E LOGO APARECE OLIVIER, COM A VALISE NA MÃO. ELE SORRI E CHAMA DOCEMENTE)

OLIVIER

Querida! Dei meia volta! Desisti da viagem! Eu te adoro! Hulhu! Suzy? Onde é que você está? (DÁ A VOLTA PELA SALA... VÊ O CHARUTO APAGADO DE PATRIK E EMPALIDECE. CORRE PARA O CARRILHÃO, ABRE-O, TIRA O GRAVADOR QUE FAZ ANDAR PARA TRÁS. DEPOIS ESCUTA)

VOZ DE SUZY

"Mas eu descobri um homem maravilhoso a quem amo! Entende? a quem amo! (FELIZ, NÃO ACREDITANDO NO QUE OUVES, OLIVIER FAZ CORRER A FITA MAIS PARA DIANTE E ESCUTA)

VOZ DE PATRIK

Aí eu dou o serviço à polícia. Possuo provas de que sua mulher Suzy, matou seu primeiro marido! (GRITO DE SUZY. OLIVIER ESTÁ PARALISADO DE PAVOR)

OLIVIER

(PARA SI MESMO) Será possível? (ESCUTA MAIS UM POUCO)

VOZ DE PATRIK

E depois, há um modo, belezinha. Preciso de muitos milhões até domingo... senão... (ETC)" (OLIVIER ESCUTA MAIS ADIANTE)

VOZ DE SUZY

Antes eu me matarei! Eu me envenenarei!

(ELE NÃO PERCEBE SUZY QUE APARECE NO ALTO DA ESCADA, COM O FRASCO DAS PÍLULAS, VAZIO NA MÃO; ELA VÊ A SITUAÇÃO. ESTÁ LÍVIDA. ELA TITUBEIA)

SUZY

(NUM SUSPIRO) O carrilhão!

(ELA SOLTA UM GEMIDO. OLIVIER PERCEBE SUA PRESENÇA E A ENCARA. VÊ O FRASCO VAZIO.)

OLIVIER

Suzy! Que foi que você fez?

SUZY

Você está livre de mim...

(ELA DEIXA CAIR O FRASCO VAZIO E CAI ROLANDO A ESCADA ATÉ EM BAIXO. OLIVIER SE PRECIPITA PARA A LEVANTAR... DEPOIS, A COLOCA NO CANAPÉ... O GRAVADOR CONTINUA E ANUNCIA A VERDADE)

VOZ DE PATRIK

"Você está melhor do que nunca"! Você pode muito bem se casar pela terceira vez. Luis de Córdoba te besa las manos señora... Saudinha!

OLIVIER

(PRECIPITANDO-SE PARA O TELEFONE E GRITANDO) Aiô? Depressa! Ligue-me com o hospital de Vannes! Urgente! Preciso de uma ambulância! Depressa!

FIM DO PRIMEIRO ATO

"O SEGUNDO TIRO"

SEGUNDO ATO

I QUADRO

NO DIA SEGUINTE PELA MANHÃHORIZONTE AZUL, SOL DOURADO.

OLIVIER DESCE DO QUARTO, DEPOIS VAI ATÉ O CARRILHÃO VAZIO QUE TORNA A FECHAR. DEPOIS VAI ATÉ O GRAVADOR, OLHA A FITA QUE ESTÁ DESARRUMADA EM CIMA DA MESA E ATIRA-A AO LIXO, JUNTAMENTE COM O GRAVADOR. TEM O AR TRANSTORNADO, NÃO CONSERVOU SENÃO ALGUNS CENTÍMETROS DE FITA QUE COLOCA EM SUA CARTEIRA. DEPOIS VAI ATÉ O GUARDASOL E FAZ O SINAL CONVENCIONADO. OLIVIER DÁ UM POUCO DE ARRUMAÇÃO NA SALA. ALGUNS INSTANTES DEPOIS, POR ENTRE AS FOLHAGENS, APARECE O SENHOR GABRIEL COM UMA VARA DE PESCAR)

OLIVIER

Agradeço ter vindo tão depressa, senhor Gabriel.

OLIVIER

Sim... minha mulher está descansando.

GABRIEL

Ela esteve doente, ontem à noite? Eu vi uma ambulância... como eu estava chegando ao meu posto, fiquei um pouco preocupado.

OLIVIER

Sim... Uma... pequena indisposição. Mas está tudo bem agora. Ah! estive refletindo longamente esta noite e me censurei muito. Você tinha razão. A culpa é toda minha, senhor Gabriel.

GABRIEL

Eu bem dizia... eu tenho olho para isso: sua mulher é pura como um lírio!

OLIVIER

Com efeito,..mas eu a atormentei tanto! Ela tomou um frasco inteiro de sonífero!

GABRIEL

Ooooooh!

OLIVIER

Graças a Deus eu voltei a tempo para salvá-la. Fizeram uma lavagem de estômago. Agora ela está descansando.

GABRIEL

Enfim, tudo acabou bem!... Mas isso vai ensinar ao senhor a não ser ciumento sem razão! Escutou o gravador?

OLIVIER

(MENTINDO) Hein?!... sim. Silêncio absoluto. Já mandei pro inferno o aparelho... quer dizer pro lixo!

GABRIEL

Ótimo!

OLIVIER

Decidi também dispensar o seu serviço. Pode voltar a Paris.

GABRIEL

De acordo.

OLIVIER

Quanto eu estou lhe devendo?

GABRIEL

Oh! Nada! O senhor pagou a semana ontem e por poucas horas... ainda tenho que esperar até o trem da tarde...

OLIVIER

O senhor foi muito simpático, senhor Gabriel. Eu quero até...
(PEGA O SEU CARNÊ DE CHEQUE E ESCREVE FEBRILMENTE)

GABRIEL

Que coisa, hein! O Sr. deve ter sofrido um bocado! O senhor ainda está tremendo! Bom, em todo caso, assine direitinho!...

(ELE SE DEBRUÇA PARA VER O ALGARISMO E FICA CONTENTE) Oh! É demais! É demais!

OLIVIER

(ESTENDENDO-LHE O CHEQUE QUE GABRIEL GUARDA NO BOLSO) Tome. Agora trate de desaparecer depressa... Que minha mulher não o veja... Já fiz muitos estragos!

GABRIEL

Escute, o Sr. não conhece outros maridos ciumentos? (OLIVIER TEM UM GESTO) Se conhecer, não se esqueça de dar meu endereço, não se esqueça... Eu até mandei fazer umas cartas. (DÁ OS CARTÕES DE VISITA) Gabriel, Bergamine, diligências, enquetes, polícia particular, discreção absoluta, Rua Lazare 83" Não se esqueça...

OLIVIER

Não esquecerei, tenha a certeza... (PEGA O TELEFONE) Hospital de Vannes, por favor...

GABRIEL

(CUMPRIMENTANDO PARA SAIR) Adeus... E muito obrigado pelo cheque... vou passar o dia pescando... Eu adoro a Bretanha... o mar, a pesca... Tenho certeza de que hoje vão morder a isca!

OLIVIER

Boa sorte, senhor Gabriel!

GABRIEL

(FURIOSO) Ooooooh! Não precisa dizer: "Boa sorte!" Zut! Como é desagradável!

(ELE SAI ABATIDO. ENTRETANTO, OLIVIER FALA AO TELEFONE)

OLIVIER

Alô? Gabinete do Dr. Jarbert? Da parte do comissário Lenoir... Alô? Bom dia, doutor... Eu queria agradecer!... Ao senhor e ao jovem interno de serviço no hospital e que chegou logo em seguida com uma ambulância e salvou minha mulher... Ela está repousando... Passou uma excelente manhã... (NO ALTO DA ESCADA APARECE SUZY, PÁLIDA, NUM ROBE DE CHAMBRE. ELE NÃO A VÊ) Oh! não, não precisamos de mais nada... senão calma e tranquilidade... Sim, é como o senhor diz, os nervos e depois estes malditos soníferos... Sim, um acidente,,, estúpido... Graças a Deus eu havia esquecido uma pasta e voltei para apanhar, a tempo... Meus sinceros agradecimentos, doutor. O senhor me fará o favor de mandar a conta do hospital, não é? Adeus. (OLIVIER DESLIGA O TELEFONE E VÊ SUZY) Por que você se levantou? Você ainda está muito fraco...

SUZY

E você, porque mente tanto?... Você que não costuma mentir?

OLIVIER

Não é preciso gritar aos quatro ventos da Bretanha os nossos probleminhas.

SUZY

Você chama isto de "probleminhas"?

OLIVIER

Vem sentar aqui... Agora escuta bem minha querida...

SUZY

"Querida"?

OLIVIER

Eu tenho o direito de te chamar "minha querida", uma vez que você é minha mulher! Você continua sendo a minha Suzy - a mesma Suzy! Mas vamos aos fatos: o milagre é que a partir desta manhã eu sou um outro Olivier. Até ontem, eu era um pobre cego de ciúmes. Eu me debatia com idéias, fantasmas, intuições. Ora, depois desta noite eu sei porque eu tinha medo. Então, passei a não ter mais medo. Agora vou lutar... como um leão! O tigre está morto! Viva o leão!

SUZY

(COM LÁGRIMAS NOS OLHOS) Oh!... é maravilhoso! Mas eu preferia que você me desse uma surra, eu teria menos vergonha...

OLIVIER

Vamos! Não falemos mais de tudo que passou. Olhemos apenas o futuro. Eu sou teu marido e um bom policial. As histórias de chantagens, eu as conheço bem...

SUZY

Não é tão simples assim...

OLIVIER

Para começar... o que você devia ter feito, logo no primeiro dia era ter me contado tudo. Isso nos teria evitado sua crise de desespero...

SUZY

Eu tinha medo de te perder... É a primeira vez em minha vida que eu amo alguém... Eu te amo e...

OLIVIER

Eu sei. Esta noite eu ouvi vinte vezes a fita do gravador... Ouvi seu grito de fera presa na armadilha, mas ouvi também seus gritos de amor por mim. Foram eles que me salvaram. Eu duvidava de seu amor mas não duvido mais! Tudo ficou muito simples!

SUZY

Estou vivendo um milagre...

OLIVIER

(MOSTRANDO-LHE O PEDACINHO DE FITA QUE TIRA DE SUA CARTEIRA)

Você está vendo ~~este~~ pedacinho de fita magnética? Não é muito grande e apesar disso, nele está toda a minha vida. Aqui você gritou: "Eu amo meu marido... Eu amo Olivier". Foi tudo o que eu guardei do meu maldito gravador.

SUZY

Este espião escondido no relógio poderia me perder. E me salvou...

OLIVIER

Sim. Porque agora você não é mais uma mulher que esconde seu passado, agora você é minha mulher, a quem eu tenho que proteger para o futuro!

SUZY

Quando eu mostrava um ar de pureza, você duvidava... Agora que já conhece minha verdadeira aparência, você está feliz...

OLIVIER

A velha história. O homem ciumento sofre e tem medo de uma sombra. Mas o homem amado - livre de seus complexos - luta sozinho contra um exército... (ELE ABRAÇA-A DELICADAMENTE) E depois, não se trata de um exército mas de um simples malandro... E ele já saiu perdendo o primeiro round: ele pensava te amedrontar com a ameaça de me revelar o passado. Já está feito! Tanto pior para ele!

SUZY

Para nos fazer mal, êle falará aos outros... À policia!

OLIVIER

Pasiu! Não é tão simples assim! Seria cômodo! Vao lhe pedir provas! Cabe a mim providenciar as "contra provas"! E para isto, você vai me contar tudo- mas tudo mesmo- tudo- tudo !

SUZY

(TEN DO UM CALAFRIO) É preciso que eu te diga... tudo ?

OLIVIER

Nossa contra ofensiva dependerá do relato fiel que você vai fazer.

SUZY

Venha para perto de mim ...

OLIVIER

Não! (ÊLE VAI PAGAR UMA CADEIRA E SENTAR-SE EM FRENTE DE SUZY, À CAVALHEIRO) Estou escutando, não mais como marido, mas como um policial!

SUZY

Devo dizer, para começar, que eu não matei- quero dizer não matei friamente meu marido... Foi Patrik... que ...

OLIVIER

Ah! Patrik! Êste nome! Eu sabia que você o havia pronunciado durante o sono. Desculpe... Estou escutando ...

SUZY

(COMEÇANDO DOCEMENTE. DEPOIS VIVENDO O RELATO) Quando conheci Patrik, eu tinha dezoito anos. Não tinha mais ninguém no mundo. Então fui morar com êle. Mas, bem depressa, vi que êle era um patife com uma aparência disfarçada! Jogador, vigarista ...

OLIVIER

Como foi que você conheceu seu primeiro marido?

SUZY

Um dia, Patrik me apresentou a um amigo, Vicent Leroy, muito rico. Êste Vicent me fez a côrte e me pediu em casamento...

CONT.

Patrik me fez aceitar. Dizia que com Vicent eu estaria, finalmente tranquila... Casei... Mas o tal Vicent se revelou pior que Patrik! Bebidas, entorpecentes... Uma noite, rindo, êle me explicou que Patrik me havia vendido a êle, sim, é a palavra exata.

OLIVIER

Teu amante havia exercido sôbre você um direito de "Posse", como é de hábito nesse meio!

SUZY

Oh! Alguns meses mais tarde, entretanto, eu me tornei ignóbil também, pelo contágio, e voltei a ser amante de Patrik... Um belo trio!

(UM SILÊNCIO)

OLIVIER

No dia do drama... conte...

SUZY

Naquela noite, Patrik havia vindo me ver... Nós estávamos sôzinhos em casa. Vicent entrou de repente- Muito álcool- e nos fez uma cena. Brigeram! Os dois homens se atracaram... Nós nos engalfinhamos... Vicent me esbofeteou... Eu perdi a cabeça. Peguei nem sei o que, a primeira coisa que encontrei à mão, um pesado cinzeiro de cristal e bati com êle em Vicent... que caiu... e abriu a cabeça quando bateu no chão! Morto! Eu pensei que ia enlouquecer!

OLIVIER

Que foi que vocês fizeram ?

SUZY

Patrik, então, logo em seguida organizou um plano para me inocentar: colocou o corpo de meu marido na borda da lareira, como se houvesse caído sôbre as ferragens que eram em estilo espanhol, com pontas agudas... Depois chamei a Radio-Patrolha e disse que meu marido, morrera bêbedo, ao escorregar na escada se precipitando de encontro à lareira.

OLIVIER

OLIVIER

A polícia acreditou no acidente ?

SUZY

Sim. Vicent estava muito embriagado... e não me deixou nem um tostão. Apenas dívidas!

OLIVIER

"Não havia interêsse, não havia crime!"

SUZY

O caso foi encerrado! Eu abandonei tudo... Recomecei mi nha vida a partir de zero.

OLIVIER

E Patrik ?

SUZY

Oh! Há um detalhe que tem seu preço: antes da chegada da polícia, Patrik já havia desaparecido com todas as minhas jóias, apólices e dinheiro. Pegou um avião para a América do Sul naquela noite mesmo... Encantador!

OLIVIER

E você, que foi que aconteceu com você ?

SUZY

Vendi o carro de Vicent e, para afastar minhas idéias negras, parti naquele cruzeiro nas Balcares, onde nós nos encontramos ...Lembra-se ? Eu não queria me casar com você... (ELA CHORA)
Eu tinha as minhas razões... (UM SILÊNCIO)

OLIVIER

Peço perdão de te obrigar a reviver este pesadôlo.

SUZY

Olívier, eu tenho medo! Abraça-me!

OLIVIER

Não costumo abraçar ninguém durante os interrogatórios!
Questão de tato!

SUZY

Como é que você ainda consegue fazer brincadeiras ?

OLIVIER

OLIVIER

A situação não é tão grave assim. Compreendo bem que esse tal Patrik- se for à polícia- vai se comprometer tanto quanto você!

SUZY

Para me prejudicar êle é capaz de tudo.

OLIVIER

Êle não é tão estúpido assim. Sua intenção é triplíce. Primeiro: te amedrontou, segundo: obter o dinheiro. Terceiro: desaparecer. Muito bem! Primeiro: não tenha medo. Segundo: nós lhe daremos o dinheiro. Terceiro: deixemos que êle se evapore. É so.

SUZY

O que ? Você vai lhe pagar ?

OLIVIER

Para ficar tranquilo, sim. Eu pagarei.

SUZY

Êste crápula já me vendeu ao primeiro marido! Não vai recomeçar a história com você...

OLIVIER

Ora! Não é uma tragédia! ... Será quanto muito um vaudeville. Tanto pior para nós... E depois, você sabe... Tenho vinte e dois anos de economias de solteiro, alguns bons investimentos, etc. O momento chegou, sem dúvida, de tornar a por êste dinheiro em circulação.

SUZY

Oh! De qualquer modo, eu não valho tanto ...

OLIVIER

Isto é o que nós vamos ver. Não se subestime. querida! (ÊLE PEGA O TELEFONE) Alô? Quer me ligar com o Hotel do Golfe, em Vannes, senhorita? Obrigado. (ESPERA. EXPLICA A SUZY) É preciso falar-lhe com delicadeza, hipòcritamente... Você vai lhe dizer que venha depressa aqui, que está sòzinha, e que tem o dinheiro... O resto fica por minha conta.

SUZY

OLIVIER

-53-

É preciso... Faça um esforço ... Por mim! Por nós!

SUZY

Tens razão! Não tenho o direito de fraquejar.

OLIVIER

Alô ?... Obrigado, senhorita... É do Hotel do Golfe?...
Eu poderia falar com o senhor Cordobe? ... Por favor ...

SUZY

Está no quarto ?

OLIVIER

(PASSANDO-LHE O APARELHO) Sim... Tome... (E ELE BEGA O
OUTRO FONE, RESPONDEDO POR MÚSICA AO QUE SUZY DEVE RESPONDER)

SUZY

Alô ? ... É você? Sim... Escute... É preciso arranjar -
mos as coisas... Sim, você sabe que eu sou razoável... É preciso
que você venha aqui, bem depressa... Sim, estou só e já tenho o di-
nheiro... Está certo. Pague o beira-mar... Estou esperando... Depres-
sa (ELA DESLIGA , EXTENUADA E TREBENDO)

OLIVIER

Bravos! Formidável! Agora nós, meu vigerista.

SUZY

Olivier! Este homem é muito perigoso. Sei coisas graves
sôbre ele. Ele não tem medo de nada nem de ninguém!

OLIVIER

Sim, mas tem um ponto fraco: precisa de dinheiro.

SUZY

Você vai pagar, mesmo ?

OLIVIER

Vou ...

SUZY

Oh! Eu te serei reconhecida por toda a minha vida ...

OLIVIER

Vamos! Vamos! Eu também não sou santo, não é ?

SUZY

É sim!

OLIVIER

Não! Eu vou ser franco! Eu gosto de você tal como é!... Tenho horror das sentinhas. São piores que as outras. Elas esperam a ocasião, as ingênuas, de enganar o marido com o primeiro gigolô que aparece... Você, já fez! ... Está chegando de viagem... Isto me dá segurança... Desculpe, eu acho que sou um patife!

SUZY

Sim... Seja patife! Obrigue-me a ser feliz!

OLIVIER

Eu te arranco das garras deste homem, mas você continua livre. Não pense que eu vou te prender nas minhas.

SUZY

~~de repente você é terrível! Ele não valente! Uma peça que está~~

OLIVIER

Porque antes de te conhecer eu nunca fui feliz ...

SUZY

Eu também não ...

OLIVIER

... e agora, eu sou feliz. Então?! Que se dane o dinheiro! Tudo vai sair bem!

SUZY

Nós nos parecemos bastante. É inacreditável ...

OLIVIER

Minha querida! (ELE A BEIJA)

(OUVE-SE UM ASSOBO DISTANTE)

SUZY

Será ele ? ... Tão depressa ?

OLIVIER

O cheiro da nota! ... Sente-se ali na escrivaninha ... Deixe-o entrar... Não diga nada ... Não fale... (ASSOBIAM NO JARDIM. ELE SE ESCONDE NA ESCADA) Ele não deve me ver logo de entrada, poderia

escapular!

(AINDA UM ASSOBOIO. BARULHO ENTRE A FOLHA GEL E APARECE PATRIK)

PATRIK

(DESENVOLTO) Olá, beleza! Está vendo, não podia vir mais depressa! ... Você poderia refletir muito e isso iria causar sua cabecinha... E então? A grana? Quanto é que você tem? (SUZY NÃO RESPONDE) ... Perdeu a língua? Não dá um pio?

OLIVIER

(QUE DESCEU DE LANSINHO ATRAS DELE) Bom dia!

PATRIK

(ASSUSTADO MAS BANCANDO O VIVO) Oooh! Perdão! Eu não havia visto o senhor... Eu vinha para ~~confirmar a nosso~~ trabalhar no jardim, no domingo ...

OLIVIER

Não se canse, vagabundo! Já sei tudo.

PATRIK

Ah? Que beleza! Um casamento perfeito! (A SUZY, ALARGO)

Bravo!

OLIVIER

Oh! Não a cumprimente muito, não! Não foi por ela que eu soube... foi por sua indiscreção. E fui eu que pedi a ela que o chamasse no seu hotel. Precisamos conversar direitinho.

PATRIK

Perfeitamente! Em família! É assim que eu gosto!

OLIVIER

Suzy, vai para o quarto ...

SUZY

Eu queria ...

OLIVIER

Estou pedindo que nos deixe a sós ...

PATRIK

Sim, vai para o quarto, querida. Vamos ter uma explicaçãozinha entre homens e isto te evitará as despedidas!

SUZY

Olivier... eu quero ficar para dizer...

OLIVIER

Minha querida, deixe- que eu cuide deste negócio.

SUZY

Então... eu preferia

PATRIK

(FURIOSO) Já dissemos para você subir! Você vai logo , não é ?

OLIVIER

(SEGURANDO PATRIK PELA GRAVATA) Você vai falar com ela como devo, não é ?

PATRIK

(LÓGICO) Bem... eu lhe falo como devo. Quer a prova: veja ela está subindo! (EFETIVAMENTE, UM POUCO À VONTADE, OLIVIER CONSTATA QUE SUZY DESAPARECEU PELA ESCADA) O senhor não me parece ter muita prática de falar com mulheres, hein ? Quer um conselho: com elas, a gentileza não adianta nada.

OLIVER

E a escroqueria, a chantagem, valem ?

PATRIK

Claro que sim. Tanto que vou ser pago. (ELE VAI SE SENTAR)

OLIVIER

Não se sente! Vou ser breve. Quanto ?

PATRIK

Quanto o que ?

OLIVIER

Por seu silêncio.

PATRIK

Você é um tipo gosado. Eu gosto das coisas diretas.

OLIVIER

Quanto ?

PATRIK

Ah, bem... olhe: desde que estou procurando a pista de Suzy já passei por cada uma... E depois, pelo meu futuro... um pouco

CONT.

incerto ...

OLIVIER

Quanto ?

PATRIK

Esperem... Não posso dizer uma quantia e no esta sem pre-
parar seu espírito, dizendo as razões de tal soma, não é ?

OLIVIER

Devo entender, pelos seus rodeios que a soma é muito
grande ?

PATRIK

Tá aí! Uma grande soma! De modo que eu quero avisar...
por se corrente. Eu sou humano, que diabo! Eu explico as razões e
depois digo a quantia. A causa, depois o efeito. Raciocínio de co-
missário de polícia, hein ?

OLIVIER

Estou escutando.

PATRIK

Posso me sentar ?

OLIVIER

Depressa!

PATRIK

(SENTANDO-SE CONFORTAVELMENTE) Eu me sento depressa!
Bem. Vamos lá. Você sabe que Suzy matou seu primeiro marido...

OLIVIER

...Suzy não matou Vicent Leroy. Foi um acidente. Ele
havia bebido, escorregou e bateu com o crânio na lareira.

PATRIK

Oooh! Está bem! O senhor me descreve a cena que foi
contada para a polícia... Mas eu assisti, imagine, ao assassinato,
e posso afirmar que Suzy amassou o crânio de seu marido com o cin-
zeiro! Ninguém poderia imaginar mas foi assim, uma mulherzinha frágil!

OLIVIER

Vicent Leroy estava bêbado. Ele bateu nela. Circunstân-
cias atenuantes.

PATRIK

-50-

É um pouco tarde para pensar nisso, não acha ?

OLIVIER

É um pouco tarde para você também, que quer reavivar to-
do o caso que já está encerrado. Você seria acusado de cúmplice,
não interessa. E depois, o senhor pode apresentar o testemunho do
morto ?

PATRIK

Bem ... Ele está morto!

OLIVIER

Escute aqui, meu caro amigo, ninguém me prova que não
foi você mesmo que matou Vicent Leroy, e Suzy foi apenas uma teste-
munha inocente!

PATRIK

(DESAPRIMADO) Bem --- O senhor é um perfeito vigariata!
Levando pra esse lado, eu quero chamar sua atenção para um detalhe:
Suzy está instalado aqui com um conforto especial mas eu estou sem
um tostão e à disposição de uma suspeita! Não tenho grande coisa a
perder, desvendando o segredo e indo passar umas férias nas grades.

OLIVIER

Carregar uma mulher para as grades com você, não adianta
nada.

PATRIK

Não tem importância, porque ela não vai para as grades,
nem eu! Você vai pagar por isso.

OLIVIER

(ATACANDO) Quanto ?

PATRIK

(SE ACALMANDO) Espere!... Deixando Suzy com você eu per-
co uma bela colaboradora ...

OLIVIER

Colaboradora ?

PATRIK

Naquele tempo, quando eu estava com ela, eu ganhava bem
a vida. Compreende ?... Eu a "apresentava" aos camaradas, a Vicent

CONT.

-59-

Leroy. Depois ela trazia os trouxas e despistava enquanto eu fazia o serviço. É uma grande perda! Não se encontra pessoal ativo hoje em dia.

SUZY

(ENTRANDO, SÚBITAMENTE PELA ESCADA) É falso! É falso! Juro pela minha vida! É falso! Nunca fiz nada disso que Patrik está dizendo. Você é ignóbil! Patrik.

OLIVIER

Eu te peço, querida, não escute atrás das portas. Vá descansar.

SUZY

Patrik, você se defende como pode, quer fazer valer o seu preço... seja. Mas não diga horrores de mim e que são falsos ainda por cima. Já estou bastante encovalhada... Eu te suplico...
(ELA SOLUÇA)

OLIVIER

Ela fez isso tudo que você acaba de dizer ?

PATRIK

Bem... não! Eu forcei a mão para acelerar a registradora! Que minha franqueza, senhor comissário, seja recompensada.

SUZY

Obrigade, Patrik... (ELA VAI EMBORA, TITUBANTE)

OLIVIER

Você lhe poderia ter poupado esse vexame.

PATRIK

Não posso poupar, eu preciso de dinheiro!

OLIVIER

Pois então, pela última vez: quanto ?

PATRIK

Ah, você a ama! Garota de sorte! (UMA NUVEM DE TRISTEZA PASSA PELOS OLHOS DELE)

OLIVIER

(PROSSGUINDO) Escute bem: se você fizer voltar à tona

OLIVIER.

êsse negócio tão sujo, eu vou defender minha mulher. Você deve saber que eu sou brilhante e considerado policial. Vou lutar com todas as armas. E estou apostando minha carreira, depois de minha interferência e algumas lágrimas de Suzy diante do júri ela ficará pura como um lírio e você, você negro como um pedaço de carvão. Eu sou um homem honesto... e sou um polocoal. Isto vai contar bastante no meio da justiça ...

PATRIK

... Entre as duas vezes se entendem, não é? Eles vão se vingar em mim!

OLIVIER

Então? Vai continuar enchendo a minha paciência? Quanto? Cartas na mesa.

PATRIK

É engraçado! Até parece que estamos jogando pôquer.

OLIVIER

(GRITANDO) Então? Qual é o preço?

PATRIK

Bem... Ah, eu devo dizer ainda que eu contava vender minhas memórias de vigerista e um daqueles jornais especializados em horrores, e crimes e eu emporcalhava o resto de sua carreira. Parece que aqueles pasquins pagam bem! Então ...

OLIVIER

Perfeito! Tome nota! Nós acertamos as contas.

PATRIK

Obrigado... Junte ainda que eu sofro uma perda sentimental ... porque eu continuo amando Suzy e ...

OLIVIER

(DANDO-LHE UM GOLPE E TORCENDO-LHE O BRAÇO) Ah, não! Isso, não!

PATRIK

Está bem! Não se fala mais ... Vou achar uma outra saída ... (PROCURA) Vejamos, o que é que eu poderia ainda vender... para

CONT.

-61-

completar a soma, não é ? É preciso ser justo ...

OLIVIER

Agora chega! Eu dou um milhão. Desapareça de nossa vida.

PATRIK

Quanto ?

OLIVIER

Um milhão.

PATRIK

(TRÂVOSO) Você está me fazendo? Isto é uma gorjeta apenas

OLIVIER

Não diga?!

PATRIK

(GRITANDO) Não é só um milhão que vale meu silêncio ,
são cinquenta milhões!

OLIVIER

Cinquenta milhões ?!

PATRIK

Sim, cinquenta milhões! Em moeda corrente.

OLIVIER

Não vale cinquenta milhões.

PATRIK

Questão de avaliação pessoal.

OLIVIER

Não tenho cinquenta milhões no banco.

PATRIK

No banco, talvez. Não tive tempo de investigar sua contabilidade. Mas, sei que você possui uns dinheirinhos aplicados na bolsa que deve andar por perto desta quantia.

OLIVIER

Na bolsa ?!

Sim, negociáveis à vista, ao portador. Além disso, há uns três ou quatro anos, você herdou de um velho tio... Bem informado, hein ?

OLIVIER

-62-

(PÁLIDO) Perfeitamente... Cinquenta milhões é sua última oferta ?

PATRIK

Não. É a primeira. Dentro de mais hora, terá dobrado. A desvalorização é rápida, hoje em dia.

OLIVIER

Cinquenta milhões! Uma fortuna! Toda a minha fortuna!

PATRIK

Sim. Tudo incluso. Taxa de seguro, serviço e couver. Em seguida... eu desapareço para sempre.

OLIVIER

Ah ? Bem! Explique-se direitinho â esse negócio.

PATRIK

Que negócio ?

OLIVIER

Como é que você me garante que não voltará mais ? Nunca mais ?

PATRIK

Hein ?

OLIVIER

Sim. Eu dou os cinquenta milhões... contra que ? Quem me garante que você vai desaparecer para sempre ?

PATRIK

Mas ... você tem minha palavra !

OLIVIER

Não me faça rir!

PATRIK

Não entendo... Que é que você quer ?

OLIVIER

Quero a prova que você nunca mais tornará a nos procurar!

PATRIK

A prova! Mas se eu estou dizendo! Eu sou o que sou, mas respeito um trato! Palavra do homem desonesto!

OLIVIER

OLIVIER

-65-

Quero uma outra certeza. Mais real.

PATRIK

Não posso fazer nada melhor. Desculpe!

OLIVIER

Aaaah! Se você não pode fazer nada melhor, então eu não dou os cinquenta milhões nem trinta... nem dez... nem um... zero!

PATRIK

(NUM GRITO DE INDIGNAÇÃO) Ora! Parece fumaça!

OLIVIER

Sim, como você mesmo diz, suas esperanças se evaporam como fumaça. Você compreende, não posso arriscar: não dou os cinquenta milhões senão com uma garantia. Não é lógico?

PATRIK

(SEM TOCADO) Bem... sim... evidentemente!

OLIVIER

Ponha-se no meu lugar! Cinquenta milhões! Muita gaita!

PATRIK

(SE AFOCANDO) Eu sou de boa fé, garanto! Eu sei muito bem que não voltarei! Oooh! Dama-se tudo! Eu não havia previsto esta mançada! Que é que você propõe, então? Eu farei o que você quiser para lhe garantir.

OLIVIER

(MALANDRO) Não sei... Você tem alguma coisa... uma letra, talvez, para me dar? Isto poderia me assegurar a firmar sua posição. Não vou dar nada por nada.

PATRIK

Oh, não! Não tenho, não. Nada.

OLIVIER

Alguém a quem você tenha falado do nosso negócio e que seria... nosso árbitro?

PATRIK

Para que depois me façam cantar? Não falei nisso com ninguém.

OLIVIER

OLIVIER

-61-

(SORRINDO) Obrigado pela atenção. Sempre é bom.

PATRIK

(REALISANDO SUA JOGADA) Tiro-lhe o chapéu, comissario. Mas então, estamos imprensados ?

OLIVIER

Acho que sim.

PATRIK

(ENGOLERIZANDO-S) É um horror! Essa sua recusa, porque isto vai, praticamente me obrigar a ir contar tudo aos tiras. Pense bem que é estúpido! Eu que não vou com os tiras! Oh, desculpe!

OLIVIER

Vamos acabar com isso!

PATRIK

Quarenta e cinco milhões é o último preço!

OLIVIER

(OLHANDO-O, DEPOIS VINDO SE SENTAR AO LADO DELE) Escute aqui, seu velho, o que é importante para mim, é saber em que momento você não pode mais me prejudicar dando com a língua nos dentes. A prescrição legal é de dez anos, você sabe. Quando foi que Leroy foi assassinado ?

PATRIK

Por volta de 15 de agosto, há uns dois anos atrás em seu apartamento, na rua Franklin.

OLIVIER

Então, ainda nos restam oito anos a atravessar, durante os quais, cada mês que se passa ainda é perigoso. Estou disposto a pagar vá lá! Mas somente até a prescrição! Além disso, não!

PATRIK

Sim, sim ... Está bem!

OLIVIER

Olhe, tenho uma idéia que pode arrumar tudo. Eu lhe dou ainda hoje... digamos quinze milhões. Depois, nos próximos três anos, eu lhe darei mais dez milhões. Enfim, no oitavo ano, você receberá

CONT.

-65-

os últimos dez milhões!

PATRIK

No fundo você paga três prestações adiantadas e o restante no final do contrato! Espantoso! De acôrd! (LEVANTA A MÃO, E LOGO INTERROMPE O GESTO) Espere! E a desvalorização, que é que diz a isso? E o aumento contínuo do custo de vida? Dez milhões, dentro de três anos, não terão o mesmo poder aquisitivo de hoje! Não quero um dia morrer de fome como se fosse um combatente da guerra de 14! Sem falar que no seu metier, você está arriscado a ser morto, em menos de quinze dias! E eu então, como é que fico? Não, o que eu quero é uma grande bolada logo e ... para falar a verdade, uma pequena renda anual. Todo 1º de janeiro, "cuco"! Obrigado! (TERMINA)
Você teve uma bela idéia!

OLIVIER

(APÓS UM SILÊNCIO PESADO) Quanto você quer agora mesmo?

PATRIK

Trinta e cinco milhões. E dois milhões por ano para meus gastos gerais.

(HÁ UM SILÊNCIO INFERNAL, DEPOIS OLIVER SE DECIDE)

OLIVIER

De acôrd!

(PATRIK TRANSPARECE SUA SATISFAÇÃO)

PATRIK

Quando é que você pode me dar os trinta e cinco milhões?

OLIVIER

Agora mesma ... Vou fazer um cheque!

PATRIK

(CALMAMENTE) Épa! ... Eu prefiro em dinheiro ...

OLIVIER

Então é preciso que eu vá, depois do almoço à filial do meu banco lá na cidade.

PATRIK

Peça pacotes de notas de dez mil. Não quero ficar

CONT.

-66-

entulhado de notas. E é inútil anotar o número das notas: você não tem interesse que elas sejam confiscadas, não é mesmo ?

OLIVIER

Entendido. Onde nos encontramos ?

PATRIK

Aquí.

OLIVIER

A que horas ?

PATRIK

Esta noite. Às dez horas.

OLIVIER

Aquí estarei.

PATRIK

Não! Você, não. Suzy-!

OLIVIER

Mas nós podíamos poupá-la ...

PATRIK

Será Suzy, ela mesma, quem me deve entregar o dinheiro, enquanto você vai, gentilmente, dar uma voltinha pela estrada. Se estiver me preparando uma armadilha, quero que sua mulher caia junto comigo. Não é lógico ?

OLIVIER

É lógico, sim. Suzy esperará você aquí, às dez horas, com os trinta e cinco milhões em notas de dez mil.

PATRIK

Perfeito! Aquí estarei. E se tudo correr bem, você na ca mais me verá. Agora me despeço. Como um amigo... (INCLINA-SE IRÔNICA-MENTE) Senhor Comissário... Até logo mais à noite!... E mi nhas recomendações à sua senhora! (TOMA RISADA ÊLE DÁ UM SALTO PARA O JARDIM E DESAPARECE)

(OLIVIER PARECE UM POUCO ABATIDO. LOGO SUZY DESCE, E, TREMENDO? VEM SE ALCIAR AO BRACO DE OLIVIER).

SUZY

SUZY

Trinta e cinco milhões! É uma fortuna!

OLIVIER

Sim... Oh! Afinal esteve dormindo numa cofre, no banco, idiotamente... (RINDO PARA A ACALLAR) Vê, como você vale trinta e cinco milhões ?!

SUZY

Você vai lhe entregar essa fortuna esta noite ?

OLIVIER

É preciso... Ele é mais forte: Não tem nada a perder... Quer dizer que ouviu tudo atrás da porta, hein?

SUZY

Sim. Eu sei que não se faz, mas ...

OLIVIER

Ele só nos prendeu pelo medo do escândalo. Que idiotice! Todos os anos nós vamos ficar tremendo com medo de vê-lo aparecer... Nunca mais seremos felizes, tranquilos... Eu falei da prescrição como uma saída, mas será após a prescrição que ele ficará ainda mais forte: porque não terá mais medo de prisão, mas nós, continuaremos a temer o escândalo... Logo ele começará a aparecer todos os meses a pedir dinheiro! Será inevitável... É preciso não alimentarmos ilusões... Isto chama-se chantagem!

SUZY

Tudo por minha culpa... Isto é um pesadelo!

OLIVIER

Não! Uma vez que graças a toda esta história, eu fiquei sabendo que você me amava. E então, vou te provar, por minha vez, que também te amo.

SUZY

Que pode fazer contra isso nosso amor ?

OLIVIER

Tudo! Ele vai me dar coragem!

SUZY

Coragem para que ?

OLIVIER

-68-

Coragem para tudo... e, se um dia tivessem me dito que eu estaria numa situação destas! (ÊLE PARECE ESTAR SE DEBATENDO ENTRE UM TERRIVEL DILETA, DEPOIS OLHA SUZY, INQUIETA) Escute, Suzy ... (OLIVIER NÃO É MAIS O HOMEM NERVOSO QUE NÓS CONHECIAMOS. É O POLICIAL QUE VOLTA A APARECER... UM POUCC GLACIAL, DEMONSTRA SUA CO RAGEM)

OLIVIER

(CALMA, ENTE) Para acabar com a chantagem, não há senão um meio: suprimir o chantagista.

SUZY

(APAVORADA) Que ?

OLIVIER

É preciso escolher... Ou este homem nos arruina, passo a passo, mês a mês, ou esta noite, às dez horas, nós o matamos.

SUZY

Um assassinato?... Mas... a polícia... você é ...

OLIVIER

Sim, eu sou comissário de polícia... É o momento de me aproveitar disso! Vou te dizer um segredo: eu sei um meio infalível de realizar, esta noite, um crime perfeito.

SUZY

Um crime perfeito ?

OLIVIER

Sim

SUZY

Você ?

OLIVIER

Sim, eu. Eu, um policial! Mas eu te amo!... Escuta... (OLIVIER VAI ATÉ SUA ESCRIVANINHA, ABRE UMA GAVETA, PEGA UM REVÓLVER E O MOSTRA À SUZY, QUE ESTÁ APAVORADA)

SUZY

Tenho medo ...

OLIVIER

...Não será preciso senão um tiro. Um tiro só!

PAULO RÁPIDOFIM DO PRIMEIRO QUADRO, SEGUNDO ATO

SEGUNDO ATO

-69-

II QUADRO

ALGUMAS HORAS DE CIMA, DURANTE A TARDE.

(EM CIMA, FEBRIL, SUZY AINDA DE UM BADO PARA O OUTRO)

(RUIDO DE CARRO. ELA CORRE ATÉ O TERRAÇO. LOGO, APARECE OLIVIER COM UMA BASTA DE COURO)

SUZY

Ah! Até que enfim! Você demorou tanto! Eu estive tão aflita!

OLIVIER

Fizem-me esperar no banco, para contar o dinheiro. Eu tive que dizer a eles que era um negócio com um velho camonês, bre tão, que gostava de notas de dez mil. (TIRA VÁRIOS PACOTES DE DENTRO DA BASTA E AS COLOCA DENTRO DA GAVETA)

SUZY

Não sei porque você foi buscar esse dinheiro, uma vez que nós ... vamos ...

OLIVIER

Porque nós vamos matá-lo? Não seja ingênua! Você pensa que o tal Patrik não nos está espionando desde hoje de manhã? Ele tem medo que eu tenha mudado de idéia! Quando estava no banco eu o vi. Fico escondido atrás de um jornal e viu perfeitamente que me entregavam o dinheiro em pequenos pacotes.

SUZY

Ah! Entendi!

OLIVIER

Agora deve estar tranquilo! Vai se esconder por aí e aparecer de noite.

SUZY

(que imbecil!

OLIVIER

Nunca sustino o adversário, Suzy. É uma nomea policial. Assim como nós, ele procura ganhar... E eu o acho, além de tudo, que ele não é burro.

SUZY

-70-

Explique-me tudo que eu terei que fazer. Ainda temos algumas horas. Não devo titubear.

OLIVIER

Escute bem meu plano. É muito simples, muito lógico e é por isso que é bom. São dez horas. Ele chega... Você está sozinha. Eu já terei partido de casa e ele me viu desaparecer na estrada.

SUZY

Como! Você vai me deixar sozinha com ele ?

OLIVIER

Tem que ser. Foi uma das condições que ele impôs. Ele quer que seja você quem lhe entregue o dinheiro, para estarem juntos evitando assim a possibilidade de eu lhe pregar uma peça.

SUZY

Oh! Ficar sozinha com ele, não sei se terei coragem ...

OLIVIER

Você deve fazer tudo direitinho e controlar suas reações ... Então eu parto pela estrada. Fico vigiando para impedir qualquer visita importuna. Mas, antes de partir daqui, terei cortado os fios do telefone para que ele não possa se comunicar com alguém. Isolado! Logo em seguida eu estaciono lá na estrada, apuro o ouvido, até que tudo esteja feito.

SUZY

Até que tudo esteja feito? Como ?

OLIVIER

É só que você precise se armar de coragem. É você que vai notá-lo.

SUZY

(GRITANDO) Oh! não! não!

OLIVIER

Escuta! Não complica mais a situação, Suzy! Eu luto por você, mas não posso ir além das minhas possibilidades.

SUZY

Porque você não se esconde aqui e o mata ?

OLIVIER

-71-

Ele não deve desconfiar de nada! Você não percebe que é essa falta de desconfiança que vai perdê-lo? Tendo me visto desaparecer na estrada, ele entra aqui triunfante!

SUZY

(ACALIBRANDO-SE) Está bem! Está bem! Sou eu que... Oh! e depois é justo que seja eu que execute essa missão terrível,

OLIVIER

Considere isso como castigo para você. Trata-se de por em prática a solução ideal que nos livre dele. Meu plano funciona com você... Sem você, nada feito!

SUZY

Compreendo, Olivier. Desculpe...

OLIVIER

Se eu reaparecesse antes de você lhe ter entregue o dinheiro, ele se afobaria, poderia se defender- e se ele estivesse armado: poderia atirar num de nós dois.

SUZY

Ah ? Sim, é claro ...

OLIVIER

Ao passo que se você estiver sózinha com ele, ele não desconfiará de nada. Com você, ele está sempre à vontade. Com você ele é vaidoso e portanto, ainda mais fraco. É essa fraqueza que vai perdê-lo. Compreende ?

SUZY

Já estou convencida, Olivier... Está bem, ele entra. Eu estou só... Que lhe digo ? Explico tudo direitinho...

OLIVIER

Para começar... (VAI ATÉ A ESCRITA MIA, RELEVE NA GAVETA E TIRA O REVÓLVÉR) Tome... Olhe... É o revólver que herdei de minha mãe. Ela nunca chegou a puxar o gatilho. em toda a sua vida... Ela comprou isto nas Índias, eu não sei onde... em 1934 ou 35. A polícia vai perder tempo fazendo uma verificação de balas! Este revolver é muito jeitoso. Você vai colocá-lo no bolso do vestido... Não se

CONT.

-72-

perceberá... Aqui! (SUZY ESCUTA) Agora, trata-se de saber manobrar para se colocar bem perto de Patrik. Aí então, você pode apoiar o revólver no peito dele e atirar...

SUZY

Tão perto dele ?

OLIVIER

Sim... É preciso fazer friamente... Ele entra... Olha...
(LHE REPRESENTA O PAPEL DE PATRIK) "Boa noite". Responde.

SUZY

Hein?! "Boa noite"... Aí está o dinheiro, seu sujo! E que meu marido nunca mais te veja, senão ...

OLIVIER

(NATURAL) Não! Não! Oh! Não!

SUZY

Porque? Não está certo ?

OLIVIER

Se você lhe dá- ou se você apenas lhe mostra as notas-
êle se aposa e adeus! Você quer que eu que seja correndo pela noi-
te atrás dele para reaver os trinta e cinco milhões ?

SUZY

Evidentemente... Mas então ?

OLIVIER

Todo o seu trabalho consiste em obrigá-lo a bater papa,
lhe oferecer uma bebida, etc, em suma, fazer com que êle se sente
nêste sofá, aqui (PEGA UMA GRANDE PANTA E ABRE-A SOBRE O SOFÁ)

SUZY

Porque este monta?

OLIVIER

Ben... eu não quero assustá-la, mas... Se, por azar...
um pouco de sangue ...

SUEY

Sangue! Não! Não! Isso não aguento ...

CONT. (JÁ VEM LHE ENTREGAR O REVÓLVER)

-73-

OLIVIER

Sua ingrata! Eu faço tudo por você! Você não fez tanto como quando rachou a cabeça de seu primeiro marido...

SUZY

Oh! Olivier! (LHE COMEÇA A GEMER)

OLIVIER

Desculpe, querida, desculpe! Mas como você, eu também estou uma pilha de nervos!

SUZY

(SÚBITAMENTE FIRME) Olivier, tudo foi culpa minha. Eu farei o que você diz. É preciso. Eu o levarei até o sofá sim... assim... (OLIVIER SE LANTAN E SUZY AO LADO DELA)

OLIVIER

Bem. Agora você espere dois minutos para fazer um pouco de charme. Não grite! Fale mal de mim, sim. É o ideal, se ele te abraçar, porque assim facilita as coisas! Você está contra ele... Então... (OLIVIER FAZ A LÍMICA TIRA A MÃO ARMADA DE SUZY E APOIA O REVÓLVER CONTRA SEU PRÓPRIO PEITO) Pen! Ele não percebeu nada! Morre logo. Foi meu compê... E eu, atraído pelo ruído do tiro, volto! Sua parte terminou. Eu me encarrego do resto, Compreendeu bem?

SUZY

Sim. Perfeitamente. É, seu raciocínio é tão lógico... bem perto dele... Ele quis me beijar, ontem de noite... ele vai reconhecer...

OLIVIER

Melhor para nós!

SUZY

(NUM GRITO DE RAIVA) Eu o matei! Eu o matei! Eu o matei! (LHE VAI BEIJAR UMA GRANDE DOSE)

OLIVIER

Escute, não beba assim... Seus nervos vão arrebentar... Não se esqueça que a calma e a vontade que você demonstrar nos são necessários...

SUZY

-74-

Você tem razão. Já o vejo morto. Ali. (UM TIPO) que é que você vai fazer com o corpo ?

OLIVIER

O barco.

SUZY

O barco ?

OLIVIER

Nosso barco, Eu pingo o corpo no barco e me ao largo. Em pleno oceano, eu tiro as roupas dele, que podem ser identificadas, encharco-as com gasolina e queimo. Depois, joga o corpo dentro d'água, solidamente amarrado ao motor velho que está no fundo da cabina. Terá todas as oportunidades- por assim dizer- de ser devorado pelos peixes e não flutuará. ~~para mim~~ nesta estação. E quando muito irá dar a alguma praia. Antes de tirá-lo dentro d'água, eu queimarei os dedos dele com um cigarro, para que não possa ser identificado pelas impressões digitais. Uma vez que se vangloriou tanto de ter voltado à França com um passaporte falso, com o nome argentino de Cordoba... Temos a polícia bem longe de nossa história. Não digo crime perfeito: digo assassinato bem sucedido. É preferível. E com um só tiro!

SUZY

Eu sempre ouvi dizer que não existe o crime perfeito.

OLIVIER

Ora! Dizemos isso para desencorajar os eventuais amadores! É para assegurar às almas simples, a eficiência da justiça. Durante a minha carreira, tenho sempre encontrado gente culpada- por quem eu não poria a mão no fogo- e que foram impossíveis de desmascarar. A astúcia, a sorte... Todos sabem os nomes dos criminosos imperfeitos... mas o dos perfeitos todos ignoram! Pela estatística, Você pode comprovar! O crime é perfeito quando o assassino é perfeito. Cabe a nós sermos perfeitos. Tudo vai dar certo... (ELE BORMI TRISTEMENTE) Estou dando uma aula de- criminologia... de um modo curioso. Tem mais alguma pergunta a fazer ?

SUZY

-75-

Não... Você é mais inteligente que eu, deve ter pensado em tudo... Espero que Patrik não deixe em qualquer lugar nosso nome e endereço.

OLIVIER

Claro que não. Já pensei nisso, mas êle está só. E depois, aflito como êle está para concluir o negócio deve ter procurado me dar uma prova. Logo, não tem ninguém. Repito que o único trunfo que êle possui é o escândalo que poderia provocar. É tudo. Nós nos livramos dele nos livraremos do escândalo...

SUZY

Já chamei para o hotel, como você mandou.

OLIVIER

Ah! Sim? E então?

SUZY

O gerente disse que êle partiu pagando sua conta sem dizer para onde ia.

OLIVIER

Tudo confirma meus prognósticos! Deve estar pelas redondezas nos espionando! Aposto que... (ÊLE VAI AO TELEFONE E LIGA)
Não dá sinal... êle cortou o linha.

SUZY

(ABAFANDO UM GRITO) Oh!

OLIVIER

Bravo! Estou orgulhoso! Eu ia fazer isso mesmo! Êle acha que vai se isolar para embolsar meu dinheiro, mas na verdade êle se isola para que nós nos desembaracemos dele!

SUZY

Você acha que êle não suspeita que nós vamos...

OLIVIER

Não! Acho que êle já refletiu muito... e deve- com razão- ter concluído, como nós, que não temos outra saída senão dar o dinheiro! A única coisa que êle não pode imaginar, isso é a nossa for-

G.C.T.

-76-

licial íntegro, pretendo ir jogar seu corpo no mar ? Inacreditável!

SUZY

É o que eu estou pensando...

OLIVIER

O que ?

SUZY

Que a sua atitude é inacreditável. (EL' SE AFASTA DELE E
O OLHA)

OLIVIER

Que é que você quer dizer com isso, minha querida ?

SUZY

Que você está jogando fóra, e de bom coração, uma vida
tão correta... Vamos nos tornar, os dois, assassinos e isto nao te
dá nenhum choque ?

OLIVIER

Mas...

SUZY

Ora, Olivier, é melhor confessar que você está me subme-
tendo a uma prova decisiva: "Minha mulher será recuperável ou e defi-
nitivamente cega? Fácil de saber: eu lhe meto um revólver nas
mãos: "Atira! Atira!" Se ela não atira, é honesta! Bravos! Dizemos
tudo à polícia, faz-se abrir um inquérito... etc... É absolvida, é
a felicidade. Mas se ela atira em seu amante, é sinal de que e uma
bôa bisco. Eu a denuncio e ela que se dane... Bela maneira de se de-
sembaraçar!"

OLIVIER

Você está doida? Você sabe bem, Suzy, que eu faço tudo
isto por amor a você ... (EL' DISSE COM SIMPLICIDADE E ELA ESTRE BEBU)

SUZY

Então, é pior. Após esta morte, eu serci sua cúmplice ,
inseparável! Você enterra seu ciúme num crime...

(UM TEMPO, ELAS SE OLHAM)

OLIVIER

OLIVIER

-77-

Minha pobre Suzy... Já estamos nos portando como dois terríveis assassinos que nunca estão de acôrdo sôbre a presa. Ah! diga antes que você não quer atirar nele porque ainda o ama.

SUZY

Não! Não! Não!

OLIVIER

Então decida você mesma o que fazer. Não quero que você diga depois que eu a obriguei. Atire ou não atire. Que horror!

SUZY

Olivier, estou num beco sem saída: ou pago pelo primeiro crime ou cometo o segundo. Que horror!

OLIVIER

E eu? Você acha minha sorte invejável? Tent: salvar minha mulher e ela ainda me acha capaz de um calculismo abominável! Tinha previsto tudo. Tenos isto! (ELA SE ABIRA NOS BRACOS DELE)

SUZY

Por favor, Olivier... Eu não sei mais o que faço...

OLIVIER

Confidência por confidência, nem eu (OS DOIS RIR)

SUZY

(SE AFESTANDO) E durante o tempo que você estiver no mar com o corpo, que ó que eu faço?

OLIVIER

Nada. Você vigia a casa. Esteja preparada para qualquer visita inoportuna. Para todo mundo, eu fui satisfazer a um capricho: fui pescar em alto mar...

SUZY

E se ... Eu disser alguma inconveniência?

OLIVIER

Pele o menos possível! Um grãozinho de areia, às vezes, pode avariar a máquina perfeita!

SUZY

CONT.

se vier me ver, me dizer qualquer coisa... me pedir... um favor?

OLIVIER

Escute: faça tudo normalmente. "Meu marido está no mar, pescando". Prepare o almôço.

SUZY

Compreendi...

OLIVIER

O que é preciso é que você esqueça quem é, que se amule enquanto executamos esse vicarista.

SUZY

Você tem razão. Eu o matarei friamente. Como uma máquina. Depois, somente, eu tornarei a viver...

OLIVIER

E lembre-se bem disso: mesmo que alguma suspeita chegue até os vizinhos... até a polícia... mesmo se derem alguma busca... nos negaremos! Tudo!... Nunca vimos Petrik. Ele nunca pôs os pés aqui! Minha palavra tem certo peso, afinal de contas. Uma vida correta como a minha, deve pesar. Mas esteja certa. Se você fizer o que eu disse, tudo sairá bem. (UM TEMPO) Ainda temos que esperar umas horas... Vá descansar.

SUZY

Bem, esperarei a hora com calma e resolução. Será um crime perfeito.

OLIVIER

Um crime perfeito. Sem grão de areia.

SUZY

Eu darei nele um tiro só. É preciso.

OLIVIER

(BRILHANDO PARA DISTRAIR) E depois, pense bem, matando esse sujeito nós economizamos trinta e cinco milhões! (ELA SORRI) Suzy, ensaiemos ainda uma vez... Pega o revólver. Põe no bolso! Pronto! (ELA FAZ O QUE ELE DIZ) Bem. Ele chega... (AMBOS FAZEM A CENA ENTRE PATRIK E A CORAJOSA SUZY) "Bom noite!"

SUZY

"Boa noite!"

OLIVIER

"Você tem o dinheiro?"

SUZY

"Sim... Mas sente-se um pouquinho..."

OLIVIER

"Obrigado." (SENTA-SE GALHARDAMENTE COMO O FARIA PATRIK.
ELA APROXIMA COM UMA LAMENTÁVEL DESEMVOLTURA O CARROLANTE)

SUZY

"Você quer beber?"

OLIVIER

"Mas como você está amável esta noite! Que agradável surpresa!"

SUZY

(CONCLUINDO) "Ora! Você ainda não chegou ao fim da surpresa, meu querido!"

FI. DO SEGUNDO QUADRO DO SEGUNDO ATO

SEGUNDO ATO

-00-

NOITE, AL III QUADRONOITE, A LARTEIRA ESTÁ ACUSA.

NA BEGADA APARECE OLIVIER QUE ACENDE AS LUZES. DEPOIS
OLHA SEU RELÓGIO. VAI CARREGAR O REVÓLVER E ENTÃO CHAMA.

OLIVIER

Já são quase dez horas. É melhor você descer... Vem.
(ENTRA SUZY) Como é que você está se sentindo, Suzy ?

SUZY

Perfeitamente calma. Não vou te decepcionar! Já te amolei bastante,
não foi ?

OLIVIER

(INDO A ELA) Psiu! Eu te adoro!

SUZY

E está provando. Eu também te amo!

OLIVIER

Você já me provou. (TIRA O PED. CINE DE FITA MAGNETICA,
SORRI E RECOLOCA NA GAVETA). Ah! o revólver! (VAI APANHÁ-LO NA
ESCRIVANINHA) Está carregado! Já destrevei o gatilho! Tome... (OLHA
O PED)

SUZY

Basta apertar o gatilho?

OLIVIER

Mas claro... (ELA COLOCA O REVÓLVER NO BOLSO) Muito bem
... Vou sair, ostensivamente para que ele me veja ir embora... Tra-
te de recebê-lo com um sorriso...

SUZY

Posso tomar um drink agora ?

OLIVIER

Pode... (ELA SE SERVE, RÁPIDAMENTE E TOLA UM TRAGO) Não
mostre o dinheiro logo de saída... (ELE AJOSTA O DINHEIRO QUE ESTÁ
NA GAVETA) Você só o tira se ele pedir para ver...

SUZY

Eu sei... O importante é que esteja sentado perto de mim.

COLT.

-61-

para que... ser risco de falhar... (ÊLE ESTREMECHE) Oh! Ele vai te
tar me beijar...

OLIVIER

Não se esquive...

SUZY

O beijo de Judas!

OLIVIER

O dele foi só por trinta dinheiros ...

SUZY

(SORRIENDO) Tudo aumenta...

OLIVIER

Ótimo. Fique assim, descontraída... Afinal, nós vamos
apenas acabar com um bicho venenoso.

SUZY

Estou tão atordoada... Ando como se fosse sonâmbula, um
fantasma. Na verdade, estou sentada ali naquela poltrona e vejo es-
ta mulher aqui agir, uma mulher que se parece comigo e que guarda
um revólver no bolso do vestido.

OLIVIER

Em todo o caso, se no momento de atirar sobre êle você
acordar do seu sonambulismo, pensa bem que a não execução do nosso
plano pode custar vinte anos de prisão.

SUZY

O que ? Vinte anos ?

OLIVIER

Sim. Eu não quis te dizer antes. Eu deixei para o últi-
mo instante. Para te encorajar. Se Patrik fizer explodir o escân-
dalo, você se arrisca a pegar alguns anos de prisão. E o fato de vo-
cê ser minha mulher se voltará contra nós. Todos os meus inimigos
vão se deliciar com o prato.

SUZY

(ESTREMECENDO) Vinte anos de prisão ?

OLIVIER

Pense nisso!

SUZY

-82-

Não pensei em outra coisa! Você acaba de me dar uma preciosa secudida.

OLIVIER

Que ela nos dê sorte!

SUZY

Vai dar... que horas são ?

OLIVIER

Faltam três minutos. Vou embora...

SUZY

Um beijo ...

OLIVIER

(BEIJANDO-A) Cuidado! Olhe que está dando para sentir o revólver... (ELA ARRUMA BELMOR O REVÓLVER) Daqui a pouco ele deve estar estendido ali, inofensivo para sempre.

SUZY

Estará.

OLIVIER

Até já. Feche as cortinas, isto lhe dará confiança! Represente direitinho... E principalmente não lhe mostre o dinheiro! (ELE SAI). UM TEMPO .SUZY VAI ATÉ A GAVETA E OLHA OS MILHÕES. RUIDO. É PATRIK QUE ENTRA, COM MAGNÍFICA DESENVOLTURA.)

PATRIK

Bom noite, madame Lenoir... (ELA O PARALISA COM UM PEQUENO ASSOBO CANALHA E, TIRANDO A GAVETA, DESPEJA OS MILHÕES SOBRE A ESCRIVANINHA COM UM AR SATISFEITO. ELE DÁ UM PULO PARA FRENTE, COM UM GRITO DE VITÓRIA, MAS, DE REPENTE, TEMENDO TER SE TRAIIDO, VAI FÉ ANTE PÉ AO RELÓGIO, RECITA) "Seu marido acaba de passar na estrada, segundo as nossas convenções e estou aqui para pegar os milhões! Onde estão os milhões ?

SUZY

Chega rapaz! Pode parar de representar! Há muito tempo que Olivier retirou o gravador do relógio! (ELA SOLTA UMA BOA GARGALHADA). O PERSONAGEM SUZY ACABA DE SE MOSTRAR COMO É NA REALIDADE:

CONT. - ÁVIDA, VOLUNTÁRIA, ... IMPERIALMENTE INTE IGENTE) -83-

PATRIK

Ah, bom. Então não vale a pena representar outro sketch para ele.

SUZY

Não! Isso agora acabou!

PATRIK

Já não é seu tempo, belezinha. Já estava cansado de bancar o chantagista!

SUZY

Vou te explicar, rapidamente, a continuação de nosso plano. Tome um trago! (COM UM AR CÚMPLICE, ELA TEM PARA ELE UM GESTO AMISTOSO. DEPOIS ELA VAI FECHAR AS CORTINAS, OBSERVANDO O EXTERIOR)

PATRIK

(REGOZIJANTE DIANTE DO DINHEIRO) Trinta e cinco milhões! Ele caiu como um petinho, ainda nem acredito. Olha, você já me deixou muitas vezes de boca aberta, mas este negócio foi sua obra prima!

SUZY

Graças aos teus dons de cabotino!

PATRIK

Não me ensinei no texto, hein? Disse direitinho tudo que você me ensinou? "Sua mulher é uma criminosa! Eu sei de tudo! Preciso de trinta e cinco milhões! Suzy matou seu primeiro marido! Etc.". Quanto a este detalhe, ninguém sabe que o pobre do Vicent Leroy morreu tuberculoso a mil quilômetros de você!

SUZY

Você foi maravilhoso nas duas cenas!

PATRIK

(QUE COMEÇA A ENCHER O BOLSO) Como que foi que reagiu, o seu ciumento maridinho, quando escutou o relógio falante?

SUZY

Caiu no melodrama!

PATRIK

No entanto nosso enredo era um bocedo extravagante...

SUZY

Mas era lógico! Um enredo feito sob medida para o meu que
rido tira!

PATRIK

No entanto, um tira esperto costuma refletir.

SUZY

Mas homem apaixonado não consegue refletir mesmo! Ele engo
liu direitinho o crime que eu inventei!

PATRIK

E sacou tôda a sua nota do banco! Nosso golpe deu certo!
Genial! Para recitar um sketch de quinze minutos diante de um micro-
fone, trinta e cinco milhões! É o cachet da Brigitte Bardot. (EMBO
SA AS NOTAS) E então, vamos dar o fóra ?

SUZY

Temos tempo. Olivier não deve voltar senão a um sinal meu!
Mas temos novidades. Meu plano se modificou. Ouve bem!

PATRIK

Vá lá, eu tenho confiança em você. Uma vez que tudo que
você previu deu certo! Você fica de olho no milionário, embarca no
mesmo navio que ele para as Baleares, casamento a jato e vida conju-
gal em estilo "grande ciumento"!

SUZY

Eu sabia que o ciume dele ia ser ótimo para nós! Eu até o
excitava! Foi o ciume que levou Olivier a esconder o microfone no re-
logio! Meu primeiro golpe deu certo! Depois acreditou na nossa histó-
ria extravagante, ficou louco da vida, decidiu me defender e por fim
soltou a gaita: meu segundo golpe deu certo!

PATRIK

À saúde dele! (ÊLE DEBE) Não quer um traguinho ?

SUZY

Oh! não. Já bebi muito. Estou com o estômago daquele jeito!
Passei duas horas terríveis no hospital!

PATRIK

PATRIK

Oh! É verdade! Você esteve dodói, minha gatinha?

SUZY

Era preciso persuadir Olivier que estava me suicidando de desespero! Joguei pela pia do banheiro três quartos das pílulas e fui obrigada a tomar o resto do fresco!

PATRIK

Oh! não! Que cabeça! Você é fenomenal!

SUZY

Eu sou apenas organizada e escuto atrás das portas!

PATRIK

(QUE AGUARDOU AS ÚLTIMAS NOTAS) Teu ciumento não tinha nada que ter telefonado ao seu colega da Polícia para fazer o truque do relógio. Muito bem feito, aliás! (JÁ GUARDOU TODO O DINHEIRO) Pronto! Tudo no bolso! Vamos dar o fóra depressinha?

SUZY

Não! Você é surdo? Eu disse que mudei as baterias! Tenho um terceiro golpe a aplicar!

PATRIK

Mas você nunca está satisfeita?

SUZY

E você, está?

PATRIK

Estou.

SUZY

Com trinta milhões?

PATRIK

Sim!

SUZY

(DURA) Imbecil! Você acha que eu vou parar no meio do caminho e me contentar com trinta e cinco milhões? Eu quero a fortuna inteira que ele tem!

PATRIK

Tôda? Como?

SUZY

SUZY

-66-

Você ainda não chegou ao fim das suas surpresas, meu querido. Olhe! (ELA TIRA O REVÓLVER DO BOLSO E MOSTRA A ÊLE)

PATRIK

O que é isso ?

SUZY

O revólver de sua "mamã!"

PATRIK

Um revólver ? Para que ?

SUZY

Para te matar!

PATRIK

O que ?

SUZY

"Para matar o vilão chantagista!"

PATRIK

Ora vejam só que idéias!

SUZY

Foi idéias de Olivier!

PATRIK

(OFENDIDO) Esse agora!

SUZY

Para por fim aos meus aborrecimentos, o bravo Olivier encontrou uma solução. Ele ensinou um método infalível para te fazer desaparecer: uma bala no coração... e depois te jogaríamos aos peixinhos! Ninguém sabe, ninguém viu! Assassinato garantido pelo comissário de polícia. Que é que você acha disto ?

PATRIK

(ASSUSTADO) Oooh! Vejam só!... Como o amor desinibe até um tiro! Mas que vergonha! Não se pode confiar em ninguém hoje em dia.

SUZY

Ééé! ... Já não há moral!

PATRIK

Que sujo, há?! Me sinto até enjoado.

SUZY

SUZY

-87-

Acalme-se! É chegado o momento do meu terceiro golpe: um assassinato perfeito. Vou me livrar de Olivier!

PATRIK

Excelente solução! E quase moral.

SUZY

Era o que eu queria ouvir de você! E o que eu queria ver você fazer!

PATRIK

(TOMADO DE SURPRESA) Você é grande, Suzy!

SUZY

Eu uso a cabeça, meu caro!

PATRIK

(COM CARA DE BESTA) Mas repare bem uma coisa: você quer fazer de mim um assassino!

SUZY

E daí ?

PATRIK

Até agora a gente tem se contentado só com vigarices...

SUZY

Ah ? Então você pensava que ia cair fora carregando trinta e cinco milhões? E que eu ia continuar vivendo com Olivier? Um Olivier vitorioso que me seguraria a vida toda por causa do crime? Eu quero a minha liberdade e a fortuna dele, meu querido. E depressa! Não gosto muito de esperar!

PATRIK

Está bom. Vá lá... Um crime! Um crime! (ELE TRONCA DE MEDO) Um crime, Santo Deus! (ELE VAI BEBER UM TRAGO. OLHA PARA ELA, SUBLICAMENTE) Oh! um crime, não, Suzy... um crime, não...

SUZY

(SÊCA) Hesitando assim... você me decepciona, Patrik!

PATRIK

(QUERENDO BRINCAR) Você não podia tomar um traguinho comigo? (ELA NÃO RESPONDE, GLACIAL) Você não diz nada?

SUZY

SUZY

-88 -

(COM UM SORRISO ENIGMÁTICO) Continuo refletindo.

PATRIK

Isso mesmo! Reflete! Você sempre foi uma mulher cheia de idéias! Você vai achar outra solução. Tenho certeza.

SUZY

Claro que haveria uma outra solução... mais vantajosa ainda...

PATRIK

(CONTATE) Ah! sim ?

SUZY

Matar dois coelhos de um só golpe! Fazer desaparecer Olivier e... você. Ao mesmo tempo!

PATRIK

Que história é essa ?

SUZY

Ora, meu caro, a história é a seguinte: quando alguém deixou de ser útil num negócio, é sinal que está sobrando. (ELA ARREPIA O REVÓLVER PARA ELE)

PATRIK

Escute... Você está ficando louca ?

SUZY

Não. Realista! Chega de sigolô e de marido também! Vou realisar meu sonho. Benefício integral! Ciao, bobão! (ELA DISPARA CONTRA PATRIK QUE PERCEBE, TARDE DE MAIS, SEU TRÁGICO DESTINO. ELE VACILA E CAI NO CHAMÉ. ELA, GLACIAL) Lembranças aos peixinhos! (DEPOIS VAI OLHAR PELO ENVIDRAGADO. RUIDO DE PASSOS FÓRA. ENTÃO, RAPIDAMENTE, SUZY RECONPÕE SEU PERSONAGEM DE MULHER FRAGA. OLIVIER, COM BEBETO, CHEGA LOGO, ATRAÍDO PELO TIRO.)

OLIVIER

(ENTRANDO) Então ?

SUZY

Tudo feito! Eu atirei. Que horror! É terrível! Terrível!

OLIVIER

(OLHANDO O CORPO DE PATRIK) Aááah! Até que enfim!

SUZY

-89-

Olivier!

(ELA FAZ QUE VAI DESMAIAR E ÊLE A SEGURA EM SEUS BRACOS)

OLIVIER

Minha Suzy, você é minha finalmente... Até o último momento eu duvidei de você... Mas você atirou!

SUZY

(SE AFASTANDO DELE, DOCEMENTE) Olivier, agora reparo: seus olhos brilham, você transpira alegria! Eu agora sou propriedade tua, tua escrava, tua cúmplice, não é ?

OLIVIER

Oh, não! Mas agora não tenho mais medo que você me abandonas!

SUZY

Você é um monstro de egoísmo!

OLIVIER

Eu não atormentarei mais você. Nós vamos nos amar em paz.

SUZY

Eu vou ser obrigada, então, a amar você. É isso que quer dizer: obrigada a amar você?

OLIVIER

(SORRINDO) Oh! Eu sei que você me ama sem que eu precise obrigar. Já tire a prova!

SUZY

Verdade ?

OLIVIER

Você mesmo disse! Você gritou! Está gravado neste pedaço de fita magnética! (ÊLE TIRA A FITA DE SUO C. REEIRA, LUITO SEGURO DE SI, SUZY NÃO PODE MAIS SUPORTAR)

SUZY

(VINDO TAMBÉM, DE UMA MANEIRA CRUEL) Ah! Ah! E se eu tivesse gritado sabendo perfeitamente que minhas palavras estavam sendo gravadas? Se eu soubesse que você me espionava? Se eu tivesse escutado sua conversa com o senhor Gabriel ?

OLIVIER

OLIVIER

-90-

... senhor Gabriel!

SUZY

(QUASE MOSSÉSSA) Sim! Se Patrik e eu estivéssemos de acôrdo? Se tôda essa história do assassinato do meu marido fôsse falso? Se o crime perfeito recaísse sôbre você ainda por cima? Que falha, hein? Senhor Comissário ?

(UMA PAUSA TERRÍVEL E DEPOIS OLIVIER RESPONDE CALMAMENTE)

OLIVIER

E se essa tarde em Vannes, eu tivesse sabido do horticultor que você ^{não} lhe havia pedido nenhum jardineiro? E se eu tivesse, ainda, do balcão da tabacaria telefonado ao meu colega da Polícia Judiciária em Paris? E se eu tivesse sabido, assim, que seu primeiro marido morreu tuberculoso? Se, então, eu tivesse compreendido que você sabia que o relógio tinha um gravador dentro? E se eu tivesse, finalmente compreendido que vocês estavam fazendo uma cena de chantagem falsa? E se eu tivesse, infelizmente, concluído que vocês nada mais queriam além do dinheiro? E se, então, voltando a encontrar minha lucidez de comissário, eu tivesse organizado para mim um crime perfeito? Eh? Que falha, senhora minha mulher! Você não arriscava ir para a prisão até agora, mas agora si, com esta morte... (APONTA O CORPO DE PATRIK, SURPRESA DE SUZY)... é inevitável! (INCLINA-SE SÔBRE PATRIK E CONSTATA SUA MORTE)

SUZY

Você também vai morrer, Olivier. (ÊLE SE VOLTA E VÊ QUE SUZY ESTÁ APONTANDO O REVÓLVER PARA ÊLE) Sua história de crime perfeito é magnífica, mas ainda tem lugar para um segundo tiro: para você mesmo! Eu transportarei os dois corpos para o barco. Em alto mar executarei à risca o plano que você arquitetou... Mas em dôbro! Com o velho motor Diesel... vocês dois irão ao encontro dos peixinhos... Depois deixarei o barco alto e voltarei a nado. Esperarei algumas horas- talvez mesmo alguns dias- com a frigideira na mão! Então todos pensarão que meu pobre marido deu com a cara nãgua durante sua linda pesca. Farão algumas buscas inúteis. Eu serei uma mulher desesperada, depois mais tarde, uma viúva muito digna... E, finalmente,

CONT.

-91-

serci livre e rica. Sua profissão e seu ciúme deveriam ter ensinado a você desconfiar das mulheres. Sempre. (OLIVIER A OLHA E SEUS OLHOS SE MICHAM DE LÁGRIMAS)

OLIVIER

Você sabe... eu ainda posso ser útil... Posso defender você da morte de seu amante...

SUZY

Não preciso de mais ninguém!

OLIVIER

Presta bem atenção em tudo! Evite a falha. Não existe crime perfeito... (ELA ATIRA EM OLIVIER QUE CAI MORTO, PERTO DA PORTA DA COZINHA. LOGO SUZY COBE A A RIR, UM RISO ALEGRE E HISTERICO, UM RISO DE TRIUNFO, UM RISO DE VIGARISTA)

SUZY

Aaaah! Cretino! Dois cretinos! Dois crimes perfeitos. Não me metem mão! (ELA ARRUDA A MANTA ESCOCESA NO CHÃO, QUANDO SE OUVI A SILETA DO PORTÃO. ELA PÁRA, SURPRESA E ALEDRONTADA) (A SILETA TORNA A TOCAR. DEPRESSA ELA ENTENDE QUE DEVE ABRIR. ANTES, PORÉM, ELA LHE O REVÓLVER NO BOLSO, APAGA A LUZ DA SALA, COLOCANDO UM BIORBO ESCONDENDO O CORPO DE OLIVIER. DEPOIS COBRE O DE PATRIK COM A MANTA E O SEGUNDO BIORBO EL VOLTA DO CANAPÉ. ASSIM, A SILETA-OBSCURIDADE DA CENA E AS SOMBRAS PROJETADAS PELOS DOIS BIORBOS A PROTEGER DO VISITANTE'... QUE NADA VERÁ. ELA GRITA) Quem está aí? Entre! Quem é?

(VÊ-SE CHEGA O SENHOR GABRIEL, HUMILDA, TODO SEM GRITO.)

GABRIEL

Oh! madame, eu estou tão aborrecido de a incomodar a esta hora...

SUZY

Como? É o senhor? (ELA SE RECOLETA DEPRESSA) Enfin, quero dizer: quem é o senhor?

GABRIEL

Oh, a senhora nunca me viu... pelo menos é o que eu espero!

SUZY

SUZY

Nunca vi.

GABRIEL

Melhor ainda! Melhor ainda!

SUZY

Eu ia me deitar senhor. Que é que o senhor deseja?

GABRIEL

Eu queria dizer uma palavrinha ao senhor Lenoir.

SUZY

Meu marido... partiu... saiu de barco... foi pescar. É isso

GABRIEL

Oh! Que aborrecimento! O senhor Lenoir havia deixado um recado no hotel. Só agora foi que me deram... Tentei telefonar da cabine da estação, mas não consegui porque o telefone daqui deve estar com defeito...

SUZY

Será ?

GABRIEL

(TENTANDO EXPLICAR, SEM TIRAR O CHA-É) Bem... Sim... Eu ia tomar o meu trem para Paris... e... eis aí... o senhor Lenoir tinha me contratado... é última hora... para uns trabalhos... de escritura... e... É curioso que ôle esteja ausente! O trem parte daqui a meia hora e não gostaria de perdê-lo!

SUZY

(IRRITANDO-SE) Escute aqui... não compreendi muito bem a sua estória, meu senhor...

GABRIEL

Não duvido... Muito bem... hoje de manhã seu marido pagou o meu trabalho... o pagamento final...

SUZY

Sim... e daí ?

GABRIEL

Êle me deu um cheque... que eu pus no bolso sem prestar atenção. Eu pensava poder descontá-lo quando chegasse a Paris. Ora, meu marido, no seu recado dizia que se havia enganado. (TIRA O CHEQUE

CONT.

DE SUA CARTEIRA, TONTAMENTE) E, na verdade, olhe só! Êle datou 28 de junho e nós estamos a 28 de maio! Que transtôrno!

SUZY

(SOLTANDO UM GRANDE SUSPIRO DE ALÍVIO) Ah! Não é nada grave. Não se preocupe com esta pequena falha... Quero dizer, com êsse êrro de data! O senhor deve ir correndo pegar seu trem.

GABRIEL

Ah! A senhora acha ?

SUZY

Sim. Eu vou lhe dar o dinheiro contra êste cheque. Pronto.

GABRIEL

(CONTENTE) Oh! Está bem. Assim está bem. Estou muito contente...

SUZY

Espere um minutinho!

GABRIEL

A senhora é muito gentil!

(SUZY APROXIMA-SE DO CORPO DE PATRIK, DEIXANDO GABRIEL MUITO SATISFEITO, PREPARANDO SEU CHEQUE; MAS A PRESENÇA DE GABRIEL A INCOMODA)

SUZY

O senhor poderia esperar no terraço ?

GABRIEL

Pois não, Madame. (ELA FAZ MENÇÃO DE SUBIR AS ESCADAS E ASSIM QUE GABRIEL DESAPARECE, ELA VOLTA AO CORPO DE PATRIK. TIRA OS MAÇOS DE NOTAS. NÊSTE MOMENTO, GABRIEL VOLTA E GRITA EM DIREÇÃO DA ESCADA) Madame, eu tomei a liberdade de entrar porque fazia muito frio lá fóra. (E VAI SE AQUECER PERTO DO FOGO) (SUZY É OBRIGADA A RECOBRIR PATRIK SEM RUÍDO, DEPOIS, COLADA À PAREDE, SOBE A ESCADA E BATE À PORTA DO QUARTO. GABRIEL SE VOLTA, RÀPIDAMENTE, SUZY FAZ QUE DESCE A ESCADA)

SUZY

Pronto, aquí está seu dinheiro!

GABRIEL

GABRIEL

-94-

E aqui está o cheque. (FAZEM A TROCA. SUZY RASGA O CHEQUE)
Estou muito satisfeito. E de mais a mais, vou precisar declarar essa importância na minha declaração de imposto de Renda!

SUZY

Adeusinho, senhor. Vá depressa, para não perder o trem!

GABRIEL

Oh! O trem! Obrigado... e discreção!... Adeus madame.
Obrigado! (ELE SAI. SUZY, FELIZ, MAS COM OS NERVOS TENSOS, SE ATIRA NUMA POLTRONA, MAS LOGO SE RECOMPÕE, POIS NO TERRAÇO GABRIEL SOLTA UM GRITO) Essa agora! Oh! Madame! (ÊLE ENTRA E SE APROXIMA DE SUZY PARA OLHAR DE PERTO AS NOTAS QUE RECEBEU. SUSPENSE... ÊLE OLHA A SALA. VÊ A MANTA E APROXIMA-SE. PUXA A MANTA DESCOBRINDO O CADAVER DE PATRIK) Oh! Santo Deus! Essa agora! Um morto! (DEPOIS A COLOCAÇÃO DOS DOIS BIOMBOS O ESPANTA E OLHANDO DE LADO) Aaaaah! Dois mortos! Essa agora!

SUZY

(LÍVIDA) Como foi que o senhor advinhou ?

GABRIEL

(TREMENDO) Mas... eu não advinhei nada... Há poucos instantes eu estava longe de pensar que... Eu ia tomar o trem... e... ooh!

SUZY

O senhor parece querer bancar o imbecil, não é ?

GABRIEL

Não. Eu sou mesmo imbecil, porque nunca poderia imaginar que... Essa agora! A senhora matou os dois ?

SUZY

(FURIOSA) Por que foi que o senhor voltou? Qual foi o erro que eu cometi ? Onde está a falha ?

GABRIEL

Bem... Olhe as notas de dez mil francos! (ESTENDE PARA ELA AS NOTAS QUE RECEBEU) Estão cheias de sangue! (JOGA-AS SÔBRE A MESA) (ENTÃO, SUZY COM UM SORRISO AMRGO, DIZ CALMAMENTE)

SUZY

SUZY

-95-

Quer dizer então que não há crime perfeito ?

GABRIEL

Parece mesmo que não há, não... Ah! madame... acho que devo avisar à polícia... (PEGA O TELEFONE) ALÔ ? (SUZY PEGA SEU REVÓLVER E O APONTA PARA GABRIEL QUE SOLTA UM GRITO E QUE FOGE PELA SALA) Não! Não! Não! Não! (ELA ATIRA... ATIRA... ÊLE NÃO CAI. ELA ATIRA NOVAMENTE EM VÃO, E DEPOIS O REVÓLVER FICA DESCARREGADO E ÊLES SE OLHAM ESPANTADOS. ÊLE SE APALPA) QUE é isso? Eu estou vivo? Eu ainda estou vivo? Como é possível?! (CAI SENTADO, LÍVIDO E FICA PARALISADO PELO MÊDO.) (SUZY OLHA PARA O REVÓLVER, PRECIPITA-SE SÔBRE O CORPO DE PATRIK. ÊLE ESTÁ BEM MORTO, DEPOIS VAI AO SEGUNDO BIOMBO E LOGO OLIVIER SE LEVANTA E APARECE. ELA SOLTA UM GRITO)

SUZY

Olivier!

OLIVIER

Não hpa mais Olivier. Você o matou. Com um tiro de festim. Porque só a primeira bala do revólver era verdadeira. As outras eram falsas! Você não aproveitou a oportunidade que eu dei: vivo eu teria defendido você! Mas você me preferiu morto! Sou eu que vou me aproveitar desse crime perfeito. Porque eu deixei você acreditar até o fim que eu engolia suas mentiras. Você matou seu amante. Vai para a prisão. Estou livre de vocês dois. Sobrou apenas o meu caro Gabriel que deve ter tido muito medo, sem razão!

GABRIEL

E havia motivo! ... Ah! Era preciso que o senhor fosse um idiota, senhor comissário, para dar êste cheque de junho, quando estamos em maio!

OLIVIER

E se eu o tivesse feito de propósito? E se eu tivesse pedido ao hotel para só dar o recado no último instante? (EXPRESSÃO DE GABRIEL) Eu precisava de você aqui, como testemunha. (A SUZY) Quanto a você... (ELA OLHA PARA ÊLE COM OS OLHOS CHEIOS DE LAGRIMAS. ÊLE SENTE-SE INVADIR POR UMA ESPANTOSA INDULGÊNCIA... VAI CEDER...

CONT.

-96-

... MAS...) QUANTO A VOCÊ, Suzy, só posso lhe dar um conselho: arranje um bom advogado. Você vai precisar bastante... muito mesmo!

GABRIEL

Mas, comissário, me parece que o senhor não tinha direito de fazer justiça por sua conta...

OLIVIER

Meu caro Gabriel, na verdade eu não vejo em que a justiça poderia me reprovar num caso como êste ...

FIM DA PEÇA

DEZ. 1966

ILMO. SNR. DIRETOR DO SERVIÇO DE CENSURA FEDERAL.

ANTONIO ABUJAMRA, diretor teatral, vem requerer se digno V.S. mandar proceder a Censura de texto abaixo qualificada para o que junta os documentos de Lei.

NOME: O SEGUNDO TIRO.

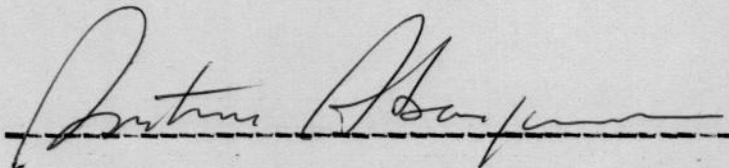
GÊNERO: Comédia policial em dois atos.

LOCAL: Teatro da Aliança Francesa.

DATA: 1º de Janeiro de 1969.

Nestes Termos.

P. Deferimento.



São Paulo, 12 de Dezembro de 1968.

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n. 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros ou espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonía, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, exe-

cutantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições, irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, frequentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

Sr. Chefe da Seção de Censura:

O Sr. Antonio Abujamra, diretor teatral, enviou a este SCDP, para exame, a peça teatral " O SEGUNDO TIRO", de autoria de Robert Thomas, com tradução de José Vilar.

A referida obra - com tradução de Luís de Lima - já foi liberada por este órgão, conforme parecer do Censor Antonio Fernando de Sylos, constante do processo nº 164 de nosso arquivo de teatro, com a impropriedade até 10 (dez) anos.

Por se tratar de tradutores diferentes, foi feita a comparação de scripts, pela qual verificamos que apenas alguns trechos e algumas expressões são discordantes entre si, sem entretanto distorcer o conteúdo da peça. Tais divergências de forma, a nosso ver, também não implicam para que haja uma alteração na impropriedade já fixada.

Assim sendo, à vista do exposto, sugerimos seja mantido o mesmo critério classificador para o presente pedido, condicionando, porém, a entrega de certificados ao interessado, ao exame do ensaio geral pela TCDP da DR de origem.

À consideração superior.

Em 19 de dezembro de 1968

Jose Sampaio Braga
JOSE SAMPAIO BRAGA
Chefe da TCTC

Encaminhe-se o presente processo ao Sr. Chefe do SCDP, para decisão final.

Em 19 de dezembro de 1968

Osório Miranda
OSÓRIO MIRANDA
Rep. p/ Seção de Censura

Espera-se certificado.
Aloysio Mühlethaler de Souza
ALOYSIO MÜLLETHALER DE SOUZA
Chefe do SCDP



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MEM.º N.º 824/68

Data 20-12-1968

De: **Chefe do SCDP**
 Para: **Sr. Chefe da TCDP-RR/SP**
 Assunto: **Peça teatral (encaminha)**

Sr. Chefe,

Anexo, encaminho a V.Sª., scripts e certificados da peça teatral "O SEGUNDO TIRO", de Robert Thomas, com tradução de José Vilar, solicitando que referidos documentos somente sejam entregues ao interessado - Sr. Antonio Abujamra - após exame do ensaio geral por essa TCDP, remessa de relatório minucioso a respeito a este SCDP e decisão desta Chefia, à vista do mesmo.

Alcysio Muhlethaler de Souza
 ALCYSIO MUHLETHALER DE SOUZA
 Chefe do SCDP



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0103,p-116

CENSURA FEDERAL TEATRO



Certificado Nº 901/68

PEÇA /::: O SEGUNDO TIRO :::/

ORIGINAL DE ROBERT THOMAS

APROVADO PELO S. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 20 de DEZEMBRO de 19 69

Brasília, 20 de DEZEMBRO de 19 68

Muhlethaler

Chefe do S. C. D. P. ALOYSJO MUHLETHALER DE SOUZA

**IMPRÓPRIO
ATÉ 10 ANOS**

M. J. - D. P. F. BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0103 p-117
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

Certifico constar do livro nº 28 fôlha nº 01, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada :/ O SEGUNDO TIRO /:

Original de ROBERT THOMAS

Tradução de JOSÉ VILAR

Adaptação de _____

Produção de ANTONIO ABUJAMRA

Tendo sido censurada em 19 de DEZEMBRO de 19 68 e rec

a seguinte classificação: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 10 ANOS, CONDI-
NADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL.

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÔMENTE É VÁLIDO QUANDO ACAMPAN-
DO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP

Brasília, 20 de DEZEMBRO de 19 68



JOSÉ SAMPAIO BRAGA

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

1-0

611461DPFEB BR

1130342DPFE BR

SAO PAULO- 6210

50

02 11

U

DCDP /DPF/BSA

6210 DE 02/05/86 SCDP /SR/SP PT INFO PEÇA TEATRAL "O SEGUNDO TIRO" VG AUT (ROBERT THOMAS/) VG TEVE ELEVAÇÃO DE 10 P/14 ANOS VG ULTIMO ENSAIO PT SOL INFORMAR SE CERT DCDP REF ESTE TEXTO TEATRAL JA ESTA VENCIDO PT

SCDP/SR/DPF/SP

NNNN

0

611461DPFEB BR

1130342DPFE BR

MF

DE POLÍCIA
DIVISÃO DE TELECOM
SC - CNG

2 MAI 14 58 000000

ENCAMINHADO A 20924
R. 15 PRICA

DCDP

#



TELE

RADIOGRAMA

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0103, e-119



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

PARA USO DA ESTAÇÃO

Nº

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES
50 - CMG

PREÂMBULO

Espécie: OFICIAL

Número..... Data:.....

Origem.....

Palavras..... Hora:.....

6 MAI 10 30 00 000000

ENDEREÇO

SCDP/SR/SP

POSICÃO:

QUITAÇÃO

HRS:

OPR:

TEXTO A TRANSMITIR

Nº 335/DCDP de 05 05 86 RERA NR 6210/86 SCDP/SR/SP VG INFO PEÇA
TEAT "O SEGUNDO TIRO" VG AUT ROBERT THOMAS VG CERT COM DATA VENCIDA EM
201269 PT DCDP

DPF-SAv.84

Assinatura ou rubrica do expedidor.....

Raymundo Custódio de Mesquita

Chefe do Serviço de Censura DCDP

M.J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
 SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO
 SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OF. Nº 1.665/86

Em, 13 de maio de 1986

DO: CHEFE SCDP/SR/SP

AO: SR. DIRETOR DA DCDP/DPF

ASSUNTO: Encaminhamento (faz)

MJ - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL CÓDIGO 09.202
EM 16/5/86 N.º 4070
DCDP/BSB

Pelo presente, encaminho a V.Sa., para os devidos fins de arquivê, os relatórios, uma via do texto, cópia do Certificado de Censura e demais documentos referentes às seguintes peças teatrais:

1. HOLLYOOD QUE SE CUIDE
2. PIMPOLHO E SUZI, DOIS AMIGOS
3. CARMEN COM FILTRO
4. É RINDO QUE SE CHEGA MAIS FÁCIL AO MEIO DO INFERNO
5. O SEGUNDO TIRO
6. PAPA HIGHIRTE
7. UMA LIÇÃO LONGE DEMAIS
8. MEDIDA POR MEDIDA
9. ROCKINDEX DANÇANDO NO FRONT
10. INSETOS
11. A HORA E A VEZ DE AUGUSTO MATRAGA
12. O PALHAÇO PIMPÃO E O LOBO LALAU
13. VAMOS JOGAR O JOGO DO JOGO

Atenciosamente

Drauzio Seimann Dornellas Coelho
 DRAUZIO SEIMANN DORNELLAS COELHO
 CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmº Senhor

DR. CORIOLANO DE L. CABRAL FAGUNDES

DD. DIRETOR DA DCDP

BRASÍLIA/DF

7/02/86

ILNO SR CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERÇÕES PUBLICAS DO DPF/SR/SP



REF: CENSURA DE TEXTO TEATRAL

" O 2º TIRO "

KITO JUNQUEIRA PRODUÇÕES ARTISTICAS, vem pelo presente solicitar de V.S. se digne mandar efetuar a dev^l da leitura e o Exame Censúrio do Ensaio Geral da peça acima, em data e hora designadas por esta Chefia.

Para tanto, presta as seguintes informações:

NOME DA PEÇA: " O SEGUNDO TIRO

AUTOR: ROBERT THOMAS

TRADUÇÃO: DORIVAL CARPER e SERGIO VIOTTI

EXTREIA PREVISTA PARA: 1ª/quinzena de Março/86

FONE P/CONTATO : c/Mario Martini - F. 36 7570

Romano Domingues- F. 258 4591.

NESTES TERMOS

P DEPERIMENTO

S.Paulo, 07 de Fevereiro de 1986

Romano Domingues

f. 258 5591

r/d.



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920.
 Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
 Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
 Rio de Janeiro — Brasil



São Paulo , 07 de fevereiro

de 19 86.

Ilmo. Sr.

Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas do Estado do Rio de Janeiro

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa.
 para fins de CENSURA, três cópias da peça

"O SEGUNDO TIRO"

Original de **ROBERT THOMAS**

Tradução de **DORIVAL CASPER e SERGIO VIOTTI.**

Próxima apresentação de **KITO JUNQUEIRA PRODUÇÕES ARTÍSTICAS.**

Teatro **DIVERSOS** Cidade **São Paulo**

Estado **São Paulo**

A estréia está prevista para **1ª quinzena de março de 1986.**

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração.

Pela SBAT,





o SEGUNDO TIRO

ROBERT THOMAS

(baseada num original de Ladislav Fodor)

Tradução e adaptação livres de
Dorival Carper e Sérgio Viotti



Sala de uma casa moderna, à beira-mar. Lisura de concreto aparente. As paredes são desenhadas de forma a não se ver nenhuma porta, apenas as passagens que legam a elas. Um janelão longo e estreito. Persianas. Não se vê paisagem, apenas céu aberto, como se a casa ficasse no alto de um terreno, o que, de fato, acontece.

Entrada para a sala, do jardim, à esquerda. No fundo, passagem que leva ao andar superior. Outra passagem, à direita, para a cozinha.

Decoração informal, despojada. Quadros, se houver, abstratos. Móveis de linhas bem contemporâneas. Leves. Mesa longa, baixa, ao fundo. Som. Bar pequeno, utilitário, à direita. Sofá. Duas poltronas. Mesinha entre elas. Abajures de pé. Conforto de casa praiana. Chão preto, contrastando com o ambiente claro.

CENA I

Manhã. Sol. Guilherme vem de fora. Vai ao telefone. Disca. Certo nervosismo. Como o telefone é sem fio, pode caminhar enquanto conversa.

GUILHERME. Alô? ^{Quê!} ... Sou eu, Guilherme. ... Tudo bem. Eu vi quando seu carro chegou, mas só deu pra telefonar agora. ... Viu meu bilhete? ... Venha logo. ^{daqui - pouco} ... Daqui a pouco não, agora. ^{Suzana} ... Suzana está lá em baixo, na praia. ... Estou te esperando.

Desliga. Há um binóculo na mesa do fundo, que ele pega. Vai para a janela. Se concentra no que vê na praia.

Passam-se alguns segundos. Fernanda entra, de fora. De costas para ela, Guilherme não a vê. Ela o examina por um instante, em silêncio.

FERNANDA (com o humor que lhe é habitual). Ricar paquerando mulher na praia de binóculo é coisa de velho tarado.

Guilherme se volta e a vê. Os dois riem. Correm um para o outro. Abraço.

FERNANDA. Não deu pra chegar mais depressa porque não somos geminados. Há um jardim entre a sua casa e a minha.

GUILHERME. Você está ótima, Fernanda! A viagem te fez bem.

FERNANDA. Fui, fiquei e voltei sem homem. O mercado anda fraco. ^(Olha-o, firme.) Você também está em plena forma. O casamento foi uma boa, então.

GUILHERME. Acho que sim.

FERNANDA. Onde está a Suzana?

GUILHERME. Não te disse que estava na praia?

FERNANDA. Era nela que você estava de olho?

GUILHERME. Era.

FERNANDA. Não basta ter a mulher em casa, tem de ficar tomando conta quando desce pra praia? Isso é que é sentido de propriedade.





GUILHERME (com humor). Digamos que seja... paixão.

FERNANDA (incrédula). Você ? Hmmm! O casamento te fez MUITO bem! (Decisão. Tenta pegá-lo pela mão, levar.) Eu estou louca pra conhecer Suzana. Deve ser uma mulher muito especial.

GUILHERME (resistindo). Eu não quero que vocês se conheçam já. (Volta para a janela, com o binóculo. Confere.) Preciso falar com você, antes.

FERNANDA . Por isso me deixou aquele bilhete tão estranho pedindo pra eu só vir quando me chamasse ? (Ele nem responde, atento ao que vê. Fernanda se aproxima dele.) Que é que está acontecendo ?

GUILHERME (sem olhar para ela). Nada.

FERNANDA (dá o braço para ele, afasta-o da janela). Se ela for ciumenta, eu juro que me comporto apenas como uma colega da Ordem dos Advogados. E ela nunca vai saber que ganhou a causa que eu perdi.

GUILHERME (que a olha com certa ternura, sorrindo). Não é ciumenta, não. Eu é que descobri que sou.

FERNANDA (rindo). Isso eu não acredito.

GUILHERME. Pois é verdade.

FERNANDA (querendo saber). Então está apaixonado mesmo ?

GUILHERME . Acho que sim. Pela primeira vez.

FERNANDA (fingindo ressentimento, mas sorrindo). Muito obrigada pela parte que me tocou. Eu sabia que não significava grande coisa, mas nunca pensei que fosse tão pequena.

GUILHERME . Eu não quis dizer isso.

FERNANDA . Perdoados. (Senta numa das cadeiras) Me explique. Onde está toda aquela segurança machista que eu senti na pele há vinte anos ?

GUILHERME . Nós éramos muito mais moços.

FERNANDA . Você era. Eu continuo juvenzíssima.

GUILHERME . E eu mudei.

FERNANDA (medindo-o com o olhar). Está apenas mais bonito, só isso.

GUILHERME (senta-se ao lado dela). Eu estou apaixonado, Fernanda.

FERNANDA . O que é normal.

GUILHERME . Muito apaixonado.

FERNANDA . O que é melhor.

GUILHERME (levanta-se, afasta-se). Não. Não é.

FERNANDA (as suspeitas a fazem séria). Que é que está acontecendo ?

GUILHERME . Já disse. Nada.

FERNANDA . Não me faça esse olhar profissionalmente vago de advogado criminalista, escondendo o que está pensando. Quando você me olhava desse jeito eu sabia que estava tramando alguma. Mesmo quando o quarto estava escuro. Anda. Conta pra sua velha amiga.

GUILHERME . Você pode me ajudar ?

FERNANDA . Eu não quero dar uma de bacana, mas quando foi que você me pediu alguma coisa e eu não fiz ? Quem foi que te apresentou ao Roberto Katz, seu atual sócio ?



GUILHERME . Você.

FERNANDA . Quem conseguiu pra você aquelas provas essenciais no caso Man-
gionni, a sua primeira grande causa ?

GUILHERME . Você.

FERNANDA . Quem conseguiu abatimento no preço desta casa quando você cismou
de comprar ?

GUILHERME . Você.

FERNANDA . Sorte a sua eu morar aqui do lado e ser íntima do antigo dono.

(Pausa. Conclui:) Que é que ia ser da sua vida sem mim ?

GUILHERME . Não sei. (Sorri.) Que é que ia ser da sua ?

FERNANDA . Menos atarefada. Disso, eu tenho certeza.

GUILHERME (volta a sentar perto dela). Me faça mais um favor. Eu ficarei
eternamente grato.

FERNANDA . Está venio ? Se tivesse casado comigo nem precisava agradecer.

Ficava tudo em casa.

GUILHERME . Eu sei.

Pausa. Ela se levanta, estende a mão para ele, que ele pega. Ela o leva
para se sentar no sofá, os dois bem perto um do outro.

FERNANDA . Vem cá. Senta aqui comigo. Qual é o problema ?

Eles estão sentados. Outra pausa.

FERNANDA . Não vai contar pra "tia" Fernanda ?

GUILHERME . Eu preciso ter certeza, Fernanda.

FERNANDA . Do quê ?

GUILHERME . De que a Suzana me ama.

FERNANDA . Não seja ridículo. Claro que ama!

GUILHERME . E se...

FERNANDA . Olha aqui, Guilherme. Vocês se casaram logo depois de eu via-
jar. Não faz nem dois meses! Não dava tempo pra você começar a remoer
alguma possível infidelidade da sua mulher.

GUILHERME . Como é que você sabe que ela é infiel ?

FERNANDA . Eu não sei NADA! Eu disse: possível infidelidade.

GUILHERME (levanta-se, afasta-se). É o que eu quero saber.

FERNANDA (desistindo). Já que você está de pé, me dá um drinque. Acho que
eu preciso. (Guilherme vai para o bar, servir.) Como foi que você co-
nheceu a Suzana, afinal ?

GUILHERME (do bar). Naquela excursão que eu fiz à Terra do Fogo. Ela es-
tava sozinha no bar do navio. Começamos a conversar. Jantamos. Dança-
mos.

FERNANDA . Muito romântico.

GUILHERME . Dormi ~~com~~ ^{em} ela naquela mesma noite. *

FERNANDA . Muito sensual.

GUILHERME (voltando para lhe dar o drinque). Você acha ?



FERNANDO . Sendo você quem é, era de se esperar. (Recebe o drinque) Obrigada. (Ele cruza para a janela.) Você acha que isso a desmerece ?

GUILHERME (olhando para fora). Podia não ter sido eu. Se foi comigo, podia ter ido com qualquer outro.

FERNANDA (levanta e vai a ele). Agora é você que está se desmerecendo.

GUILHERME . Não é isso.

FERNANDA . Se gostou dela, devia pensar: ainda bem que foi comigo.

GUILHERME . Às vezes eu penso que deu certo demais.

FERNANDA . Quanto mais eu conheço os homens, mais eu conheço os homens.

Se não fosse um prazer físico seria ótimo prescindir deles.

Ele a olha, sério. Fernanda toma um gole, sorri, oferece o copo para ele.

FERNANDA . Quer ?

GUILHERME . Obrigado. Eu vou pegar um. (Indo para o bar) Ela era viúva.

FERNANDA . Se está querendo me chocar, não conseguiu.

GUILHERME . Chocar, por quê ?

FERNANDA (contornando o sofá). Disse que ela era viúva como se disse que era virgem.

GUILHERME . O marido morreu num acidente. Ela estava fazendo a viagem pra se... refazer.

FERNANDA (senta-se na cadeira). E tem alguma coisa de estranho numa viúva moça encontrar um advogado bonito e rico no Eugenio C e se apaixonar por ele ? Eu fazia a mesma coisa.

Durante a fala, Guilherme foi para o centro. Fernanda, à sua esquerda. Quando o telefone toca, ela pega o aparelho, oferece a ele.

GUILHERME (ao telefone). Alô ? ... É o Dr. Sales do Amaral, o marido dela. ... Não, minha mulher não está. Quem quer falar ? ... Que chácara de flores ? ... Sei, sei. ... Eu dou o recado. ... De nada. (Desliga) Faz semanas que estamos tentando arranjar um jardineiro. Parece que o homem da chácara conseguiu um.

Ele vai deixar o telefone na mesa baixa, ao fundo.

FERNANDA . Você não vai querer que eu vá até lá para ver de perto os atrativos másculos do dono, vai ?

GUILHERME . Mais ou menos isso.

FERNANDA (levanta, mais irritada que bem humorada). Você endoidou ?

GUILHERME (vai para ela). A Suzana vai à cidade todas as segundas-feiras. Às dez. Quando ela fôr, quero que você a siga. Depois, me conte tudo que fez.

FERNANDA . Eu preciso de um reforço. (Contorna as cadeiras, pela baixa, na direção do bar)

GUILHERME . Você prometeu que me ajudava.

FERNANDA . Ainda não prometi nada. (Dá as costas para ele, atenta à garrafa)



GUILHERME . Eu preciso de você.

FERNANDA (pára de se servir, volta-se para ele). Que pena você não me teñ
dito isso há vinte anos. Com esse olhar. Essa inflexão.

GUILHERME (a intenção de ir a ela). Me ajuda ?

FERNANDA (pondera). É. Quanto mais conheço os homens mais faço o que me
pedem. Enfim... (Volta-se para a garrafa)

GUILHERME (cruzando para a janela). E não se esqueça. Ela sai às dez.

FERNANDA . Na segunda-feira. Hoje ainda é quinta. Você vai me lembrar
todos os dias, eu sei.

GUILHERME (da janela). Ela deve estar subindo. Saia pela porta dos fundos.
(Ele cruza, depressa, para ela) Leve o copo! Beba na sua casa!

Ele a vai, literalmente, empurrando.

FERNANDA . Dá tempo de dizer uma coisinha ?

GUILHERME . Se fôr rápido.

FERNANDA . Eu não acredito que nada disto está acontecendo.

GUILHERME . Vai!

FERNANDA . Pelo menos, me deixe sair com a mesma dignidade com que entrei!

GUILHERME . Vai embora, Fernanda!

FERNANDA . Sabe que é a primeira vez que um homem me enxota ? Acho que a
Alfândega confiscou o meu charme.

Ela saiu. Guilherme vai, depressa, para o fundo, pegar o telefone. Nem
bem o alcança, Fernanda reaparece, na passagem por onde saiu.

FERNANDA . Você podia, pelo menos, me agradecer.

GUILHERME . Obrigado.

Ela torna a sumir. Ele liga o telefone e começa a falar, como se já o es-
tivesse fazendo há muito tempo. Suzana entra, visivelmente cansada da
subida.

GUILHERME (ao telefone). Temos tido um tempo maravilhoso. Não podemos nos
queixar. E Suzana adora praia. E nada como um peixe!

SUZANA (que parou, ao entrar). Adoro sim, menos a volta. Esta subida me
mata.

Guilherme sorri para ela, que vai se atirar no sofá, exausta.

GUILHERME (ao telefone). Temos uma vista linda. É. Fica bem no alto.

SUZANA . Muito alto. Quem é ?

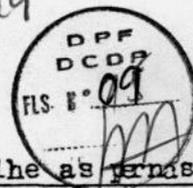
GUILHERME (para ela). O Roberto. (Ao telefone) Você precisa vir passar
um fim de semana com a gente.

SUZANA . Se mandar esse enfartado ir à praia, ele vai e não volta. Morre
no segundo lance.

GUILHERME (ao telefone). A Suzana chegou. Está mandando um beijo.

SUZANA . Mulheres mortas não mandam beijo pra ninguém.

GUILHERME (ao telefone). Ah, não! Essa não, Roberto. Eu estou de férias,
sem data marcada pra voltar.



SUZANA (brincando). Ai, duração!

GUILHERME (aproxima-se no sofá, vai sentar-se, ela encolhe as pernas, ele senta, ela estica as pernas no colo dele). Te vira sozinho. ... Eu nem quero saber. ... Não, não adianta, que eu não vou ouvir. Resolva os teus problemas sozinho. ... Pra que é que nós somos sócios? ... Eu sinto muito. ... Olha, não dá pra falar mais. A Suzana está me chamando. (Sinal para ela chamar)

SUZANA (chamando). Guilherme!

GUILHERME . Está ouvindo? (Vira o telefone para ela)

SUZANA (chamando) Guilherme! Quer vir aqui, por favor?

GUILHERME . Eu sinto muito, Roberto. Ciao.

Desliga. Larga o telefone no chão. Debruça-se sobre ela, beija-a. O diálogo que se segue acontece entre carinhos e beijos.

SUZANA . Que é que ele queria?

GUILHERME . Pedindo arrego.

SUZANA . Querias te tirar de mim?

GUILHERME . Hmm.

SUZANA . Chato.

GUILHERME . Ele gosta de mim.

SUZANA . Eu gosto mais.

GUILHERME . Hmm.

SUZANA . Você vai?

GUILHERME . Que é que você acha?

O carinho se torna mais envolvente. O novo beijo é mais longo, cheio de intenções.

SUZANA (percebendo, o empurra). Agora, não, Doutor Amaral. Não! (Ela o empurra de novo e ele cai do sofá, os dois rindo) Eu tenho de me fazer linda pra gente almoçar no terraço.

Levanta-se. Vai cruzar, mas ele a pega pelo calcanhar.

GUILHERME . Só vai quando eu quiser.

SUZANA . Você não manda em mim!

GUILHERME . Mando.

SUZANA . Não manda, não.

GUILHERME . Quer apostar?

Ele a segura mais firme, puxa para ele. Suzana começa a saltar num pé só.

SUZANA . Está bem. Manda! (Pára de saltar, mas ele não larga) Posso ir me fazer linda pro meu amo e senhor?

GUILHERME . Pedindo assim, pode.

Ele solta e ela se afasta depressa. Fora do alcance dele, grita:

SUZANA . Não manda, não, ouviu?





Ela vai saindo, rindo. Ele se levanta do chão, como se fosse pegá-la de novo. Mas ela correu e sumiu, na passagem que leva para cima. O telefone toca. Guilherme pára a maio caminho. Volta para pegar o aparelho que deixara no chão.

GUILHERME . (ao telefone) Alô ? ... Ah, sim. Um momento. (Ele sobe para a passagem por onde Suzana saíra) Suzana ! Telefone pra você !

SUZANA (reaparece, logo em seguida). Pra mim ? Quem é ?

GUILHERME . Dã chácara das flores.

SUZANA (pega o telefone que ele entrega). Alô ? ... Sim, Seu Jorge. Conseguiu ? Mas que ótimo! ...

Guilherme se afasta, vai pegar um cigarro na mesinha. Suzana percebe, vai descendo para mais e mais perto dele.

SUZANA . Pode mandar ele vir, sim. ... Mande agora! ... Já! (Procura o olhar de Guilherme, significativamente.) Eu quero que meu marido se entenda com ele. Mau marido é que resolve. ... Está bem. ... Obrigada. (Desliga. Deixa o telefone na mesinha, entre as cadeiras) Gostou ?

GUILHERME . Do quê ?

SUZANA (divertindo-se). Você dá uma boa olhada no jardineiro. Se achar que "não tem perigo", contrata.

GUILHERME . Você me cha ridículo, não acha ?

SUZANA (doce). Eu só acho que ter marido ciumento faz um bem danado pra moral de qualquer mulher. Bota ela lá em cima! (Está perto dele. Beijá-o. Rouba-lhe o cigarro.) Seu bobo, Eu te amo. Você sabe, não sabe ?

Ela o olha, marota. Sopra-lhe fumaça no rosto.

GUILHERME (a abraça bruscamente, demais). Sei. Sei.

SUZANA . Não! Agora me deixe que eu tenho de me fazer linda pra impressionar... o jardineiro. (Ela tenta de desvencilhar dele, mas Guilherme a retém, pela mão.)

GUILHERME . Suzana.

SUZANA . Hmm ?

GUILHERME . Quem era aquele rapaz que falou com você na praia ?

SUZANA (bruscamente séria, devolvendo-lhe o cigarro). Que rapaz ?

GUILHERME . Você estava de braços, ele chegou perto, vocês conversaram. Eu vi. Quem era ?

SUZANA (afasta-se, irritada). Não era rapaz nenhum. Falei com um homem. Um homem casado. Ele e a mulher estão hospedados no hotel. Estavam passeando. Ele me encontrou e falou comigo.

GUILHERME . Eu não vi mulher nenhuma.

SUZANA . Ela ficou com medo de atravessar as pedras. Não tenho culpa de você não ter visto ela. Eu vi.

GUILHERME . Ele não sabia que é uma praia particular ?

SUZANA . Agora, já sabe. Ele gostou muito da sua lancha. Convidei os dois



pra passear.

GUILHERME . Por quê ?

SUZANA . Porque eu te conheço. Sabia que estava me vigiando. Se quiser mais informações, ele se chama Dr. Negreiros. O nome dela eu não sei. Vi que é baixinha e gorducha. Anda! telefona pro hotel e confira se eu estou dizendo a verdade, ou não.

GUILHERME . Desculpe.

SUZANA . Você não tem jeito, mesmo. A sua sorte é ter uma mulher que acha que ter marido ciumento é divertido.

GUILHERME . Acha mesmo ?

SUZANA (quase séria). Até certo ponto.

Ela sai, sugindo para o quarto. Guilherme fica parado um instante. O rosto de Fernanda aparece na passagem para a cozinha.

FERNANDA . Pssiu!

GUILHERME . Que é que você está fazendo aí ?

FERNANDA . Reconhecimento do terreno. Queria ver a cara dela. Como é que eu vou seguir quem não conheço ?

GUILHERME . E se ela te visse ?

FERNANDA . Eu me apresentava. Sou a vizinha do lado. Vim pedir um pouco de açúcar emprestado.

GUILHERME . Que idéia.

FERNANDA . Margarina, então.

GUILHERME . Vai embora, Fernanda.

FERNANDA . O pior dessa história é que eu vou acabar me habituando a ser mandada embora. Sabe que ela é muito bonita ? E que você é um idiota ?

Batem palmas, fora.

GUILHERME . Deve ser o jardineiro.

FERNANDA . Não precisa insistir. Eu vou embora.

Ela some para a cozinha. Guilherme vai para a porta de entrada.

GUILHERME . Pode entrar.

MARCOS (entrando). Boa tarde. Dr. Amaral ?

GUILHERME . Eu mesmo. Você é o jardineiro ?

MARCOS . Sou.

GUILHERME . Qual é o seu nome ?

MARCOS . Renato.

GUILHERME . Você veio depressa.

MARCOS . A chácara de flores é pertinho. E eu tenho uma motoca.

GUILHERME . Desculpe a franqueza, mas você não tem cara de jardineiro.

MARCOS (sorri). Bem, eu não sou. Quer dizer, eu estudo agronomia. E gosto muito de plantas. Se pinta algum trabalho que me interessa, eu faço.

GUILHERME . Trabalhar aqui te interessa ?

MARCOS . Bastante.



GUILHERME . Por quê ?

MARCOS . Por causa da natureza do terreno. Muito íngreme e rochoso. O que é que o senhor quer fazer ?

GUILHERME . Eu vou te mostrar. (Vão saindo) Reparou aqueles patamares nos lances da escada que sobe da praia ? Pensei que podíamos fazer uns canteiros, plantar alguma coisa. Não sei bem o quê...

Eles saíram e as vozes desaparecem. Cena vazia um momento. Suzana desce. Já mudou de roupa. Vai ao bar, nota que a geleira está vazia. Pega, leva para a cozinha. Pequena pausa. As vozes de Guilherme e Marcos vão se aproximando. Eles entram conversando.

MARCOS . Então ficamos combinados assim, Dr. Amaral. Quando quer que eu comece ?

GUILHERME . Não adianta trabalhar amanhã e parar no fim de semana. Pode ser na segunda ?

MARCOS . Está bem.

GUILHERME . Quer receber por semana ou por dia ?

MARCOS . Pra mim, tanto faz.

Suzana vai voltando com a geleira, seguindo para o bar, sem reparar neles.

GUILHERME. Já combinei tudo com o jardineiro, Suzana.

SUZANA . Ótimo.

Ela se volta e vê Marcos. Fica hirta, deixa cair a geleira. O gelo se esparrama pelo chão. Quadro vivo alguns segundos.

SUZANA . Ah! meu Deus! Como é que eu...

Ela se agacha, começa a catar as pedras de gelo. Guilherme vai ajudar. Marcos, imóvel.

SUZANA . Vou buscar mais gelo.

Ela some na cozinha. Guilherme olha para onde ela saiu.

MARCOS (como quem vai embora). Bem, doutor, se não precisa mais de mim, eu já vou.

GUILHERME (volta-se para ele). Espere! (Pausa. Eles se olham.) Não quer tomar um uísqui com a gente ?

MARCOS (à vontade). Obrigado.

GUILHERME . Sente-se.

MARCOS (à vontade). Obrigado. (Senta-se)

GUILHERME (olhando-o firme). Você... você já tinha visto minha mulher... na chácara de flores... não tinha ?

MARCOS . Não. Seu Jorge me disse que estavam precisando de jardineiro, e eu vim.

GUILHERME . Sei, sei. (Pausa) Você mora por aqui ?

MARCOS . Moro.

GUILHERME . Como pode morar aqui e estudar na Escola de Agronomia ?



MARCOS . Eu tranquei a matrícula quando me casei.

GUILHERME . Casado, é ?

MARCOS . Sou. E já tenho um filho. (Ele se levanta rápido, tira uma carteira do bolso de trás, abre-a, mostra uma foto.)

GUILHERME . Garotão bonito. Que idade tem ?

MARCOS . Quando eu tirei a foto, oito meses.

GUILHERME . Grande pra idade.

Suzana voltou com a geleira.

GUILHERME . O Renato estava me mostrando o retrato do filho, Suzana. (Vai para ela, levando a foto) Veja. (Ela olha, sem interesse) Não é um garotão bonito ?

SUZANA (quase sem olhar). Muito.

GUILHERME . Ele vai tomar um drinque com a gente.

MARCOS . Com pouco gelo, por favor.

GUILHERME (volta para devolver a carteira para Marcos). Sabe que o Renato, aqui, tem a impressão de já ter visto você antes, Suzana ?

MARCOS (querendo corrigir). Mas eu... (Cala-se a um olhar de Guilherme;)

SUZANA . Acho que está enganado. Ele não estava na chácara quando eu fui lá. Se estava, não vi.

MARCOS . Eu não disse ?

Guilherme vai dar o copo para Marcos.

SUZANA . Está vendo, meu bem ? Se ele nunca me viu, como é que eu poderia ter visto ? Não é lógico ?

Ma rcos sorri, ar de ingênuo. De pé, bebe um grande gole.

GUILHERME (sem saída). Claro. (Para Marcos) Pra onde é que eu posso te telefonar pra confirmar se você vem mesmo na segunda-feira ?

MARCOS . Não precisa se preocupar. Eu venho, sim.

SUZANA . Gerânio dá bemno sol, não dá, Renato ? Seu nome é Renato, não é ?

MARCOS . É, sim senhora. Dá muito bem. Floresce o ano inteiro.

SUZANA . Gerânios, então. A não ser que você tenha outra sugestão, querido.

GUILHERME . Como você quiser.

SUZANA (para Renato). Gerânios e o que você achar que vai bem com eles.

MARCOS . Falou, madame.

SUZANA . Então, até segunda. (Dá-lhe as costas, volta ao bar.)

MARCOS (bebe o último grande gole, não sabe o que fazer com o copo, que Guilherme pega). Obrigado, doutor. Obrigado, madame. Até segunda.

Marcos sai. Silêncio. Suzana se serviu de um uísqui puro. Cruza para uma das cadeiras. Senta. Guilherme vai deixar o copo que Marcos devolveu, no bar.

GUILHERME . Vai beber puro ?

SUZANA . Vou.

GUILHERME . Acha que deve ?



SUZANA . Acho que não. Mas vou.

Pausa. Guilherme vai ao bar. Serve-se, mas sempre atento a ela.

GUILHERME . Simpático, o rapaz. Não ?

SUZANA (seca). É. Simpático.

GUILHERME (erocado). Você achou ?

SUZANA . Achei. E importa ? Se digo que é simpático, você acha que eu estou interessada nele. Se eu digo que não é, você acha que eu não quero que você perceba que eu estou interessada nele. (Levanta) Me diga uma coisa, Guilherme! O que é que você pensa que eu sou ? Uma mulher que deita no canto com o primeiro jardineiro que aparece ? É isso ? Olhe aqui! eu me recuso a ser tratada como uma mulher qualquer. E já estou ficando cheia do papel que você está me obrigando a representar: o de sua vítima.

Ela vai deixar o copo no bar.

GUILHERME . Se não tem culpa no cartório, pra que tanta fúria ? Você ataca pra não ter de se defender. Conheço esse jogo.

SUZANA . Você não conhece NADA! (Vai a ele) E me faça o favor de guardar os seus "conhecimentos" pros marginais e prostitutas que recebe em seu escritório, porque eu já estou cheia, está ouvindo, CHEIA! Não me interessa a opinião que você faz da virtude das mulheres. Eu EXIJO que me respeite. EXIJO! (Afasta-se, toca novo fôlego, volta-se para ele!) E não fique me olhando com essa cara de cachorro magro! (Ele vai falar.) E não me peça desculpas. Não se atreva! Eu estou até AQUI das suas desculpas! (Guilherme se aproxima dela.) NÃO ME TOQUE!

Suzana sai correndo e sobe. Guilherme fica parado. Bebe. Olha a porta de entrada. Bebe. Olha para a frente, sem expressão. Bebe.

A luz morre lentamente.





CENA II

Segunda-feira. Por volta do meio-dia.

Guilherme está sentado no sofá, com um jornal que não está lendo. Ouve um carro que chega, pára, a porta que se abre e é batida. Finge estar lendo.

Suzana entra. Veio das compras. Carrega sacolas do super-mercado. Sua atitude é serena e indiferente.

SUZANA . Oi.

GUILHERME (sem olhar para ela). Tudo bem ?

SUZANA . Muito calor. (Vai cruzando para a cozinha, sem conversa. Assim que passa, Guilherme a segue com os olhos. Está alerta. Tenso. Suzana volta, indo para subir, falando enquanto passa:) Não quer mesmo vir ?

GUILHERME . Não.

SUZANA . Pensei que queria ver o Dr.Negreiros de perto.

GUILHERME . Não vou, não.

SUZANA . Eles foram muito gentis convidando a gente pra almoçar no hotel.

GUILHERME . Telefonaram convidando você.

SUZANA . Nós dois.

GUILHERME . Você.

SUZANA (pondera, decide:) Eu vou.

GUILHERME . Eu disse pra não ir ?

Ela não responde. Sobe. Guilherme dobra o jornal, vai se certificar de que ela não vai tornar a descer. Pega o telefone, disca apressado.

GUILHERME (ao telefone). Alô ? ... Você já voltou ? ... Ela vai almoçar com os Negreiros, no hotel. ... Chegou ? Então traga! ... Dá tempo, sim. Ela ainda vai tomar banho e mudar de roupa. ... Não discuta, venha!

Desliga e sobe, levando o jornal. Cena vazia por uns instantes. Fernanda entra, carregando uma sacola grande, visivelmente pesada. Deixa-a no chão. Sente calor, cansaço. Guilherme desce. Traz uma caixinha pequena na mão.

GUILHERME . Obrigado.

FERNANDA . Que coisa mais pesada!

Ele vai pegar a sacola, abrir, tirar uma caixa embrulhada em papel pardo, amarrada com barbante. Enquanto conversam, ele vai desembulhar, torando tempo para que a conversa dure o tempo de tirar a escultura da caixa.

FERNANDA . Que é isso, afinal ?

GUILHERME . Presente, pra Suzana.

FERNANDA . De pazes ?

GUILHERME . Segundo mês de casamento.

FERNANDA . Por que maniou entregar na minha casa ?

GUILHERME . Se ela recebesse, não ia ter surpresa.

FERNANDA . Eu nunca tive nada disso.



GUILHERME . Nós não éramos casados.

FERNANDA . Mas viámos nossas caras amassadas de manhã. Era a mesma coisa.

(Pausa) Vocês continuam brigados ?

GUILHERME . Parece.

FERNANDA . Por causa do jardineiro ?! Vê se toma jeito, Gui !

GUILHERME . E o safado disse que vinha às oito, até agora não apareceu.

FERNANDA . Isso vai te ensinar a não acreditar em promessa de homem. (Pausa)

Vocês devem ter passado um fim de semana interessantíssimo. Os dois calados.

GUILHERME . Saí na lancha pra pescar.

FERNANDA . Pescou alguma coisa ?

GUILHERME . Não. Eu detesto pescar.

FERNANDA . Dizem que é bom pra pôr as idéias em ordem. Você precisa.

GUILHERME (lutando com o barbante). Diabo de nó !

FERNANDA . Não quer saber o resultado da minha atividade como detetive ?

GUILHERME . Vai contando.

FERNANDA . Ela saiu às dez e cinco, e eu atrás. Botou gasolina naquele posto, logo antes da cidade. Eu parei, mandei ver se tinha água na bateria. Não tinha. Depois, ela mandou revelar um filme.

GUILHERME . Fui eu que pedi.

FERNANDA . Estacionou na pracinha e tomou sorte. ^(VL) Eu não tomei porque estou de regime. Aí, passou numa loja de roupa esporte, revirou tudo, não comprou nada. Foi ao super-mercado.

GUILHERME . Falou com alguém ?

FERNANDA . Com a caixa.

GUILHERME . E depois ?

FERNANDA . Pegou o carro no estacionamento.

GUILHERME . Falou com alguém ?

FERNANDA . Com o guardador. Deu uns trocados pra ele.

GUILHERME . Como é que ele era ?

FERNANDA . Guardador de carro tem cara, Gui ? Não sei! Depois, foi só um segundo.

GUILHERME . Depois ?

FERNANDA . Passou na chácara de flores. Falou com o Seu José.

GUILHERME . Como é que ele é ?

FERNANDA . Fora de forma.

GUILHERME . Idade.

FERNANDA . Duzentoe e três anos, mais ou menos.

GUILHERME . Depois ?

FERNANDA . Veio se atirar em seus braços desconfiados.

GUILHERME (indiferente). Obrigado.

Ela o vê tirando a escultura da caixa.



ATO I / Cena 2 / 3

FERNANDA . Você não parece muito satisfeito. Sinto muito por só ter lhe trazido boas notícias. Ou indiferentes. (Vê a escultura) Eu pensei que estava carregando um computador.

GUILHERME . Por quê ? (Leva a escultura para a mesa do fundo.)

FERNANDA . A etiqueta no pacote. "Simões - Eletrônica e Informática".

GUILHERME . Acha que eu ia dar um computador de presente pra ela ?

FERNANDA . Você anda tão perturbado.

GUILHERME (pega a caixinha que trouxe, abre, mostra o conteúdo a Fernanda.
É uma peça retangular, com uma antena móvel, um botão vermelho.) Vá até a sua casa e aperte esse botão quando chegar lá.

FERNANDA (recebendo a peça). Pra quê ?

GUILHERME . Não interessa. Vá correndo.

FERNANDA . Posso ir andando ?

GUILHERME . Vai !

Ela sai, depressinha, a contragosto. Guilherme leva a base da escultura para a mesa. Coloca a escultura sobre ela. Abre a base, por detrás, tira um gravador pequeno. Coloca música no toca-disco. Não muito alto. Examina o gravador por um instante. Sorri. Funciona. Corre à janela. Acena para Fernanda, chamando-a de volta. Desliga a música. Fernanda entra.

FERNANDA . Pensei que a casa ia explodir quando eu apertasse o botão.

Ele aciona o gravador. A música foi gravada.

GUILHERME . Nunca ouviu falar de controle remoto ?

FERNANDA . Que é que você está tramando.

GUILHERME . Um jogo.

FERNANDA . Coisa defita de cinema.

GUILHERME . Se você acha. (Ele vai recolocar o gravador na base da escultura)

FERNANDA . Posso ser franca com você ?

GUILHERME . Sei o que vai dizer e não me interessa ouvir.

FERNANDA . O que você está fazendo com a sua mulher é uma grande sacanagem.

GUILHERME . Problema meu. Agora, pode ir embora. (Ela vai lhe devolver o controle remoto; ele não aceita) Leve com você. Daqui a pouco eu vou pôr música no toca-discos. Deixe passar uns minutos e telefone pra cá.

FERNANDA . Pra falar com quem ?

GUILHERME (ele entrega a papelada, a caixa, a sacola). Ninguém. Telefone. Vai embora.

FERNANDA . Eu vou acabar me acostumando.

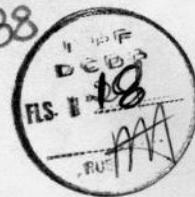
Fernanda sai. Guilherme corre para a passagem do fundo.

GUILHERME (chamando). Suzana ! Suzana! Vem cá, por favor!

SUZANA (fora). Ainda não estou pronta!

GUILHERME . Venha, por favor.

Ele volta ao toca-discos. Põe outra música. Ela desce. Não entende por que



foi chamada.

SUZANA . Que foi ?

Guilherme lhe mostra a escultura.

SUZANA . Você comprou!

GUILHERME . Você não queria ?

SUZANA (corre para ela, como se fosse pegá-la). É linda!

GUILHERME . Nem tente levantar. É muito pesada.

SUZANA (inteiramente entregue, indo para ele). Querido...

Ele acionou o toca-disco momentos antes. A música coincide com o abraço, com o beijo,

SUZANA . A nossa música!

Eles começam a dançar.

SUZANA . Eu me lembro tão bem. Aquela noite linda. O mar estava tão calmo.

O navio parecia estar parado.

GUILHERME . Você me perdoa ?

SUZANA . Shhhh. (Ela o faz parar com um beijo pequeno)

GUILHERME . Diga que perdoa.

SUZANA . Está bem. Perdoo.

GUILHERME . Posso ir almoçar com vocês ?

SUZANA . Nada me faria mais feliz.

O telefone toca. Ele faz que vai parar de dançar e atender.

SUZANA . Não. Deixa tocar.

O telefone toca mais algumas vezes. Pára.

SUZANA . Você tem de parar de me dar esses presentes tão caros. Vai se arruinar.

GUILHERME . Deixe comigo.

SUZANA (curiosidade brincalhona). Você é tão rico assim ?

GUILHERME . O bastante pra te dar uma escultura por aniversário.

SUZANA . Então temos de mudar de casa. Não vai caber.

O telefone volta a chamar.

GUILHERME . Melhor eu atender.

SUZANA . Não.

GUILHERME . Suzana... (Ela se solta de seus braços, carinhosamente, volta para mais um beijo, vai atender. Ela fica dançando sozinha.)

(Ao telefone) Alô ? ... Oi, Roberto! Que é que você manda ? ... Quê ? ...

Mas eu já disse que estou de férias! Vocês podem muito bem se virar sem mim. ... Ah, é ? ... E o meu parecer é tão importante assim ? ... Está bem. ... Eu vou direto pra sua casa, então. ... Me espere lá, é me-



lhor. ... Janto com você, claro. ... Até logo. (Desliga)

SUZANA (que parou de dançar durante a conversa). Mas que perseguição!

GUILHERME (gesto de "não havia jeito"). E₁ sinto muito.

SUZANA . Vai ter de ir, mesmo ?

GUILHERME . Não dá pra não ir.

SUZANA . O Roberto pensa que manda em você.

GUILHERME . Você manda. Ele precisa.

SUZANA . Você prometeu que esquecia as causas enquanto estivesse aqui.

GUILHERME . Mas elas não se esquecem de mim...

SUZANA . Quando é que você volta ?

GUILHERME . Amanhã mesmo. Vai ter medo de ficar sozinha ?

SUZANA . E₁ não sou medrosa.

GUILHERME . Deixo um revólver carregado pra você.

SUZANA . Muito obrigada. Tenho horror de armas de fogo.

GUILHERME (abraçando-a). Sabe que é a primeira vez que a gente se separa desde que casamos ?

SUZANA (decide, bruscamente). Eu vou com você!

GUILHERME . Não vale a pena. Vou ficar preso com o Roberto o tempo todo. Você ia se chatear, me esperando no apartamento.

SUZANA . Está bem.

GUILHERME . Leve os Negreiros pra passear de lancha com você. Se eu resolver tudo logo, posso chegar antes do almoço.

SUZANA . Então, não vou passear, não. Te espero na cama.

GUILHERME . É uma idéia.

SUZANA . Boa ?

GUILHERME . Das melhores que você já teve.

De novo ele a abraça e beija. Cheio de intenções. Ela se afasta, rindo.

SUZANA . Não, não, não! Eu te conheço! Quanto mais depressa fôr, mais depressa volta. Vamos arrumar sua valise. (Vai se afastando) Não fique parado aí. Venha!

Suzana sai, depressa. Guilherme fica parado um instante. Aí, desliga a música. Pega o disco com carinho, coloca na capa. Guarda. Olha a escultura. Sobe.

As luzes morrem lentamente.



. Ato I / Cena 3 / 1

CENA III

Noite do mesmo dia. Suzana deitada no sofá, as mãos sob a mica, ouvindo a música no toca-disco.

Marcos espia pela janela. Entra, vai apagar o cigarro que está fumando no cinzeiro, na mesa do fundo. Suzana não o ouve. Ele se aproxima dela. Fica bem atrás, levanta as mãos, abaixa-as para tocá-la nos dois ombros, ao mesmo tempo.

MARCOS . Tudo bem ?

Suzana dá um grito de susto, avança o tronco, que ele retém, por trás, sempre pelos ombros.

MARCOS . Calma, gatinha. Calma.

SUZANA (toma fôlego). Quer me soltar, por favor ?

Marcos a solta. Ela salta do sofá. Cruza, afastando-se dele.

SUZANA . Precisava me pregar esse susto ? (Olha-o) Que é que você veio fazer aqui, Marcos ?

MARCOS . "Renato". O jardineiro de "madame". Re-na-to. (Ele desliga o toca-disco) Melhor assim. Não precisamos de atmosfera romântica pra conversa que nós vamos ter.

SUZANA . Que é que você quer ?

MARCOS (indo instalar-se confortavelmente no sofá). Te fazer companhia. Quando o gato sai, os ratos fazem a festa. (Acende outro cigarro)

SUZANA . Dá o fora daqui, seu crápula! Você me prometeu que ia sumir. Não chegou o dinheiro que eu te dei no estacionamento ? E ainda tem a pouca vergonha de vir aqui. Vai embora. Me deixa em paz.

MARCOS . Calma, "madame". Cal-ma.

SUZANA . Escuta, Marcos...

MARCOS (corrige). "Renato".

SUZANA . Você não entende ? O que aconteceu entre nós acabou! Eu encontrei um homem maravilhoso, que eu amo. Eu amo o meu marido.

MARCOS . Não grita. Eu não sou surdo.

SUZANA . Não quero perder o Guilherme.

MARCOS . Claro. Fingou um otário! (Sorriso admirativo) Você, ein! Casou, nem disse nada pro seu melhor amigo. Se eu não tivesse visto o retrato do casalzinho na coluna social, ia pensar que você tinha morrido. Me deu saudades, sabe ? Então, resolvi entrar em contato com vocês. (Levanta, olha ao redor) Gosto de gente fina. Que vive bem. Depois, sou vidrado em criminalistas. E ele ? É vidrado em você ?

SUZANA . Me adora. E é muito ciumento ?

MARCOS (indo para ela). Está tentando me desencorajar ?



SUZANA (que o evita, cruzandó). Muito ciumento.

MARCOS (indo para o bar). Coisa antiga.

SUZANA . Por favor! Vai embora! Some! Me deixa em paz!

MARCOS . Falou. Derretu meu coração. Eu vou, e te deixo em paz. Pra Austrália, que tal? Adoro viajar. Mas custa uma nota. (Serve-se)

SUZANA . Eu não tenho dinheiro meu.

MARCOS . Isso é chato.

SUZANA . Se eu contar ao Guilherme quem você é e o que quer, nem sei o que ele era capaz de fazer.

MARCOS . Drama demais é ridículo. Mas miséria é pior. (Apaga o cigarro no cinzeiro do fundo)

SUZANA . Onde quer que eu arranje dinheiro? (Vai a ele)

MARCOS . Seu marido é cheio da grana. Eu me informei.

SUZANA . Como é que eu vou tirar dinheiro dele?

MARCOS . Dá um jeito.

SUZANA (afastando-se). Ele não vai me dar, sem um motivo justo.

MARCOS (sem brincadeira). Então, quem vai dar um bom motivo pra ele, sou eu!

SUZANA (volta-se para ele). Que é que você vai dizer?

MARCOS (sorri, saboreia). Digo curto e preciso. "Doutor, eu já andei com a sua mulher. Ou você prefere que eu diga que tive um "caso"? No tempo do primeiro marido. E vim pedir uma ajuda de custo, pra me exilar e viver honestamente, como ela conseguiu fazer." Aí, ele perde o controle, me bota pela porta à fora. E eu digo: "Tudo bem! Falou, doutor. Então, eu vou à polícia, porque tenho provas de que a sua esposa matou o primeiro marido."

SUZANA (o agarra). Você não tem prova nenhuma!

MARCOS (protegendo o copo de uísqui). Cuidado!

SUZANA . Não tem!

MARCOS (se afasta). Quer apostar?

SUZANA . Ninguém vai acreditar num vigarista como você.

MARCOS . Mesmo que não acredite, o seu "doutor", com todo esse ciúme, pra não falar da deformação profissional, vai se danar.

Suzana se senta numa das poltronas, chorando. Marcos se aproxima, contorna-a, fica atrás dela.

Choro não vai adiantar nada. (Agacha-se, pertinho) Que é que há? Você se arrumou. Arranjou um homem. Está apaixonada. Tudo bem. Mas eu também quero me arrumar. Não é justo? E você pode me ajudar.

SUZANA . Como?

MARCOS . Compra uma jóia..., coisa fina, claro... muito ouro... e depois, perde. (Levanta-se e vai se deitar no sofá)

SUZANA . E se ele não me der?

MARCOS . No meu tempo você tinha um jeitinho todo especial pra conseguir



essas coisas.

SUZANA . Eu não posso fazer isso com ele.

MARCAS . Algumas mulheres se deixam estragar por amor, sabe ? É uma desmoralização. (Pausa) E então ? (Ela fica calada. Ele se irrita, senta-se no sofá) Eu não vim aqui pra fazer visita social e perder meu tempo! Te vira. Eu preciso de uma nota firme até domingo. Se não, largo a enxada, sento aqui e solto o verbo.

SUZANA (levanta-se). Mas eu não sei como...

MARCOS . Se não sabe, aprende.

SUZANA . Você me dá nojo. (Se afasta)

MARCOS . E você, com essa de casar e ficar virgem me dá mais nojo ainda.

Suzana se afastou, braços cruzados, sem solução. Pausa. Ele se levanta, deixa o copo no chão.

MARCOS . Eu estou na Pensão Pérola. Me procure lá. Ah! eu registrado com o nome de Luis Sucre. Passaporte argentino, chê.

SUZANA (sem olhar para ele). Vá embora, pelo amor de Deus!

MARCOS (vai a ela, pega-a pelos ombros, por trás). Tudo bem. Eu vou. Dá uma bitoca de despedida, em nome dos velhos tempos. (Ele a faz girar sobre si mesma, tenta beijá-la)

SUZANA (debate-se, livra-se dele, se afasta) Me larga!

MARCOS . Você não se fazia de gostosa no tempo do Vicente.

SUZANA . Porque eu valia o que você valia. Você é que devia ter morrido, naquela noite.

MARCOS . Pois é. Não ia estar se chateando, hoje. (Pausa) Fica combinado assim. Ou me arranja a grana, ou eu falo com ele.

SUZANA . Se contar alguma coisa, eu me mato.

MARCOS . Quê ? Ama o seu macho a esse ponto ?

SUZANA . Amo.

MARCOS . Chocante.

SUZANA . Você não sabe o que é amor.

MARCOS . Isso não é amor. É tesão. E do bom! Mas, veja bem: nada de suicídio antes de me garantir a aposentadoria. Fica firme, boneca. Dias melhores virão. É até capaz de casar uma terceira vez. (Pausa) Bem, fico aguardando você chamar. Mis saludos, señora. Buenas noches. Mu-chissimas gracias. (Faz uma reverência estudada e sai)

Suzana demora um instante para olhar a sala vazia, a passagem por onde ele saiu. Caminha, abraçada a si mesma, sem saber o que faz, para onde vai.

SUZANA . Meu Deus! Meu Deus, que é que eu vou fazer ? (Pára. Quando ela sai, subindo para o quarto, é porque tomou uma decisão final)

Cena vazia. Ouve-se um carro que chega, pára. A porta que se abre e bate. Logo, Guilherme entra. Ave de rapina, examinando. Vê os cigarros de Marcos no cinzeiro. Logo, o copo que ele largou no chão. Pega-o, vai à es-



cultura, tira o pequeno gravador da base. Liga-o, e vai fazendo correr a fita, parando-a a determinamos momentos, e ouve os seguintes trechos:

VOZ DE SUZANA . " Você não entende ? O que aconteceu entre nós acabou!

Eu encontrei um homem maravilhoso que eu amo. Eu amo o meu marido!"

VOZ DE MARCOS . " Então eu vou à polícia, porque eu tenho provas de que a sua "esposa" matou o primeiro marido. "

VOZ DE MARCOS . " Dá um jeito. Eu preciso de uma nota firme até domingo. Se não, largo a enxada, sento aqui e solto o verbo."

VOZ DE SUZANA . " Se contar alguma coisa, eu me mato."

VOZ DE MARCOS . " Quê ? Ama o seu macho a esse ponto ? "

VOZ DE SUZANA . "Amo."

VOZ DE MARCOS . "Chocante."

VOZ DE SUZANA . "Você não sabe o que é amor."

VOZ DE MARCOS . "Isso não é amor. É tesão. E do bom! Mas, veja bem: nada de suicídio antes de me garantir a aposentadoria."

Suzana aparece, descendo do andar superior. Ela o vê, murmura.

SUZANA . Guilherme... (Abre a mão, deixa cair o vidro de pílulas, vazio)

GUILHERME . Suzana ! (Corre para ela) Que foi que você fez ?

Ele se abaixa, pega o vidro, automaticamente. Pasmado. Tenso.

Suzana! (Ele a toma em seus braços)

SUZANA . Você está livre de mim.

GUILHERME . Suzana! Suzana!

As luzes caem, rapidamente.





CENA IV

Manhã do dia seguinte.

Guilherme está parado. Olha pela janela. Imóvel. Fernanda entra, vindo da parte superior da casa. Ele a pressente. Volta-se.

GUILHERME . Como é que ela está ?

FERNANDA . Bem melhor. Voltou a si, me viu, perguntou quem eu era. Eu disse: a vizinha. Ela fechou os olhos. Acho que não foi com a minha cara.

GUILHERME . Ela precisa comer alguma coisa.

FERNANDA . Você já fez lavagem de estômago ?

GUILHERME . Não.

FERNANDA . Eu, já. Se alguém fala em comida dá vontade de matar. É melhor você levar a sopinha pra ela, mais tarde. Os instintos assassinos da Suzana devem ser menos ativados por você do que por mim.

GUILHERME . Por favor, Fernanda, não brimque.

FERNANDA . A hora de chorar já passou. Ela saiu dessa. Nota dez. (Pausa) Eu não entendo como é que ela foi tomar tantas pílulas... por engano.

GUILHERME . Ela tomou uns uísquis comigo, antes de eu sair. Deve ter tido medo de ficar sozinha e resolveu tomar as pílulas pra dormir logo.

FERNANDA (pausa, ela o examina, sem acreditar). Ainda bem que você voltou.

GUILHERME . Deixei uns documentos que precisava. Me lembrei a tempo.

Pausa

FERNANDA . Está sendo honesto comigo, Guilherme ?

GUILHERME . Acha que não estou ?

FERNANDA . Você discutiu com ela antes de sair, não foi ? Disse coisas de que se arrependeu e voltou pra pedir desculpas. Não tinha documento nenhum. (Ele ainda não responde) Não foi isso ?

GUILHERME . Foi.

FERNANDA . E o gravador ?

GUILHERME . Não tinha nada gravado.

FERNANDA . Está vendo ? Quando vocês metem uma coisa na cabeça, não há Deus que tire! (Ele esconde o rosto nas mãos, esfregando-o) Não adianta bancar a vítima. Aqui só tem uma. Lá em cima. E dê graças a Deus dela ainda estar. (Pausa) E agora, vai se comportar ?

GUILHERME . Será que ela me perdoa ?

FERNANDA . Se gosta de você, perdoa.

GUILHERME (levanta-se) . Você acha que não ?

FERNANDA . Vai recomeçar ?

GUILHERME (ele a olha, mas não se desculpa: está no olhar. Estende as mãos, que ela pega) . Obrigado.

FERNANDA . De quê ?

GUILHERME . Por tudo. Eu não sabia desta sua habilidade. Não entendo



de primeiros socorros. Obrigado.

FERNANDA . Agradeça à Odete.

GUILHERME . Que Odete ?

FERNANDA . Uma amiga minha que insistiu pra eu fazer um curso de primeiros socorros porque eu vivia sozinha. Só depois que eu fiz é que me dei conta: vivendo sozinha, eu é que não podia fazer nada se me acontecesse alguma coisa. Caia dura e ficava.

GUILHERME . Então me apresente a ela, um dia, pra eu agradecer.

FERNANDA . Melhor não. Ela se interessa por homens que não estão precisando de primeiros socorros. (Não conseguiu animá-lo. Pausa.) Já que está tudo em ordem é melhor eu ir. Qualquer coisa, me chame.

GUILHERME . Está bem.

FERNANDA . Suba e fique com ela. Melhor acordar e ver você do que a vizinha do lado (Beija-o na cabeça, quase maternal) Eu devo estar ficando velha.

GUILHERME . Por quê ?

FERNANDA . É a primeira vez que me despeço de um homem como se fosse meu filho. Ciao.

Fernanda sai. Guilherme vai à janela, vendo-a ir-se. Dá adeus.

Suzana aparece, ao fundo. Está fraca. Mal pode caminhar. Apoiase à parede.

GUILHERME (quando a vê). Suzana! (Vai a ela) Não devia ter levantado.

SUZANA . Eu estou bem.

GUILHERME . Venha se sentar, querida.

SUZANA (parando). "Querida" ?

GUILHERME . Você continua sendo a minha querida de sempre. (Ela se deixa levar para o sofá) Eu é que não sou mais o mesmo. (Ele se ajoelha ao lado dela) Diante da possibilidade de te perder, alguma coisa aconteceu comigo. Dentro de mim. Agora eu sei do que tinha medo. Sou outro homem, Suzana. Vou lutar para não te perder.

SUZANA (volta o rosto para o outro lado). Estou tão envergonhada. Tão humilhada.

GUILHERME . O que passou, passou. Não se fala mais nisso. (Levanta) A única coisa que eu tenho contra você é não ter me contado, quando me conheceu.

SUZANA (olha-o) . E me arriscar a te perder ? Eu nunca tinha realmente amado ninguém antes de te conhecer.

GUILHERME (senta junto dela). Eu sei. Ouvi aquela gravação não sei quantas vezes. Se duvidava de seu amor, agora não duvido mais. Vou te livrar dessa complicação. E seremos felizes. Tudo ficou tão simples! (Ele se levanta, vai à mesa do fundo, pega um pedacinho de fita) Sabe o que é isto ? (Volta) Toda minha vida está gravada neste pedacinho de fita. É você, dizendo: "Eu encontrei um homem maravilhoso que eu amo. É amo o meu marido." Foi tudo que guardei daquela gravação nojenta.

(Suzana olha, sem entender) Agora, você não tem mais nada a esconder.

(Torna a sentar) Você é a minha mulher. E eu preciso te proteger. (Ela se abraça a ele, chorando. Ele espera, a afasta dele, segurando-lhe as mãos, explica!) Temos um trunfo a nosso favor: ele esperava ter você na mão quando ameaçou contar tudo. O que deu errado.

SUZANA . E se disse à polícia ?

GUILHERME . Não é tão simples. Vão querer prova^s. Portanto, eu preciso de contra-provas. Me conte tudo. (Devanta, vai à poltrona)

SUZANA . Fique aqui comigo.

GUILHERME (arruma a poltrona bem de frente para ela). Não vou te ouvir como marido, mas como advogado. (Aproxima a poltrona, senta-se)

SUZANA (toma fôlego). Guilherme, eu não matei o Vicente a sangue-frio, como o Marcos fez parecer.

GUILHERME . É esse o nome dele ?

SUZANA . É. Eu tinha dezoito anos quando conheci o Marcos. Acabamos indo viver juntos. Eu logo vi que ele era um vigarista. Não valia nada.

GUILHERME . Como conheceu seu marido ?

SUZANA . O Marcos me apresentou a ele. Vicente Horta. Parecia ser rico. Eu não queria casar, mas o Marcos me convenceu que eu devia. Ironicamente, ele ainda era bem pior que o Marcos. Quando não estava bebido, estava drogado. Eu procurei o Marcos pra pedir conselho, e ele foi muito solícito. Acabamos na cama. E continuei assim. Com os dois. Belo triângulo.

GUILHERME (levanta-se, anda). Como foi que o Vicente morreu ?

SUZANA . Eu estava no quarto com o Marcos quando ele entrou. Completamente embriagado. Fez um escândalo. Não sei por quê. Sabia de tudo. Nem ligava. Eles se atracaram e, quando eu vi, o Marcos estava largado no chão, e o Vicente em cima de mim, me agarrando pelo pescoço. Eu caí, a mesinha virou, e minha mão encontrou um cinzeiro de cristal. Agarrei. Bati na cabeça dele. Quando me soltou, percebi que estava morto.

GUILHERME . Que é que vocês fizeram ?

SUZANA . O Marcos fez parecer que tinha sido acidente. Pra me inocentar. Levou o corpo pro jardim, e o fez cair de costas sobre a borda cimentada do canteiro. Como se tivesse perdido o equilíbrio ao subir a escada da entrada.

GUILHERME . E a polícia engoliu ?

SUZANA . O Vicente estava cheio de álcool. E não me deixou nem um tostão. Muito pelo contrário. Só dívidas.

GUILHERME . É. Onde não há motivo, não há crime. E o Marcos ?

SUZANA . Disse que ia sumir pra não me comprometer. Quando a polícia chegou, já tinha se mandado. Com todas as minhas jóias. E o dinheiro que achou. E eu nunca mais o vi. Até agora.

GUILHERME (Pausa). E você ?

SUZANA . Me empreguei como vendedora numa loja. Vivía deprimida. Apavora-

da. Antes que fizesse alguma loucura comigo, vendi o carro de Vicente, juntei com minhas economias, e fiz aquela excursão. Quando te conheci. (Esconde o rosto nas mãos) Eu não queria casar com você, lembra? (Pausa) Estou com tanto medo, Guilherme.

GUILHERME (vai a ela, senta-se). Calma. Não é tão grave assim. Se ele fôr à polícia se compromete tanto quanto você. E ele sabe. Vamos por partes. Ele quer te amedrontar. Quer dinheiro. Depois, sumir. Você não deve ter medo de nada. Vamos dar o dinheiro a ele. E ele vai desaparecer.

SUZANA . Você vai pagar?

GUILHERME . Pra viver em paz com você, vou.

SUZANA . E tem com o quê?

GUILHERME . Se ele fôr razoável, tenho. (Levanta, vai pôr a poltrona no lugar) Ele vai voltar ou pediu pra você entrar em contato com ele?

SUZANA . Está na Pensão Pérola. Com o nome de Luis Sucre.

GUILHERME (pega o telefone; digita). Alô? ... Por favor, telefonista, pode me dar o telefone da Pensão Pérola? ... Me mudei pra cá, há pouco tempo e não encontrei nenhuma lista. ... Por favor.

SUZANA (levanta-se, vai a ele). Que é que você vai dizer?

GUILHERME . Você é que vai falar com ele.

SUZANA (recua). Mas eu não posso!

GUILHERME . Vai ter de poder. (Ao telefone) Obrigado. (Desliga, logo digita) Vai dizer que tem o dinheiro. Que ele pode vir.

SUZANA . Quando ele descobrir que é mentira vai...

GUILHERME (ao telefone). Deixe comigo. (Ao telefone) Pode me ligar com o Sr. Luis Sucre, por favor? (Dá o aparelho para ela, que hesita pegar)

SUZANA . Alô? ... Sou eu. ... Consegui o dinheiro. Pode vir aqui? ... Ele saiu. ... Estou esperando. Venha logo. (Desliga, hirta) Ele pode não parecer, Guilherme, mas é muito perigoso.

GUILHERME . Tem um ponto fraco: precisa de dinheiro.

SUZANA (agarrada a ele). Não sei como te agradecer. Você é tão bom pra mim.

GUILHERME . Não agradeça. (Pausa) Eu não sou nenhum santo.

SUZANA . Você é maravilhoso. Eu te amo.

GUILHERME . Suzana, há uma coisa que você precisa saber. Estou contente de saber quem você realmente é. Tenho horror às santinhas. São piores do que as outras. Ficam esperando a ocasião pra enganar o marido com o primeiro que aparece. Mas, no seu caso, tudo isso já aconteceu. Já passou pela experiência. O que me dá uma estranha segurança. (Pausa. Olha-a, firme) Estou te livrando das garras deste crápula, mas você é uma mulher livre. Não pense que vai cair nas minhas.

SUZANA . Você é tão estranho!

GUILHERME . Não tenho nada de estranho. É que antes de eu te conhecer eu nunca fui feliz.

SUZANA . Nem eu.



GUILHERME . Agora, sou.
SUZANA . Nós somos tão parecidos.
GUILHERME . Nós somos iguais.

Eles se beijam, um beijo feroz, quase animal. As luzes morrem.



A handwritten flourish or signature is located in the bottom right corner of the page.



CENA V

Algum tempo depois. Luz sobe. Cena vazia.

Um assovio. Pausa. De novo, o assovio. Suzana entra, da cozinha. Vai espiar pela janela. Está nervosa. Toma o centro, respira fundo. Tenta controlar-se. Marcos aparece, vindo do jardim.

MARCOS (à vontade). Não deu pra vir mais depressa. Então? Onde está a grana? (Silêncio de Suzana) Que é que há? Vai dar uma de muda, é?

Guilherme entrou pelo fundo. Marcos não o viu.

GUILHERME . Boa noite.

MARCOS (volta-se rápido, dá com ele, não se perde). Doutor, eu não apareci de manhã porque meu filho teve febre e...

GUILHERME . Poupe seu fôlego. Minha mulher me contou tudo.

MARCOS . Ah! O casal perfeito!

GUILHERME . Vamos conversar.

MARCOS . Em família? Comigo, tudo bem.

GUILHERME . Vá pro seu quarto, Suzana.

SUZANA . Mas eu queria...

GUILHERME . Por favor.

Eles esperam, imóveis, que ela saia. Marcos vai se sentar.

GUILHERME . Não precisa nem sentar. Nossa conversa vai ser curta. Quanto?

MARCOS . Vamos com calma. Antes, tenho de explicar os motivos que justificam minhas pretensões.

GUILHERME . Está insinuando que seu silêncio vale muito?

MARCOS . Muito.

GUILHERME . Quanto?

MARCOS . Posso sentar? (Dia nte da cala de Guilherme, senta) Então já sabe que Suzana liquidou o primeiro marido.

GUILHERME . A morte dele foi acidental. E ela agiu em legítima defesa.

MARCOS . Um pouco tarde pra pensar nisso, não é?

GUILHERME . Também é tarde pre você desenterrar o assunto. É a sua palavra contra a dela. Você podia ter matado o Vicente, ela sendo uma espectadora impotente.

MARCOS (admirativo). Advogado não perde tempo, não é? (Pausa. Olha ao redor) A Suzana aqui, muito bem instalada, e eu na dureza. Eu não tenho nada a perder se soltar o verbo. Ela, sim.

GUILHERME . Arrastar Suzana pra lama com você não vai adiantar nada.

MARCOS . Mas como o "caro amigo" vai entrar com o financiamento, ninguém vai se enlamear. (Estuda-o, sorri) Sabe que eu perdi uma bela colaboradora?

GUILHERME . Colaboradora?

MARCOS . No meu tempo, ela me ajudava a ganhar a vida. Agora está noutra.



- Merece. (Pausa) Não acredita ou não quer acreditar ?
- GUILHERME . Pela última vez: quanto ?
- MARCOS . Veja bem. Pra mim não é só uma perda financeira. Mas sentimental também. Eu gosto um bocadinho dela, sabe ?
- GUILHERME . Duzentos milhões e você some das nossas vidas.
- MARCOS . Tá me achando com cara de otário ? Eu sei quanto pagou por esta "casinha" de praia. Na ficha. Pensa que vim negociar gorjeta ? (Levanta) Meu silêncio vale, pelo menos, o dobro.
- GUILHERME (sem exaltar-se). O dobro.
- MARCOS (marcado). O do-bro e uma quebra. Quinhentos. Pra arredondar. (Pausa) Acho que devemos brindar a isso. (Cruza para o bar)
- GUILHERME . Prefiro que não se sirva. (Marcos pára, volta-se, entre intrigado e curioso) Não tenho esse dinheiro disponível.
- MARCOS . Tem títulos ao portador e ações negociáveis.
- GUILHERME . Não aqui.
- MARCOS . E seu tio avô, quando morreu, te deixou uns quadros que valem uma nota firme. Portinari, Segall, Rego Monteiro, Tarsila. Até Ismael Neri.
- GUILHERME . Você se interessa por pintura ?
- MARCOS . Tudo que vale grana me interessa.
- GUILHERME . Não espera sair da minha/casa com quadros embaixo do braço!
- MARCOS . Eu, não. Você, sim.
- GUILHERME (pausa). É a sua última oferta ?
- MARCOS . A primeira. Em meia hora pode subir. Inflação, você sabe.
- GUILHERME . E garantia me dá que nunca mais vamos ver você ? Eu te dou uma fortuna. Você me dá o quê ?
- MARCOS . Minha palavra.
- GUILHERME . De honra ?
- MARCOS . Está bem. Não estou dando minha palavra de honra. Minha palavra sem a honra, não basta ?
- GUILHERME (controla-se). Duzentos agora. Durante os próximos três meses, a cada dia primeiro, mais cem.
- MARCOS . A diferença entre nós é que eu não exijo garantias. Aceito a sua palavra. Com ou sem honra. (Sorri. Pausa. Pondera:) Mas se a inflação continuar do jeito que vai, eu me ferro.
- GUILHERME . Alguma sugestão ?
- MARCOS . Pode me pagar no equivalente em dólares. Vinte mil agora. E mais três parcelas de dez mil, ao câmbio do dia.
- GUILHERME . Negro ou oficial ?
- MARCOS . Acha que nossa transação pode ser feita no oficial ?
- GUILHERME . Tenho de providenciar a ordem de pagamento. Preciso de 48 horas.
- MARCOS . 24...
- GUILHERME . Não basta.
- MARCOS . 36, então. Eu sou compreensivo. . E tutu vivo. Quentinho do





forno.

GUILHERME . Não sei se poderei levantar essa quantia em tão pouco tempo.

MARCOS . Pode sim. Uns telefonemas, o tutu cai do céu, que nem maná.

GUILHERME . Vou ver o que posso fazer.

MARCOS . O que "pode", não. O que "vai".

GUILHERME . Onde nos encontramos ?

MARCOS . Aqui. Depois de amanhã. Às dez e meia. (Explica) Não quero perder a novela, morou ?

GUILHERME . Estarei à sua espera.

MARCOS . Você, não. Suzana.

GUILHERME . Não podemos poupar isso a ela ?

MARCOS . Não. Ela me dá a grana e você aproveita pra fazer um Cooper no turno. Faz bem. (Explica) Se quiser puxar meu tapete, ela cai junto. Não se preocupe. Vai dar tudo certo. Boa noite. Minhas recomendações à sua "senhora".

Marcos sorri e sai. Guilherme senta-se na poltrona, a cabeça entre as mãos. Suzana aparece, no fundo. Fica atrás dele, mãos em seus ombros.

SUZANA . Eu sinto tanto. Tanto. Tanto.

GUILHERME (segurando as mãos dela). Não diga isso. (Beija-lhe as mãos, puxa-a para o lado, levantando-se ao mesmo tempo) Se isso não tivesse acontecido, não saberia que você me ama. Agora, vou poder provar como eu te amo. (Segura firme suas mãos) Só há um jeito de pôr fim a uma chantagem. Acabar com o chantagista.

SUZANA (pasmada). Quê ?

GUILHERME . Ele pode continuar arrancando dinheiro de nós até o crime crescer. O resto de nossas vidas. Ou deixamos ele nos arruinar ou o tiramos do nosso caminho.

SUZANA (solta as mãos, recua). Quer dizer... (a meia-voz) matá-lo ?

GUILHERME . É a única saída.

SUZANA (se abarça, afasta-se): Mas você... você é...

GUILHERME (vai a ela). Eu sei quem sou. É por isso que posso fazer bom uso da minha posição. Não está entendendo ? Se não aproveitar agora, talvez nunca tenha outra chance igual.

Ela se afasta, mas ele a segue, abraça-a por trás.

GUILHERME (quase um murmúrio). Acho que boleei um meio infalível de realizar o crime perfeito.

SUZANA (volta-se lentamente para ele). Você ?

GUILHERME . Sim, eu. Um cidadão acima de qualquer suspeita.

SUZANA (abarça-se a ele, de costas para o público). Eu estou com medo.

GUILHERME . Não tenha medo. Vai ser muito fácil. (Diz, como um homem apaixonado, ao seu ouvido) Basta apenas um tiro. Apenas...um.



ATO II

CENA I

Dois dias depois. Fim de tarde. Suzana, sentada. Tudo nela é espera imóvel. Ruído de um carro chegando. Antes que pare, ela correu para fora. Logo, entra com Guilherme, que trás uma pasta executiva e uma sacola de compras.

SUZANA . Você demorou! Eu estava tão aflita!

GUILHERME . O gerente do banco demorou pra me atender. Tudo demorou. Tudo. Ele larga a pasta no sofá; a sacola, no chão, ao lado. Suzana olha a maleta, entre susto e fascínio. Guilherme vai ao bar.

SUZANA . Pra que você foi pegar esse dinheiro se nós...

GUILHERME . Não seja ingênua, meu bem. Acha que o nosso amigo não anda de olho em mim? Enquanto eu fui ao banco, ele estava sentado na praça. Fingindo que lia o jornal. Viu que eu recebi o dinheiro. Que voltei pra cá. Vai fazer hora e aparecer às dez e meia.

SUZANA (passando a mão na pasta). Que idiota.

GUILHERME . Nunca substima um adversário, Suzana. (Olha-a) Melhor você não tomar nada.

SUZANA . É. (Pausa) Guilherme, que é que eu vou ter de fazer?

GUILHERME . É muito simples. Ele chega, encontra você sozinha...

SUZANA . Você não vai ficar aqui? (Vai para ele, quer proteção)

GUILHERME . Foi umas das condições dele. Quer que você dê o dinheiro.

SUZANA (esmorece). Eu não vou conseguir.

GUILHERME . Vai, sim. Eu vou estar por perto. Antes de sair, corto os fios do telefone, pra ele não poder se comunicar com ninguém enquanto estiver aqui. Quando tudo estiver terminado, eu volto.

SUZANA . Terminado?

GUILHERME . Quem vai matar o Marcos é você.

SUZANA . EU? (Grita) Não! não! não!

GUILHERME (segurando-a firme). Páre com isso, Suzana! Vamos, PARE! (Ela pára, mas continua assustada) Não complique as coisas ainda mais. Eu estou fazendo o que posso, mas você vai ter de me ajudar.

SUZANA . Por que não fica escondido aqui e o mata você?

GUILHERME . Ele não deve desconfiar de nada. Precisa me ver sair. Não percebe que é o excesso de confiança que vai liquidar com ele?

SUZANA (se afasta, tristeza ressentida na voz). É justo que seja eu.

GUILHERME . Você não está sendo punida. Meu plano funciona com você, não sem você. (Vai a ela) Se eu aparecer, ela pode fugir. E se estiver armado e atirar?



SUZANA . É verdade.

GUILHERME . Se vocês tiverem sozinhos, ele não vai desconfiar de nada. Comigo, está sempre alerta. Com você, se sente seguro. É muito mais fácil. É essa fraqueza que vai liquidar com ele. Entendê ?

SUZANA . Tem razão. (Senta, resignada)

GUILHERME (tira um revólver do bolso). Trouxe esse revólver quando viemos pra cá. Foi de meu pai. É antigo, acho que nunca foi usado. A polícia vai ficar louca hos testes de balística. Vê ? É pequeno. Você pode esconder embaixo da almofada do sofá. (Dá o revólver para ela) É só procurar ficar bem perto dele. Apoie o revólver de encontro a ele e atire.

SUZANA . Tão perto dele assim ?

GUILHERME . O mais que puder. Vai ser muito fácil. Olhe. (Vai para o fundo, fingindo ser Marcos, entrando) "Boa noite". Vamos, responda.

SUZANA (cai em si). Ah... "Boa noite." (Levanta) "Olha aqui o dinheiro, seu crápula!"

GUILHERME (natural, explicando). Não, não. Assim, não. Se der o dinheiro pra ele, se mostrar, ele pega e se arranca. Acha que eu vou poder ficar correndo atrás dele no escuro pra recuperar a pasta ?

SUZANA (perdida). Então...

GUILHERME . Vai ter de conversar com ele. Bem à vontade. Faça ele se sentar no sofá. Ofereça uma bebida. (Pega a sacola, de onde tira uma manta vermelha) Eu comprei isso aqui. (Atira a manta sobre o sofá)

SUZANA . Pra quê ?

GUILHERME . Pro sofá não ficar sujo de sangue.

SUZANA (Levanta, vai a ele) Não, Guilherme, não. (Dá o revólver, como se fosse desistir de tudo, fugir)

GUILHERME . Não vai fazer o que eu mandei ?

SUZANA . Eu não posso! (Senta-se na poltrona, chorando)

GUILHERME . Está bem. Desculpe. Fazemos o que ele quiser, então.

SUZANA (Pausa. Voz firme, limpando as lágrimas) Me desculpe, você. Eu faço tudo que você mandar.

Ele vai a ela, a faz levantar-se, beija depressa "como prêmio", traz de volta ao sofá.

GUILHERME . Você vai tratá-lo muito bem. Use o seu charme. Não o recrimine. Pode até falar mal de mim, se quiser.

SUZANA (querendo interromper). Não!

GUILHERME . Fale, sim. O ideal seria deixar que ele a beijasse.

SUZANA (recuo). Isso, não.

GUILHERME . Seria perfeito. Você estaria bem juntinho dele. Grudada. (Coloca o revólver na mão dela e a obriga a apoiar de encontro ao seu coração, enquanto a beija) E aí! Pãã! Ele nem vai se dar conta. Assim que ouvir o tiro eu venho. O resto é comigo. Entendeu ?



SUZANA (como num sonho). Outro dia, ele quis me beijar.

GUILHERME . Espero, por nós dois, que continue querendo.

SUZANA (olha do revólver para ele) Que é que vai fazer com o corpo ?

GUILHERME . Levo para a lancha. Tiro as roupas, queimo. Depois, queimo também as impressões digitais. Se fosse achado ninguém poderia identificar. Mas não vão achar. Vou jogar o corpo no ponto mais fundo da baía, amarrado naquela âncora velha que achei no fundo do quintal. Mesmo que achem, será Luis Sucre. Cidadão argentino. Ninguém, jamais, vai ligar esse homem a nós. (Conclui:) Talvez não seja um crime perfeito, mas um assassinato bem sucedido. Apenas com um tiro.

SUZANA . Sempre ouvi dizer que nenhum crime é perfeito.

GUILHERME . Dizemos isso pra desencorajar os amadores eventuais. E para assegurar às almas mais simples que o braço da justiça é longo. Eu já encontrei pessoas culpadas que era impossível desmascarar. Sabemos o número dos crimes imperfeitos. Os perfeitos, ninguém chegará a saber. O crime só é perfeito quando o assassino é perfeito. Cabe a nós dois sermos perfeitos. Vai dar tudo certo. (Abre a manta sobre o sofá) Você telefonou pra Pensão ?

SUZANA . Ele liquidou a conta e saiu. Não deixou endereço.

GUILHERME . Exatamente o que eu esperava que fizesse. Está por aí, nos espionando. (Pega o telefone) Ele já cortou os fios.

SUZANA (levando a mão à boca). Oh!

GUILHERME . Me poupou o trabalho.

SUZANA (vindo para ele). Será que ele suspeita de nós ?

GUILHERME . Claro que não. Fique calma. A única coisa que ele nunca poderia imaginar, e essa é a nossa grande vantagem, é que nós vamos matá-lo. Ainda mais eu, um advogado correto, da maior integridade. Seria impossível.

SUZANA . Parece mesmo impossível.

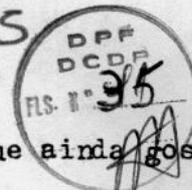
GUILHERME . No entanto, está acontecendo. (Ele quase sorri)

SUZANA (se afasta dele e o fixa). Nós vamos matar um homem. Isso não te deixa chocada ? (Pausa. Silêncio dele.) Guilherme, por que não confessa que está me submetendo a uma prova decisiva ? "Será que a minha mulher é recuperável ou é, definitivamente, sem caráter ? É simples descobrir. Ponho um revólver na mão dela. Se não atirar, é honesta. Se atirar, então é exatamente o que eu pensava. Eu a denuncio, e ela que vá pro diabo. E me livro dela de uma vez por todas." Não é isso ?

GUILHERME . (com grande simplicidade) Não percebe que estou fazendo isso por amor a você ?

SUZANA (que estremece ao ouvir). Então, é pior ainda. Depois disso, eu me torno sua cúmplice. Seremos inseparáveis. Você enterra seu ciúme num crime.

Pausa. Eles se olham.



GUILHERME . Por que não diz logo que não vai atirar porque ainda gosta dele ?

SUZANA . Não é verdade!

GUILHERME . Então, decida o que quer fazer. Não quero que diga que eu te obriguei. Resolva você mesma.

SUZANA . Guilherme, eu estou num beco sem saída. Ou pago pelo meu primeiro crime, ou cometo mais um.

GUILHERME . E eu ? Acha minha posição invejável ? Estou tentando salvar minha mulher, e ela acha que eu sou um calculista nojento. Eu tinha pensado em tudo, menos nisto.

SUZANA (se atira em seus braços). Me perdoe, querido. Eu não sei mais o que estou fazendo. Nem dizendo.

GUILHERME . Pra ser absolutamente franco, eu também não.

Eles se olham, riem pequeno.

SUZANA (afasta-se; quer ser prática). Depois que você sair, que é que eu faço?

GUILHERME . Aja naturalmente. Se por acaso alguém aparecer, o que eu duvido, diga que eu cismeie e saí pra pescar.

SUZANA . Essa vizinha aí do lado...

GUILHERME . Pode vir querer saber de você amanhã. Agora, não.

SUZANA . Você vai voltar antes da criada chegar ?

GUILHERME . Espero que sim. Não se esqueça disso: mesmo que haja alguma suspeita... que a polícia nos procure... nós temos de negar tudo. Nós nunca vimos esse homem. Ele nunca pôs os pés aqui. Minha palavra vale muito. Uma vida correta como a minha, conta. Só conta. Não se preocupe. Faça o que eu disser. Vai dar tudo certo. Melhor você mudar de roupa. Quero que esteja deslumbrante... para ele. Quando ele aparecer, vai até parar de susto antes de te dizer "Boa noite".

SUZANA (entrando no jogo). "Boa noite."

GUILHERME (assovio). "Você está um estouro!"

SUZANA . "Obrigada."

GUILHERME . "Onde está o dinheiro ?"

SUZANA . "Calma. Temos muito tempo. Senta."

GUILHERME (sentando). "Obrigado."

SUZANA . "Quer tomar alguma coisa ?"

GUILHERME . "É uma boa."

SUZANA . "Vou buscar uma garrafa de uísqui muito especial pra você."

GUILHERME . "Quanta amabilidade! Que surpresa!"

SUZANA . "E antes que a noite acabe, vai ter outras... querido."

Suzana sai pela passagem da cozinha. Guilherme fica sentado, imóvel, sorrindo para onde ela saiu.

As luzes morrem lentamente.

CENA II

Logo mais. Dez e vinte e cinco. Sala escura. Guilherme desce. Acende as luzes. Consulta o relógio de pulso. Pega o revólver, que está sobre a mesa, ao fundo, coloca as balas. Deixa-o na mesinha entre as poltronas.

GUILHERME (chamando). Suzana! São quase dez e meia!

Ele espera. Suzana aparece. O traje, ela própria, deslumbrantes.

GUILHERME . Você está bem ?

SUZANA . Estou calma. Calma demais.

GUILHERME . Ótimo.

SUZANA . Não vou te decepcionar. Já te decepcionei bastante.

GUILHERME . Shhh. Não esqueça de que eu te amo.

SUZANA . Eu também te amo.

GUILHERME (a beija, rápido). Olha... (Pega o revólver) Cuidado. Está carregado. E destravado.

SUZANA (pegando a arma). É só apertar o gatilho ?

GUILHERME . É. Esconda.

Suzana vai ao sofá, senta-se, à direita, esconde o revólver sob a almofada. Ensaia a posição certa, com Marcos à sua esquerda, ela apanha a arma sem que ele perceba.

GUILHERME . Eu já vou. Ele vai me ver saindo, com certeza. (Ultimo conselho) Não se esqueça de sorrir quando ele chegar. E não mostre o dinheiro pra ele. Só traga a pasta se ele insistir em ver.

SUZANA. Sei, sei. (Sem conter-se) Posso tomar alguma coisa ?

GUILHERME . Acha que deve ?

SUZANA . Por favor.

GUILHERME (indo ao bar). Está bem. Um pouquinho só. O trago da decisão.

SUZANA (estremece). Queria que tudo já tivesse acontecido.

GUILHERME . Calma. Não perca o controle. (Vem dar o copinho para ela)

SUZANA. Obrigada. (Bebe de um gole) Eu sei o que fazer. Não se preocupe. (Pausa) Estou me sentindo tão estranha. Como se estivesse andando na névoa. Andando assim como sonâmbula. Como se eu fosse duas Suzanas, e me visse. Eu, sentada ali, vendo outra mulher parecida comigo se preparando para... fazer o que eu vou fazer.

GUILHERME . Se, por acaso, na hora de apertar o gatilho, você acordar do seu sonambulismo, quero que se lembre de uma coisa: se não levar nosso plano avante isso pode te custar vinte anos de cadeia.

SUZANA (um tempo, um leve recuo). Vinte anos ?

GUILHERME . É o que poderá pegar se o seu amiguinho der com a língua nos dentes. E o fato de ser minha mulher não te ajudar em nada. Muito pelo contrário. Meus inimigos vão querer se vingar de mim, em você.



SUZANA (com um tremor, para si mesma). Vinte anos.

GUILHERME . Pense nisso.

SUZANA . Vou pensar o tempo todo. Que horas são ?

GUILHERME (consulta o relógio). Faltam dois minutos. (Vai sair)

SUZANA . Não vai me dar um beijo ?

GUILHERME (beija-a, mais encorajamento que ternura). Fecha a persiana. Ele vai se sentir mais confiante. Jogue o jogo dele. Mas não mostre o dinheiro.

Guilherme sai. Ela vai ao fundo, desaparece, subindo. Cena vazia. Marcos entra. Olha. Suzana volta, com a pasta.

MARCOS (assim que a vê). Boa noite, madame.

Suzana põe o indicador sobre os lábios, sugere um "Shhhh" sorridente. Deixa a pasta na mesa entre as poltronas. Abre (o público não vê o conteúdo).

Marcos a segue, fa scinado. Suzana pega pacotinhos de dinheiro, que sacode nas mãos. Marcos fala na direção da escultura.

MARCOS . Seu marido se mandou, como eu pedi. Vim buscar a grana. Onde está ?

SUZANA (a partir deste momento uma outra Suzana vai surgir diante de nós:

segura, fria, aguçadamente inteligente. Ela sorri.) Pode parar com isso, fofinho. O Guilherme já tirou o gravador dali.

MARCOS . E eu que tinha ensaiado tanto! Ia ser a minha grande cena. Garanto que você ia gostar, Suzuca.

SUZANA . Esquefe. Já estamos noutra.

MARCOS . Olha, pra ser franco, eu já estava cheio de bancar o chantagista.

SUZANA . Nossos planos mudaram, Marquinho. E não temos muito tempo. Quer tomar alguma coisa, te serve. (Vai fechar as persianas)

MARCOS (fascinado com a pasta aberta) Olha só essa grana, boneca! Olha só pra isso! Eu nem acredito! Você já me surpreendeu muitas vezes, antes, mas esse golpe foi a sua obra-prima!

SUZANA . Sê deu certo foi graças aos seus dotes de intérprete.

MARCOS . Acho que não me sai nada mal. Pra um arador... Disse tudo que você mandou. Não perdi uma! Ecom a inflexão certa!

SUZANA (que está pensando noutra coisa). Você foi perfeito. (Atenta a ele) Mas eu também tive o meu grande momento. O meu suicídio foi jóia. Só não contava com uma coisa. Ele chamou a vizinha do lado e a louca me deu uma lavagem de estômago que eu vou te contar. Passei duas horas de lascar! Fiquei pegando fogo. Se não morri das pílulas, podia acabar morrendo da cura.

MARCOS . Eu disse que não devia fazer isso.

SUZANA . E como é que eu ia convencer o Guilherme que estava me matando de desespero ? Joguei mais da metade do vidro no vaso, mas tive de engolir o resto!

B



MARCOS . Como foi que o seu Otelo reagiu quando ouviu a gravação?

SUZANA . Caiu de cara no melodrama. Engoliu tudo!

MARCOS . E eu que pensei que a gente estava exagerando.

SUZANA . Podíamos estar. Mas havia lógica, meu santo. E advogado é tarado por lógica.

MARCOS . Ele tem cara de homem que pensa.

SUZANA . E quem foi que te disse que homem gamado pensa? Se até no meu crime inventado ele acreditou!

MARCOS . Quando o nosso querido Vicente morreu, nunca ia imaginar que a sua cirrose ia ser tão útil pra nós, no futuro. Então, vamos dar no pé?

SUZANA . Calma. Não me ouviu dizer que nossos planos mudaram? Tenho novidades. Alterei um pouco a ordem das coisas.

MARCOS . Você é que sabe. (Não resiste, pega um pouco de dinheiro, põe no blusão. No gesto, pede permissão:) Posso?

SUZANA . Claro. A metade é sua mesmo.

MARCOS (sorrindo). Planejar é, uma coisa que você sempre fez direito, Suzana. Eu nunca pensei que aquela história de ir atrás dele no Eugenio C e bancar a viúva solitária ia colar. E não é que colou? (Ergue o copo) À sua. (Bebe) Não quer um pouco?

SUZANA . Não. Tomei um trago antes de você chegar, "pra me dar coragem".

MARCOS . Como se precisasse. Você é durona.

SUZANA . Não. Sou esperta, organizada, e seu ouvir na extensão. Como é que acha que eu ia descobrir que ele tinha mandado instalar aquele gravador na escultura? Ouvi ele telefonando pro Simões - Eletrônica e Informática.

MARCOS . Com você as coisas sempre dão certo.

SUZANA (calma). É. Mas ainda está faltando uma coisinha.

MARCOS . Pra você, não chega?

SUZANA . Pra você, chega?

MARCOS . Claro.

SUZANA . Só isso?

MARCOS . É uma boa bolada.

SUZANA (seca). Não seja idiota. Acha que eu vou me contentar com esses trocados? Eu quero todo o dinheiro dele.

MARCOS . Todo? (Assovio) Como é que vai conseguir?

SUZANA . Você não sabe de nada. (Vai ao sofá) Olha aqui. (Mostra a arma)

MARCOS . Que é isso?

SUZANA . O que está parecendo: um revólver.

MARCOS . Pra quê?

SUZANA . Pra te matar.

MARCOS . Quê?

SUZANA . Pra "acabar com o chantagista".

MARCOS . Que idéia besta.

SUZANA . Foi dele.

B



- MARCOS (ofendido). Eu, ein ?
- SUZANA . Para resolver os meus problemas o meu heróico esposo encontrou uma solução. M_a ensinou um método infalível para te fazer desaparecer. Te meter uma bala no coração. Depois, você ia servir de banquete pros bagres. E ninguém ia dar pela tua falta. Assassinato nota dez, garantido por um dos nossos maiores criminalistas. (Pausa) Que é que você acha ?
- MARCOS (assombrado). Como saçanagem, é a melhor que já ouvi contar. (Suzana ri) Pôxa! Essa não, Suzana! Como é que o amor pode avacalhar com as pessoas desse jeito ? Até um advogado acima de qualquer suspeita!
- SUZANA (sorrindo). Foi o que ele disse.
- MARCOS . Não vejo graça nenhuma. Imagine, ele querer acabar comigo! Não se pode confiar em mais ninguém, nem nas pessoas honestas. Não há moral nesse país, nem mesmo entre os homens honrados.
- SUZANA . É isso aí.
- MARCOS . Ele planeja essa sujeira e fica tudo por isso mesmo! A partir de amanhã só vou andar de colarinho branco.
- SUZANA . Não vai ficar tudo por isso mesmo, não. (Pausa. Marcos espera.)
Eu quero me livrar dele.
- MARCOS . Excelente solução. Quase moral.
- SUZANA . Era o que eu queria ouvir você dizer.
- MARCOS . Já ouviu.
- SUZANA . E quero mais uma coisa.
- MARCOS . Quê ?
- SUZANA . Que o que você faça isso por mim.
- MARCOS (verde de medo). Eu ? Sai dessa, Suzuca.
- SUZANA . Faz dias que eu não penso noutra coisa.
- MARCOS (fingindo brincar, mas o que quer é tirar o corpo) Tá pensando demais.
(Ela o encara, sorrindo. Pausa.) Pode não dar certo.
- SUZANA . Vai dar, sim.
- MARCOS . Vamos com calma. Sabe que está querendo fazer de mim um assassino ?
- SUZANA . Exatamente.
- MARCOS . Escuta aqui, Suzana, eu posso ser chegado a uma vigarice, mas sou família. Isso, não.
- SUZANA . E daí ?
- MARCOS . Até agora a gente dava nossos golpes e chegava.
- SUZANA (dura). Pois agora não chega, não. Acha o quê ? Que ia se mandar com a sua grana e me deixar vivendo com ele, é ? Eu quero ser livre! Mas com o dinheiro dele, ouviu ? E logo. Não quero ficar na sala de espera da boa vida.
- MARCOS . Eu entendo, Suzuca. Mas isso que você está querendo... (Ele volta ao bar, vai se servir de outro trago)
- SUZANA . E então ?
- MARCOS . Crime de morte é crime de morte. (Se serve, de costas para ela)



SUZANA . Sabe que hesitando desse jeito você está me decepcionando ?

MARCOS (volta-se e sorri, apesar dela séria). Que é que há, Suzuca ? Eu 'tô numa boa. Quer levantar a minha pressão ? (Pausa) Toma um traguinho comigo, vai! (Ela não responde, gelada. Se afasta) Não vai dizer nada ?

SUZANA . Estou pensando.

MARCOS . Isso! Vai pensando! Você foi sempre boa de idéias. Acaba descobrindo outra saída.

SUZANA (Senta no sofá, a mão sobre o revólver). Tem outra saída, sim.

MARCOS (assustado, pensando que ela poderá fazer alguma coisa contra ela mesma) Suzuca! (Larga o copo e vai a ela) Suzuca, você não está pensando em... Toma jeito. Não é tão ruim assim.

SUZANA (sorri). Não precisa ficar nervoso. (Levanta, o revólver na mão) Eu estava pensando numa saída bem mais vantajosa pra mim.

MARCOS (carinhoso, para ela). Eu sabia. Qual ?

SUZANA (volta-se para ele). Não conhece o ditado: matar dois coelhos com uma cajadada só ? Que tal eu me livrar do meu marido... e de você ? Os dois ao mesmo tempo ?

MARCOS . Que é que você quer dizer com isso ?

SUZANA . O caso é o seguinte, meu "coelhinho de estimação": quando dois não dão mais pra um acordo 100% é porque um deles está sobrando. (Aponta a arma para ele)

MARCOS . Você ficou maluca ?

SUZANA. Não. Realista. Solidão total. Sem sócio. Sem marido. O que eu sempre quis. O lucro, todo meu. Ciao, fofinho.

Ela atira. Marcos compreende, tarde demais, o seu destino. Vacila, tenta caminhar, cai no sofá. Ela, fria, o coloca na posição certa, conforme Guilherme sugeriu que aconteceria. Vai ao bar, já recompondo a personagem que o marido conhecia. Serve-se de um drinque, trêmula, e está tomando quando Guilherme volta.

GUILHERME (entrando). Deu certo ?

SUZANA (sem expressão). Eu atirei. (Vai para ele, braços estendidos) Guilherme! Que foi que eu fiz ? Que horror ! Que horror !

Ela se agarra a ele, mas Guilherme está olhando o corpo no sofá.

GUILHERME . Até que enfim!

SUZANA . Guilherme ! (Ela faz que vai desmaiar; ele a sustenta, firme)

GUILHERME . Suzana! Agora você é minha! Toda minha! Até o último momento eu duvidei de você. Mas você atirou!

SUZANA (afastando-se dele, lentamente). Guilherme, teus olhos estão brilhando tanto! Você está transpirando de prazer! Nunca te vi assim! Por quê ? Porque agora eu sou sua propriedade ? Sua cúmplice ? É por isso ?

GUILHERME . Não. É que agora não tenho mais medo de você me deixar.



Vamos poder nos amar em paz.

SUZANA . E eu vou ser obrigada a te amar. É isso que está querendo dizer ?

Obrigada da te amar ?

GUILHERME (sorri). Sei que você me ama sem que eu obrigue. Tenho a prova.

SUZANA , Tem mesmo ?

GUILHERME . Está gravada.

SUZANA (fria, firme). E se eu tivesse dito aquilo sabendo que havia um gravador na escultura ? E se eu soubesse que você mandava me espionar ? Se até essa vizinha aí do lado andou me seguindo ! E se o Marcos e eu estivessemos mancomunados ? E se aquela história do assassinato do meu marido fosse pura invenção ? E se o teu "crime perfeito" saísse pela culatra ? O que me diz de tudo isso, Dr. Guilherme ?

Longuíssima pausa. Ela o olha, dura. Ele responde ao olhar, firme.

GUILHERME . E se eu tivesse ido pessoalmente à chácara de flores e descoberto que você nunca pediu ao Seu Jorge pra mandar um jardineiro aqui pra casa ? E se eu tivesse telefonado da casa da vizinha e pedido ao Roberto pra me conseguir umas informações, e fiquei sabendo que o seu primeiro marido morreu, sim, mas de cirrose ? E se eu tivesse compreendido, de repente, que você sabia que havia um gravador na escultura ? E se, por fim, eu tivesse me dado conta de que vocês haviam representado aquela cena de falsa chantagem ? E se, depois do golpe, recuperando a minha lucidez profissional, eu tenha planejado, em meu benefício o crime perfeito ? Você não corria o menor risco de ser presa. Não tinha matado ninguém. Mas agora, com isto, (ele mostra o corpo de Marcos, para espanto maior de Suzana) eu sinto muito, mas é inevitável que seja. (Ele se ajoelha junto ao corpo de Marcos para constatar que está mesmo morto)

SUZANA (dando a volta para o outro lado do sofá, ficando de frente para ele) Não cante vitória tão cedo, meu querido. Você ainda não ganhou esta causa. (Quando ele a olha, ajoelhado como está, dá com o revólver apontado para ele) A sua história de crime perfeito é excelente, mas ainda sobre lugar pra um segundo tiro. Pra você. Eu vou executar o seu plano. Mas levarei vocês dois para a lancha. Depois, trago ela para mais perto, deixo a deriva e nado de volta. E vou te esperar um dia inteiro. Ou dois. Até dar o alarme. A vizinha do lado vai me ajudar. Ela é tão prestativa. Vão procurar seu corpo onde você não será achado. E eu vou me comportar como uma esposa desesperada, depois inconsolável e, por fim, conformada. Mas sempre digna. E aí, finalmente, serei livre e rica. A sua profissão e o teu ciúme deviam ter te ensinado que é preciso, também, desconfiar das mulheres. Sempre.

Guilherme não parece chocado com o que ouve. Levanta-se, vai ao bar. Ela não o perde se vista, seguindo cada passo, cada movimento.



GUILHERME . Sabe que eu ainda posso ser útil pra você, não sabe?

SUZANA . Duvido.

GUILHERME . Como seu advogado de defesa.

SUZANA . Ninguém vai me prender.

GUILHERME . É o que você acha ?

SUZANA . Eu não preciso de mais ninguém.

GUILHERME . Fique sempre atenta, minha querida. O crime perfeito não existe.

Ele vai caminhando para a passagem da cozinha.

SUZANA . Não foi o que você me disse. Orde é que você pensa que vai ?

GUILHERME . Pegar mais gelo. Estes acontecimentos merecem um brinde.

SUZANA . Não vai, não?

Antes que ele suma na passagem, Suzana atira. Ele cai, de costas. Suzana se aproxima. Olha bem para ele.

SUZANA . Crime perfeito não existe, é ? Isso é o que vamos ver.

Ela deiza o revólver na poltrona, vai ao sofá. Tira a manta de debaixo do corpo de Marcos. Abre-a no chão. Tira o dinheiro que ele guardou, leva para a maleta. Volta a ele. Começa a tentar pôr o corpo sobre a manta. A campainha toca. Ela fica hirta. Surpresa e terror. Pausa. Campainha. Suzana compreende o que deve fazer. Encolhe o corpo de Marcos no sofá, cobre-o com a manta. Corre, pega o revólver, guarda-o na pasta, fecha. Campainha. Ela apaga as luzes mais fortes. Entra na passagem da cozinha. Sem que a vejamos, puxa o corpo de Guilherme, pelos pés, que desaparece. Campainha. Suzana volta, perguntando, voz cansada de quem acordou.

SUZANA . Quem é ?

Fernanda (fora). Sou eu. Fernanda.

SUZANA . Que Fernanda ?

FERNANDA . A sua vizinha.

Suzana desaparece na passagem, abre a porta. Diálogo fora de cena.

FERNANDA . Boa noite.

SUZANA . Boa noite.

FERNANDA . Posso entrar ?

SUZANA . Claro.

FERNANDA (aparece, cheia de olhos). Desculpe eu te incomodar a esta hora,

Suzana. Posso te chamar de Suzana, não posso ?

SUZANA . Claro.

FERNANDA . Vim saber se estava tudo bem. Se precisava de alguma coisa.

SUZANA . Está tudo bem, obrigada.

FERNANDA . O telefone não dava sinal!

SUZANA . Às vezes, não dá mesmo.

FERNANDA . Fiquei preocupada.



SUZANA . Por quê ?

FERNANDA . Tive a impressão de ter ouvido um tiro. E, logo depois, um segundo tiro.

SUZANA . Eu não ouvi nada.

FERNANDA . Não é possível. Parecia tão perto.

SUZANA . Algum carro na estrada, com certeza.

FERNANDA . Dete ter sido, com certeza. Mas eu fiquei muito agitada. (Ela toma a cena, como se quisesse prolongar a conversa, saber mais) Minhas pernas estão tremendo. Parece que não vão aguentar comigo. Posso me sentar um pouco ?

SUZANA . Eu já estava deitada.

FERNANDA . Eu sei. Desculpe. Mas é só um minutinho. Até eu me recompor. (Senta-se no sofá, antes de Suzana possa impedir, ao lado do corpo de Marcos, que ela não parece notar) Ainda bem que seu marido não acordou.

SUZANA . Ele não está.

FERNANDA . Ainda está passeando lá fora ? Eu vi quando ele saiu. Estava aguando minhas plantas no terraço. É a melhor hora, sabe ? De noite. Eu gostava de ter coragem de fazer passeios noturnos. Mas não tenho. O índice de criminalidade tem aumentado muito.

SUZANA . Tem ?

FERNANDA . Pelo menos, é o que se diz.

SUZANA . Se eu fosse você não acreditava em tudo que as pessoas dizem.

FERNANDA . Não acha que a criminalidade aumentou ?

SUZANA . Francamente, não.

FERNANDA . Pois é a primeira pessoa.

SUZANA . Eu não penso nessas coisas.

FERNANDA . Sorte a sua. Eu vivo apavorada. (Levanta, vai a ela) Bem, eu já vou indo. Pode me fazer um favor ? Quando seu marido voltar quer pedir a ele pra dar um pulinho lá em casa ?

O braço de Marcos cai para fora da manta.

SUZANA . Agora ? Por quê ?

FERNANDA . É uma longa história. Quem conseguiu essa casa pra vocês fui eu, sabe ?

SUZANA . Não, não sabia.

FERNANDA . Pois é. Fui eu. E logo antes de vocês se casarem seu marido me pediu se eu podia mandar pintar tudo. Não ficou ótimo ? (Ela olha a sala e se afasta, ficando de costas para Suzana. É aí que Suzana vê o braço caído, corre, esconde-o embaixo da manta, segundos antes de Fernanda tornar a olhar para ela) E mandou refazer os muros ao redor da propriedade, e reforçar a sustentação do barranco, nos fundos. E eu paguei pra ele. Aí, houve um desentendimento, eu viajei antes do que pensava e só voltei agora. Hoje ele me deu um cheque. Mas só há, pouco eu reparei



que ele botou a data errada. Escreveu 1987 em vez de 86. Eu não posso esperar um ano pra receber, posso ?

SUZANA . Claro.

FERNANDA . Então, peça pra ele ir lá em casa, porque eu quero ir ao banco amanhã cedo. E sei que vocês se levantam tarde. (Vai saindo)

SUZANA . Mas talvez o Guilherme não volte hoje.

FERNANDA . Como ?

SUZANA . Ele foi pescar.

FERNANDA . Pescar ? De noite ?

SUZANA . Ele adora. Às vezes, vai, fica dois dias na lancha.

FERNANDA . É mesmo ? (Volta. A perna de Marcos cai fora da manta, mas Fernanda ainda não percebe. Suzana, de novo, sim)

SUZANA . Mas isso não tem a menor importância. Eu tenho algum dinheiro aqui. Quanto é que ele te deve ?

FERNANDA . Pode parecer absurdo. Mas tudo custa uma fortuna, hoje em dia. São três milhões.

SUZANA (abre a pasta e pega três pacotinhos de dinheiro, empilhados) Olhe aqui. Pode me devolver omcheque amanhã. (Dá-lhe o dinheiro)

FERNANDO . Prefiro ir pegar agora.

SUZANA . Não tem pressa.

FERNANDA . Mas é o certo. Trago o cheque e aí você me dá o dinheiro.

SUZANA . Não, senhora. Eu insisto. Amanhã você traz.

FERNANDA . Então está bem. Obrigada.

SUZANA . Boa noite.

FERNANDA . Foi muita gentileza sua. (Vai sair, lembra-se) Estou muito feliz de ver que já está refeita.

SUZANA . Completamente. E obrigada pela sua ajuda.

FERNANDA . Eu faria de novo.

SUZANA . Não duvido.

Fernanda, finalmente, sai. Suzana fecha a porta e volta, aliviada. Se deixa cair na poltrona. Suspira fundo. Levanta, descobre o corpo de Marcos. Abre a manta no chão. Está de costas para a porta quando Fernanda reaparece.

FERNANDA (ao fundo, ainda sem ter visto o corpo de Marcos) Olha aqui: este dinheiro que você me deu está sujo de sangue! (Mostra sangue entre um pacotinho e outro) Você está ferida ? (Ela/avança, vê Marcos. Pára.)

Ele... está...

SUZANA (sem perder o controle). Está.

FERNANDA . Morto? (Suzana faz "sim" com a cabeça) Foi o Guilherme ?

SUZANA . Foi.

FERNANDA . Onde é que ele está ?

SUZANA . Já disse: pescando.



FERNANDA . Pescando coisa nenhuma. Ele me disse que detesta pescar. Que é que está acontecendo aqui ? (Fernanda cruza para o fundo, chama para o andar superior) Guilherme! Guilherme! (Sobe, chamando)

Suzana cruza para a pasta, que abre. Tira o revólver, que esconde nas costas. Fernanda volta.

SUZANA . Satisfeita ? Eu disse quebele tinha ido pescar.

Fernanda vai direto ao telefone.

SUZANA . Não adianta. O fio está cortado. (Quando Fernanda a olha, Suzana aponta o revólver para ela) Você é exatamente o tipo de vizinha que ninguém gosta de ter.

FERNANDA . Você não teriancoragem! (Recua)

SUZANA . Não ? (Atira. Fernanda corre. Suzana continua atirando até as balas acabarem. Fernanda está parada, de braços abertos, grudada de encontro à persiana. Não caiu. Pausa. Elas não entendem.)

FERNANDA (se apalpa). Eu não estou sentindo nada! Acho que estouviva. Ainda estou viva. Que é que está acontecendo comigo ?

Suzana corre para o corpo de Marcos. Ele está mesmo morto. Ela corre para a passagem da cozinha. Entra e logo volta, atônita, justamente no momento em que Guilherme aparece pela porta da entrada, vivíssimo. Ela dá com ele.

SUZANA . Guilherme!

GUILHERME . O Guilherme que você conhecia não existe mais. Você o matou. Com uma bala de festim. (Reação de Suzana) Só a primeira bala era verdadeira. As outras, não.

Suzana fica imóvel, de braços cruzados. Fernanda caminha lentamente para ele, querendo proteção, querendo saber.

GUILHERME . Quem vai tirar proveito do crime perfeito, sou eu. Como eu deixei você pensar que acreditava nas suas mentiras até o último momento, você matou seu cúmplice. E vai ter de pagar.

Suzana senta, sem palavra, na poltrona da baixa. Fernanda está perto dele.

GUILHERME (para Fernanda). Desculpe eu ter feito você passar por isso.

FERNANDA . Se eu tivesse morrido de susto você ia ficar com esse peso na consciência o resto da vida. Se tivesse consciência. Por que não me avisou ?

GUILHERME . Se eu explicasse, você não ia agir com naturalidade.

FERNANDA . Foi a única coisa que eu não fiz desde que entrei aqui.

GUILHERME . Não achou estranho eu te pedir pra vir aqui com essa história do cheque... mas só depois de ter ouvido um segundo tiro ?

FERNANDA . Pensei que você queria que eu a surpreendesse com um homem. VIVO.



não desse jeito!

GUILHERME . Eu precisava que você estivesse aqui. Tinha de ter uma testemunha. Você me perdoa ?

FERNANDA . Você sabe que eu não resisto quando um homem me pede perdão.

GUILHERME . Me faz mais um favor ?

FERNANDA . Depende.

GUILHERME . Esse é muito simples.

FERNANDA . Depois disso, tiro qualquer coisa de letra.

GUILHERME . Vá pra sua casa e telefone pra polícia.

FERNANDA (vai saindo). Já reparou que até nos momentos de crise você continua me mandando embora ?

GUILHERME . Quem sabe, um dia, não mandarei mais.

Fernanda vai sair, volta, beija-o no rosto. Sai. Pausa. Guilherme desce para perto de Suzana, que continua sentada.

GUILHERME . Sinto muito que tenha acabado assim, Suzana. Você não aproveitou a chance que eu te dei. Vivo, eu teria te defendido. Mas você me preferiu morto.

SUZANA . Você acha que tinha o direito de fazer o que fez ?

GUILHERME . No momento, acho que sim. Depois disso tudo acabar, não sei.

SUZANA . Eu só fiz o que você mandou. Você é meu cúmplice.

GUILHERME . É o que você vai dizer ? E quem vai acreditar ? Lembre-se de que eu sou um homem acima de qualquer suspeita, minha querida. Se eu fosse o advogado de acusação, provaria a minha culpa. Mas não sou. Por isso, só posso te dar um conselho amigo: arranje um ótimo advogado. Você vai precisar. Vai precisar muito.

FIM



8

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICASPARECER Nº 231 / 86TÍTULO: "O SEGUNDO TIRO"CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 10 ANOS (CONFLITOS EXISTENCIAIS)LEITURA DE TEXTO1. Identificação:

Título : "O Segundo Tiro"

Autor : Robert Thomas

Tradução e adaptação: Dorival Carper e Sérgio Viotti

Grupo Responsável: Kito Junqueira Produções Artísticas

2. Conteúdo:

Trata-se de texto teatral, em dois atos, registrando uma estória policial, cuja ação tem lugar numa casa de praia. Documenta a trama engendrada por um marido ciumento, Guilherme, advogado criminalista, que, duvidando da fidelidade da esposa, Suzana, procura, com o auxílio de uma velha amiga, Fernanda, descobrir se é traído pela mulher. Na verdade, no desenrolar dos acontecimentos se constata que tanto o marido quanto a esposa são desonestos, cada um procura colocar o outro em desvantagem, para tirar proveito da situação, inclusive recorrendo a atos ilícitos, até mesmo ao assassinato. Contudo, de tudo fica a lição de que o crime não compensa.

3. Parecer:

É de se ressaltar que, não obstante o fato do texto abordar tema destinado mais para adultos, o faz de forma moderada, numa linguagem simples, o que nos faculta opinar por sua liberação, para /



SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº _____/_____

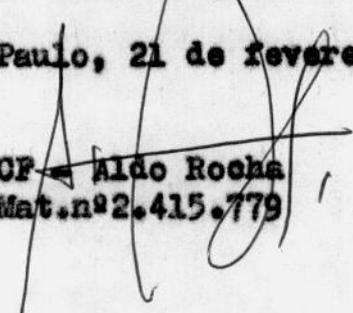
TÍTULO: "O SEGUNDO TIRO"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 10 ANOS (CONFLITOS EXISTENCIAIS)

-Continuação-

maiores de 10 (dez) anos, condicionada ao exame do ensaio geral, /
quando se poderá fazer uma avaliação mais adequada da peça.

São Paulo, 21 de fevereiro de 1986.

CP  Aldo Rocha
Mat.nº 2.415.779

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

232/86

**O SEGUNDO TIRO**

14 (quatorze) anos

Conflitos matrimoniais**XX****Ficha Técnica:****Autor:** Robert Thomas**Tradutores:** Dorival Carper e Sérgio Viotti**Local:** TAIB**Produtor:** Kito Junqueira Produções Artísticas**Assunto:**

Marido rico e ciumento, casado há pouco tempo com uma jovem viúva, combina com uma amiga, vizinha e ex-namorado, um plano para descobrir se sua esposa o trai. Apesar de constatada a infundabilidade das suspeitas, o marido não se dá por satisfeito e instala, oculto em uma escultura que dá de presente à esposa, um gravador.

Algum tempo depois, o aparelho de escuta acaba por revelar que sua mulher está sendo chantageada pelo falso jardineiro que, tendo sido amante dela, havia presenciado a cena em que ela teria assassinado o primeiro marido. A totalidade da gravação convence o esposo do amor que a mulher lhe dedica. Baseado nisto, abre o jogo com ela e, juntos, traçam um plano para eliminar o chantagista. Mas a seqüência de ludibrios revela uma trama dos dois amantes, golpistas de longa data, para ficar com parte da fortuna do endinheirado marido. Ambiciosa, a mulher mata o amante

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL



232/86

O SEGUNDO TIRO

14 (quatorze) anos
Conflitos matrimoniais

X

e pensa ter matado também o marido com o segundo tiro do revólver, um tiro com bala de festim. Bem sucedido em seu truque final, o marido, advogado conceituado, deixa nas mãos da justiça o inevitável castigo reservado à pérfida mulher.

Mensagem:

Cedo ou tarde, todos os maus são punidos.

Ensaio-geral:

O cenário é formado por uma sala de casa moderna com mobília de linhas contemporâneas, especificamente mesa com cadeiras, sofá, duas poltronas, mesa de centro, abajures, bar com banquinhos. As paredes são desenhadas de forma a não se ver nenhuma porta, apenas as passagens que levam a elas. A iluminação é ambiente. A sonoplastia e a expressão corporal não apresentam nada que seja de interesse censório.

Parecer: Pelo exposto e pela peça apresentar conflitos matrimoniais e tramas maquiavélicas, opino pela liberação para maiores de 14 (quatorze) anos.

São Paulo, 29 de abril de 1986.

FERNANDO ZANETTI

FERNANDO L. MOTTA ZANETTI
Censor Federal - Matr. 022,2471

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

233/86



O SEGUNDO TIRO

14 anos (conflitos existenciais)

Autor: Robert Thomas
 Trad: Dorival Carper e Sérgio Viotti
 Prod: Kito Junqueira Prod. Art.
 Local : Teatro TAIB

EXTRAI-SE CERTIFICADO DE
 ACORDO COM PARÂMETROS DOS CENSO

R 200

E 1

DPF / SR / SP

Chefe de SCBP

Conteúdo: Guilherme, advogado de renome e prestígio social, conhece e apaixona-se por Susana num cruzeiro marítimo, casando-se rapidamente com ela. Terrivelmente ciumento e desconhecendo o passado da esposa, passa a vigiá-la constantemente com o auxílio da ex-namorada. Utiliza-se de gravadores sofisticados e outros apetrechos para melhor observá-la, mas usa principalmente sua inteligência e experiência no trato da criminalidade. Descobre que Susana e o amante planejaram extorquir-lhe dinheiro e faz o jogo da esposa, não deixando transparecer. Ela guiada pela cobiça desmedida assassina o companheiro de aventuras e pensa ter se livrado também do marido, herdando sua fortuna, quando descobre ter sido ludibriada e tendo que responder pelo crime.

Mensagem: enfatizar a punição merecidamente reservada aos maus.

Ensaio Geral: O cenário ricamente mobiliado retrata a sala de estar e jantar da mansão de praia, decorada inteiramente em branco, com peças de designer moderno e detalhes decorativos contrastantes.

O figurino é sofisticado, com mudanças sucessivas de vestuário incluindo desde trajes de banho até vestidos de noite. Não foi constatada a presença de nu ou de marcações mais sensuais.

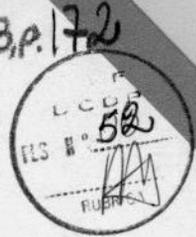
Parecer: Considerando a trama envolvida com sequências de assassinatos e desencontros matrimoniais, opino pela classificação do espetáculo para maiores de 14 anos.

São Paulo, 30 de abril de 1986.

Quatzen



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS



CERTIFICADO Nº **158/86-SP** ESPETÁCULO PARA: **TEATRO** ESPÉCIE: **PEÇA TEATRAL**

TÍTULO EM PORTUGUÊS: **"O SEGUNDO TIRO"**

TÍTULO ORIGINAL de: **ROBERT THOMAS**

EMPRESA, GRUPO OU DIRETOR: **KITO JUNQUEIRA PROD. ARTÍSTICAS**

CLASSIFICAÇÃO
**Proibido para Menores de
14 ANOS**

Válido até **02 DE MAIO DE 1991**

Emitido em **02 DE MAIO DE 1986**

Denzio Seimann
DENZIO SEIMANN DONNELLAS GOLLHO
CHEFE DO SCDP/SR/SP

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIIDADE
CONFLITOS EXISTENCIAIS

DISCRIMINAÇÃO DE CORTES:

Durand
CFIIA GOMES CARNEIRO DURAND
Chefe da SCC/SCDP/SR/DPF/SP

ENSAIO GERAL
Em 29 / 04 / 86
Durand
Chefe do SCDP/SR/DPF/SP

OBSERVAÇÕES:
Este certificado somente tem validade quando acompanhado do texto da peça emitido pelo SCDP/SR/DPF/SP. Válido em todo território nacional.

São Paulo, 02 de maio de 1986

TEATRO

TÍTULO " O SEGUNDO TIRO "

AUTOR DA PEÇA: " ROBERT THOMAS "

1) ARQUIVO

Clas. Anterior " 10 ANOS "

Praça " SCDP/SR/SP "

Obs.:

DF. 16 / MAIO / DE / 1986

Adilson
Resp. pela elaboração do Processo
ADILSON

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de / / a / /

DF. / /

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.9

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Argemiro de
DSB, 21/05/86
José Daulay Cardoso
CF - Matr 2096417
Chefe da S.C.T.C./SC/DCDP

Brasília - DF de de 1.9

5) DIRETOR DA D.C.D.P.